



UFRRJ

**INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS/ INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

DISSERTAÇÃO

**O DIREITO AO LAZER - O USO DO MAPA E A SOCIALIZAÇÃO
DE HOMENS GAYS NO BAIRRO DE MADUREIRA, RJ**

LEANDRO ROGÉRIO SANTOS DA COSTA ZANARDI

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**O DIREITO AO LAZER - O USO DO MAPA E A SOCIALIZAÇÃO
DE HOMENS GAYS NO BAIRRO DE MADUREIRA, RJ**

LEANDRO ROGÉRIO SANTOS DA COSTA ZANARDI

*Sob a orientação do professor doutor
Sérgio Ricardo Fiori*

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, na Área de Concentração Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

Nova Iguaçu - RJ
Maio de 2025

Z2272d

Zanardi, Leandro Rogério Santos da Costa, 1983-
O direito ao lazer: o uso do mapa e a
sociabilidade de homens gays no bairro de Madureira,
RJ / Leandro Rogério Santos da Costa Zanardi. - Nova
Iguacu, 2025.
172 f.

Orientador: Sérgio Ricardo Fiori.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
Geografia, 2025.

1. Território. 2. Lazer. 3. Homossexualidade. 4.
Cartografia. 5. Madureira (RJ). I. Fiori, Sérgio
Ricardo, 1972-, orient. II Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em
Geografia III. Título.

HOMOLOGAÇÃO DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 26/2025 - IGEO (11.39.00.34)

Nº do Protocolo: 23083.024475/2025-81

Seropédica-RJ, 14 de maio de 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS / INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LEANDRO ROGÉRIO SANTOS DA COSTA ZANARDI

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia**, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração em Espaço, Questões Ambientais e Formação em Geografia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 09/05/2025.

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Fiori
PPGGeo/ DEGEO / IM / UFRRJ (Orientador)

Prof. Dr. Francisco das Chagas do Nascimento Júnior
PPGGeo/ DEGEO / IM / UFRRJ

Prof. Dr. Ari da Silva Fonseca Filho
PPGTur / FTH / UFF

(Assinado digitalmente em 15/05/2025 14:18)
FRANCISCO DAS CHAGAS DO NASCIMENTO JUNIOR
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIM (12.28.01.00.00.87)
Matrícula: ####930#0

(Assinado digitalmente em 16/05/2025 01:43)
SERGIO RICARDO FIORI
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeGEOIM (12.28.01.00.00.87)
Matrícula: ####218#7

(Assinado digitalmente em 26/05/2025 13:59)
ARI DA SILVA FONSECA FILHO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ####.###.158-##

AGRADECIMENTOS

O trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001” e “This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

A conclusão desta dissertação representa não apenas o encerramento de uma etapa acadêmica, mas também a superação de inúmeros desafios pessoais e emocionais. Por isso, é com coração cheio de gratidão que expresso meus sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, que com amor incondicional, me apoiou constantemente com palavras de encorajamento. Servindo de alicerce em todos os momentos (bons e ruins). Porém, infelizmente meu pai, seu Ronaldo Alves da Costa partiu no dia 18 de julho de 2023 me deixando bastante desestruturado. E muito reflexivo, se eu tivesse forças o suficiente para seguir em frente. À minha família não convencional, que sempre acreditou em mim, mesmo quando eu duvidava. O carinho e o suporte de vocês foram essenciais para que eu continuasse caminhando, mesmo nos dias mais difíceis. Minha mãe, meu marido e meus dois afilhados que moram conosco, vocês foram cruciais para eu poder continuar, apesar das intempéries.

Aos companheiros de trabalho, que compreenderam minha ausência nos momentos mais intensos, ofereceram palavras de motivação e muitas vezes dividiram comigo o peso da rotina, emprestando livros e até mesmo computadores para que eu pudesse dar continuidade à pesquisa. Sou grato por cada gesto de apoio e compreensão.

Ao corpo docente do programa de mestrado de Geografia da UFRRJ, minha gratidão pela dedicação, paciência e orientação ao longo dessa jornada. Em especial ao meu orientador, o professor doutor Sérgio Ricardo Fiori, o seu ensinamento, o seu incentivo foram fundamentais para eu não arrefecer pelo percurso. Você foi mais do que um profissional, você foi muito humano comigo. Principalmente quando a minha enfermidade tentou me fazer parar. Você continuou acreditando em mim, me mantendo firme no propósito.

Este trabalho é fruto de uma jornada intensa e, acima de tudo, de muita resiliência. A todos que, de alguma forma, caminharam comigo até aqui, o meu mais profundo agradecimento! Houve momentos em que a vontade de desistir foi grande, mas hoje chego ao término do trabalho com coração cheio de gratidão e de alegria. Com o desejo de continuar a buscar por mais e mais conhecimento. Minha sincera gratidão!

RESUMO

ZANARDI, Leandro Rogério Santos da Costa. **O direito ao lazer - O uso do mapa e a sociabilidade de homens gays no bairro de Madureira, RJ.** 2025. 159 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2025.

Esta pesquisa buscou compreender como homens gays vivenciam o lazer no bairro de Madureira, no Rio de Janeiro, articulando os conceitos de territorialidade, direito à cidade e cognição cartográfica. A pergunta central foi: de que forma o lazer é acessado, apropriado e reinventado por essa população em um território marcado tanto pela efervescência cultural quanto por fortes traços de conservadorismo? Embora o lazer esteja vinculado ao bem-estar, seu acesso ainda é desigual. Homens gays enfrentam barreiras como a discriminação, exclusões simbólicas e riscos à integridade física, que limitam o uso livre e seguro de espaços públicos. Em Madureira — bairro conhecido pelo samba e a resistência cultural — essas tensões se apresentam de forma particular, revelando tanto restrições quanto possibilidades. A metodologia adotada foi qualitativa, com observação participante, entrevistas e, principalmente, a construção de mapas mentais. Esses mapas não apenas localizaram espaços de lazer, mas revelaram afetos, memórias e estratégias de circulação e resistência. Eles funcionaram como registros sensíveis da relação entre corpo, território e identidade. O referencial teórico incluiu autores como Lefebvre, Santos, Souza, Saquet e Bonnemaison para discutir produção do espaço e territorialidade; Peret, Aguião e Freitas para abordar espacialidades LGBTQIAPN+; e Dumazedier e Marcellino para tratar o lazer como expressão de cidadania. A cartografia afetiva foi fundamentada em Castellar, Fiori, Targino e Santaella, que defendem os mapas mentais como ferramentas críticas e subjetivas. Os resultados mostram que, apesar dos desafios, homens gays constroem formas criativas e resistentes de viver o lazer. A pesquisa também aponta perdas significativas, como o fechamento da boate Papa G, um importante ponto de encontro LGBTQIAPN+. Mais do que uma casa noturna, o espaço funcionava como território de memória e resistência, e seu encerramento simboliza o risco de apagamento de espaços historicamente conquistados. Assim, mapear e dar visibilidade a esses territórios ultrapassa os limites acadêmicos — é um gesto político. O lazer, quando acessado com liberdade, torna-se ferramenta de resistência e fortalecimento das identidades. Preservar esses espaços é essencial para uma cidade que respeita a diversidade.

Palavras-chave: Território, lazer, homossexualidade, cartografia, Madureira (RJ).

ABSTRACT

ZANARDI, Leandro Rogério Santos da Costa. **The Right to Leisure – Map Use and the Sociability of Gay Men in the Neighborhood of Madureira, Rio de Janeiro.** 2025. 159 pages. Dissertation (Master's in Geography). Institute of Geosciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, RJ, 2025.

This research aimed to understand how gay men experience leisure in the neighborhood of Madureira, in Rio de Janeiro, by articulating the concepts of territoriality, the right to the city, and cartographic cognition. The central question was: how is leisure accessed, appropriated, and reinvented by this population in a territory marked both by cultural vibrancy and strong conservative traits? Although leisure is associated with well-being, its access remains unequal. Gay men face barriers such as discrimination, symbolic exclusions, and risks to physical safety, which limit their free and safe use of public spaces. In Madureira — a neighborhood known for samba and cultural resistance — these tensions manifest in particular ways, revealing both constraints and possibilities. The study employed a qualitative methodology, including participant observation, interviews, and primarily the creation of mental maps. These maps not only identified leisure spaces but also revealed emotions, memories, and strategies of circulation and resistance. They served as sensitive records of the relationship between body, territory, and identity. The theoretical framework included authors such as Lefebvre, Santos, Souza, Saquet, and Bonnemaison to discuss the production of space and territoriality; Peret, Aguião, and Freitas to explore LGBTQIAPN+ spatialities; and Dumazedier and Marcellino to address leisure as an expression of citizenship. Affective cartography was grounded in the works of Castellar, Fiori, Targino, and Santaella, who advocate for mental maps as critical and subjective tools. The findings show that, despite numerous challenges, gay men construct creative and resilient ways of living leisure. The study also highlights significant losses, such as the closure of the nightclub Papa G, a vital LGBTQIAPN+ gathering spot. More than a nightlife venue, it functioned as a territory of memory and resistance, and its closure symbolizes the threat of erasure of historically claimed spaces. Therefore, mapping and giving visibility to these territories transcends academic boundaries — it is a political act. Leisure, when accessed freely, becomes a tool of resistance and identity empowerment. Preserving these spaces is essential for a city that respects diversity.

Keywords: Territory, leisure, homosexuality, cartography, Madureira (RJ).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sistematização do conceito de Território	18
Figura 2 - Os bairros que compunham a Freguesia de Irajá	22
Figura 3 - Estação ferroviária Dona Clara, localizada no bairro de Madureira, 1920	24
Figura 4 - Mercado de Madureira, 1937	26
Figura 5 - Mercadão de Madureira, segunda-feira, 14 de abril de 2025	26
Figura 6 - Viaduto Negrão de Lima, 1958	29
Figura 7 - Quadra do G.R.E.S. Portela	38
Figura 8 - Quadra do G.R.E.S. Império Serrano	39
Figura 9 - Entrada do baile sob o Viaduto Negrão de Lima	40
Figura 10 - Disk Jockey (DJ) animando a noite de baile sob o Viaduto Negrão de Lima	40
Figura 11 - Frequentadores se divertindo em mais uma noite de baile charme sob o viaduto Negrão de Lima	41
Figura 12 - Madureira Shopping, um dos principais shoppings centers do subúrbio carioca ..	42
Figura 13 - Frequentadores da Rua da Diversidade (Travessa Almerinda Freitas) e membros de grupos de luta por direitos LGBTQIAPN+	44
Figura 14 - Placa da Rua da Diversidade (Travessa Almerinda Freitas)	44
Figura 15 - Registro noturno da Travessa Almerinda Freitas/rua da Diversidade	45
Figura 16 - Instalações da boate Papa G	46
Figura 17 - Presença da cantora Ludmilla em trio elétrico na 17 ^a Parada do Orgulho LGBT de Madureira realizada no dia 26 de novembro de 2017	47
Figura 18 - Indivíduos LGBTQIAPN+ ocupando as espacialidades do bairro de Madureira em celebração à Parada do Orgulho	47
Figura 19 - Arte de divulgação da 20 ^a Parada do Orgulho LGBTI+ de Madureira, realizada no dia 26 de novembro de 2023	48
Figura 20 - Feira das Yabás ocupando a espacialidade da Estrada do Portela	49
Figura 21 - Parque Madureira, segunda-feira, 14 de abril de 2025	50
Figura 22 - Sinalização vertical, indicando a localização do Centro Cultural Casa do Jongo da Serrinha	55
Figura 23 - Instalações internas da Casa do Jongo da Serrinha	55
Figura 24 - Jongueiros se apresentando	56
Figura 25 - Estandarte da Casa do Jongo Serrinha em cortejo	56
Figura 26 - Fachada discreta do estabelecimento Show Bar, localizado na rua Carvalho de	

Souza	57
Figura 27 - Fachada discreta do estabelecimento K7 Cabines, localizado na rua Domingos Lopes	58
Figura 28 - Fachada da Casa Black	59
Figura 29 - Fachada do Pandora Club, localizado na Travessa Almerinda Freitas	60
Figura 30 - Rua Dagmar da Fonseca, domingo, 06 de abril de 2025	61
Figura 31 - Igreja Cristã Contemporânea de Madureira	63
Figura 32 - Boate Papa G, antigo restaurante e clube noturno Papa Leone	66
Figura 33 - Mapa da Antiguidade - Placa de Ga-Sur 2.500 a.c.	74
Figura 34 - O mapa romano de Peutinger	75
Figura 35 - Mundo de Eratóstenes - 220 a.C.	77
Figura 36 - Experimento de Eratóstenes	77
Figura 37 - Planisfério de Ptolomeu (150 a.C.)	78
Figura 38 - Modelo “TO” de Isidoro, de 1472	79
Figura 39 - Mapa árabe de Al-Idrisi	80
Figura 40 – Carta Portulana de Cantino - 1502	81
Figura 41 - Projeção de Mercator	83
Figura 42 - As ilustrações dos mapas Renascentistas	84
Figura 43 - Mapa da África em duas concepções	86
Figura 44 - Mapa da Geografia econômica e agrícola - Tableau Géographique de la France	88
Figura 45 - Os diversos tipos de sensoriamento	90
Figura 46 - Exemplo de utilização cartográfica computadorizada com sobreposição de mapas	91
Figura 47 - Sistema de Informação Geográfica (SIG)	92
Figura 48 - Comunicação da informação cartográfica	94
Figura 49 - Mapa desenvolvido para o lazer turístico no Rio de Janeiro	96
Figura 50 - Processo esquemático da comunicação cartográfica. Adaptado de Duarte (1991)	97
Figura 51 - A dualidade do signo	99
Figura 52 - Mapa e símbolos convencionais	100
Figura 53 - Mapa e símbolos pictóricos	101
Figura 54 - Recorte do mapa turístico de Cadiz, Espanha – versão convencional	103
Figura 55 - Recorte do mapa turístico Niagara Falls – versão pictórica	103

Figura 56 - Esquema da Teoria da Comunicação adaptado a Cartografia	106
Figura 57 - Mapa mental dos elementos urbanos do município de Cambé/PR elaborado por uma criança de nove anos que cursa a quarta série do ensino fundamental	112
Figura 58 - Mapa mental dos elementos urbanos do município de Cambé/PR elaborado por um adolescente de quartoze anos que cursa a oitava série do ensino fundamental	112
Figura 59 - Mapa mental das edificações e culturas perenes do Campus SJE do IFMG elaborado por um aluno do terceiro módulo do curso técnico em agrimensura do IFMG ...	113
Figura 60 - Mapas mentais com o tema “Meu lugar no mundo de hoje” elaborados por alunos do sexto ano do ensino fundamental da Escola Irmão Damião - Lagoa Seca/PB	114
Figura 61 - Mapas mentais com o tema “Minha paisagem cotidiana” elaborados por alunos do sexto ano do ensino fundamental da Escola Irmão Damião - Lagoa Seca/PB	115
Figura 62 - Mapas mentais com o tema “Lagoa Seca no Google Maps” elaborados por alunos do sexto ano do ensino fundamental da Escola Irmão Damião - Lagoa Seca/PB	115
Figura 63 - Síntese do mapa mental	116
Figura 64 - Quadro de variáveis visuais de J. Bertin	121
Figura 65 - Quadro comparativo das relações fundamentais da representação gráfica	122
Figura 66 - Quadro com as relações fundamentais entre os objetos	123
Figura 67 - Classificação dos símbolos cartográficos de acordo com sua dimensão espacial	124
Figura 68 - Classificação dos símbolos cartográficos de acordo com sua categoria	125
Figura 69 - Travessa Almerinda Freitas, quarta-feira, 12 de março de 2025	128
Figura 70 - Mapa mental elaborado por frequentador	137
Figura 71 - Mapa mental elaborado por frequentador	138
Figura 72 - Mapa mental elaborado por frequentador	138
Figuras 73 e 74 - Mapas mentais elaborados de frequentador	139
Figura 75 - Mapa mental elaborado por frequentador	140
Figura 76 - Mapa sobre as possibilidades de lazer LGBTQI+ em Madureira	142
Figura 76 - Mapa sobre o Lazer e turismo LGBTQIAP+ em Madureira	146

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de mortes violentas de LGBTQIAPN+ no Brasil entre 2000 e 2023	7
Gráfico 2 - Tipificação das mortes violentas de LGBTI+ no Brasil, por segmento, em 2023	
.....	7

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I - TERRITORIALIDADE E O DIREITO AO LAZER: TRAVESSA ALMERINDA FREITAS, MADUREIRA	17
1.1. - Espaço e território e territorialidades humanas	17
1.2. - Madureira: caracterização da área de estudo e a comunidade gay	22
1.3. - O conceito de lazer	30
1.3.1. - O lazer enquanto direito: as atuais práticas de lazer em Madureira	32
1.4. – O lazer LGBTQIAPN+ em Madureira: um olhar para TV Almerinda Freitas	63
CAPÍTULO II - HISTÓRIA E ABORDAGENS CARTOGRÁFICAS: DA PERCEPÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO AOS MAPAS DE ORIENTAÇÃO PARA O LAZER	73
2.1. - A cartografia ao longo do tempo: tipos e intenções	73
2.2. - As diferentes abordagens metodológicas e o mapa: Teoria da Comunicação, Cognitivismo e a Semiologia Gráfica	105
CAPÍTULO III - AVALIAÇÃO E ANÁLISE DOS MAPAS MENTAIS E PROPOSTA DE UM MAPA PARA O LAZER LGBTQIAPN+ NO BAIRRO DE MADUREIRA	127
3.1. – Desenvolvimento do estudo empírico	127
3.1.1. – Procedimentos – abordagem, perfil e questões aos entrevistados	130
3.2. - Produto cartográfico: um mapa para o lazer de Madureira LGBTQIAPN+	135
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	148
APÊNDICE 1 : QUESTIONÁRIO APLICADO A HOMENS GAYS FREQUENTADORES DO LUGARES DE LAZER DO BAIRRO	158

INTRODUÇÃO

A adolescência é um período da formação de nossa identidade, o que, em geral, torna esse trecho da vida muito problemático. O processo pode ser ainda mais doloroso, quando o indivíduo está em desacordo com a norma padrão da sociedade regida pela heteronormatividade. A partir da minha adolescência, essa dinâmica foi vivenciada por mim, ao me enxergar como um homem gay. A percepção foi carregada de dúvidas, conflitos, questionamentos e silenciamentos. Tais sentimentos permearam a formação de minha homossexualidade.

E durante o meu conflito - final da década de 1990 e início da década de 2000 - recordo que havia poucos debates sobre identidade e sexualidade, mesmo com a recente popularização dos computadores pessoais e da internet, que facilitava o acesso às informações.

A aura de anormalidade da minha sexualidade desviante do padrão heteronormativo, causava-me dúvidas, incertezas e desconfortos. Os conflitos me colocaram na posição de ser uma pessoa invertida e desviada. E ao me tornar adulto, essas dúvidas, incertezas e desconfortos não cessaram; muito pelo contrário, eram cada vez maiores e latentes, afetando diretamente na formação da autoestima e no reconhecimento da autoimagem.

Ao cursar a minha licenciatura em Geografia tinha a expectativa que debates sobre as sexualidades fossem um lugar comum nas discussões das disciplinas, principalmente devido ao fato de que outros debates ocorriam de forma corriqueira, tais como: sustentabilidade, ecologia, preservação dos povos originários, proteção à parcela da população marginalizada, que estavam em uma crescente nos círculos acadêmicos. Porém, nesses mesmos círculos acadêmicos não se debatia a questão da sexualidade com a mesma facilidade e intensidade.

Isto fez com que o debate sobre sexualidade não fosse vivenciado por mim nas aulas assistidas na universidade, mas pude experimentar na espacialidade da Travessa Almerinda Freitas, no bairro de Madureira, zona norte do Rio de Janeiro. Os debates e vivências não continham uma sistemática teórico-metodológica, porém eram ricos em empiricidade. Carrego lembranças afetivas de que a Travessa foi fundamental para a formação de minha identidade de homem gay de forma positiva. Até porque, foi a minha grande experiência relacional com outras pessoas que estavam na mesma situação que me encontrava, ou seja, de possuir uma identidade sexual fora do padrão heteronormativo.

Passados mais de 20 anos, a Travessa ainda se apresenta como um gueto para que ocorra as relações sociais e afetivas dos indivíduos que fogem a regra heteronormativa padrão

de nossa sociedade.

Dentro desse contexto, é importante frisar que o uso do termo homossexual, assim como o termo heterosexual, foi proposto e cunhado no século XIX para designar um pólo sexual desviante a ética sexual da burguesia. A partir do momento que o indivíduo possui desejos sexuais pelo mesmo sexo e apresenta algum dos pontos que constitui o conjunto identificatório da homossexualidade - a forma como uma pessoa se expressa por meio de comportamentos, roupas, linguagem corporal e outros aspectos relacionados ao gênero - pode fazer que esse sujeito homossexual sofra opressões e tenha sentimento de culpa; consequência do conflito interno. É importante destacar que a homossexualidade é uma orientação sexual, e não uma característica que possa ser identificada por um único conjunto de comportamentos ou características externas. As identidades sexuais e de gênero são amplamente diversas, e o conjunto identificatório da homossexualidade é um conceito fluido e subjetivo, que pode ser entendido de maneira diferente por diversas culturas, períodos históricos e por cada indivíduo (Costa e Heidrich, 2007).

Não por acaso, na sociedade burguesa:

Casamentos não mais eram somente para procriação e vínculos a valores econômicos, mas o casamento começa a representar a beleza do amor entre um homem e uma mulher e a fortaleza do casal proporciona a ascensão social. Aos poucos se faziam calar qualquer outra possibilidade erótica e afetiva que fugisse a beleza do amor entre um pai e uma mãe de família. A tudo que fugisse desses propósitos começa a ser aprisionado pelos estudos científicos e pelas obras literárias. Por um lado, funda-se a identidade de gênero no sistema familiar romântico heterosexual, por outro, discursos médicos e literários aprisionam outras expressões a identificações desviantes, dando sentidos sociais a expressões de prazeres diversos fora do projeto familiar. O principal pólo desviante foi, e é, até então, a homossexualidade (Costa e Heidrich, 2007, p.12).

Ribeiro (2010) afirma que o processo de resistência a essa heteronormatividade tem como marco moderno os protestos iniciados no dia 28 de junho de 1969, no Bar Stonewall Inn em Nova Iorque. Quando transexuais, gays e lésbicas se insurgiram contra diversos dispositivos de opressões. Essa resistência reverberou também aqui no Brasil, pois tanto aqui como lá nos Estados Unidos, era muito comum à época a prática de ações opressoras que se baseiam em discursos médico-psiquiátrico que colocavam todas e quaisquer relações afetivas-sexuais que não fossem entre um homem e uma mulher na categoria clínica de patologia. Neste contexto é cunhado o termo homossexualismo, com o propósito de marginalizar a homossexualidade e categorizando-a em doença da inversão sexual. Os movimentos gays surgidos na década de 1970 são reações políticas de luta e resistência contra as formas de estigmatização, criminalização e patologização. Assim como citado em Ribeiro (2010, p.55):

“A contracultura dos anos 1960 [...] favoreceu o surgimento e a articulação dos novos movimentos de gays e lésbicas, com uma identidade mais política e de enfrentamento social”. Os movimentos passaram a afirmar a identidade gay como algo positivo através do auto reconhecimento, do pertencimento e da resistência dentro da sociedade; promovendo assim o “Orgulho gay”.

O movimento gay levou (e continua levando) a importantes mudanças na lei de muitos países para descriminalizar a homossexualidade. Ao mesmo tempo, permitiu o surgimento de espaços de liberdade e lazer em várias cidades do mundo. É nesse marco social de forte identidade gay que produzem novos discursos e práticas, no final dos anos 1980, denominados movimentos *queer*¹ ou teoria *queer* (Ribeiro, 2010, p.56).

Ainda de acordo com Ribeiro (2010), a teoria *queer* questiona as categorias fixas de identidade de gênero e sexualidade, desafiando a normatividade e as classificações binárias (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). A teoria propõe que essas identidades são construções sociais mutáveis, não essências fixas, e critica as normas que impõem padrões de comportamento baseado no sexo biológico. Ribeiro também destaca que a teoria *queer* se baseia no pensamento que enfatiza que gênero e sexualidade são performativos, ou seja, são produzidos e reproduzidos através de práticas sociais e culturais.

A atração emocional, afetiva, romântica e/ou sexual por pessoas acontecem nas mais variadas formas e o acrônimo LGBTQIAPN+ tenta representar essa diversidade de orientações sexuais e de identidade de gênero. Cada letra tem um significado específico: L (lésbicas) - mulheres que sentem atração afetiva e/ou sexual por outras mulheres; G (gays) - homens que sentem atração afetiva e/ou sexual por outros homens; B (bissexuais) - indivíduos que sentem atração por homens e mulheres; T (transgêneros, transexuais e travestis) - pessoas cuja identidade de gênero difere do sexo atribuído no nascimento; Q (queer ou questionando) - termo abrangente para identidades que questionam normas de gênero e sexualidade; I (intersexo) - pessoas que nascem com características sexuais que não se encaixam nas definições típicas de masculino ou feminino; A (assexuais e arromânticos) - pessoas que sentem pouca ou nenhuma atração sexual (assexuais) ou pouca ou nenhuma atração romântica (arromânticos); P (pansexuais) - pessoas que sentem atração por outras independentemente do gênero e da orientação sexual; N (não binárias) - pessoas cuja identidade de gênero não se encaixa na divisão tradicional entre masculino e feminino; + - representa outras identidades, gêneros e orientações que não estão explicitamente incluídas no acrônimo, reconhecendo a

¹ Movimento queer ou teoria queer abrange uma série de identidades marginais como gays, lésbicas, transexuais, bissexuais, transgêneros, entre outras (Ribeiro, 2010).

diversidade dentro da comunidade.

Assim, parte-se do pressuposto que a sociedade contemporânea apresenta uma enorme diversidade de sujeitos e grupos sociais. Por intermédio da diversidade são fundados complexos contextos de possibilidades humanas (Costa e Heidrich, 2007). Nesse cenário de possibilidades, a Travessa é transformada in loco para a diversidade.

Para poderem expressar desejos contidos e não serem discriminados na normalidade do cotidiano, indivíduos transcendem suas intimidades em espaços localizados possíveis de liberdade restrita, formando os chamados guetos (parques, ruas específicas, boates, saunas, etc.). No gueto, a cultura gay emerge e se produz pela relação com a exterioridade heteronormativa, reproduzindo aspectos dos regramentos de gênero e exercendo as características possíveis do pólo desviante homossexual. Em uma sociedade de contradições [...], onde liberdade e constrangimentos convivem mutuamente, o gueto transforma-se em movimento de inserção social (formal e informal) que leva a determinação de uma alteridade parte da sociedade (Costa e Heidrich, 2007, p.22).

Desde o início dos anos 2000 até os dias atuais, a Travessa Almerinda Freitas, localizada em Madureira, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, tem sido frequentada por indivíduos da comunidade LGBTQIAPN+, que ali se reúnem em momentos de lazer e sociabilidade. Nesse espaço, o tempo livre é vivenciado como oportunidade de encontro, expressão identitária e construção coletiva de pertencimento. As festas realizadas no local assumem múltiplos significados: para os frequentadores, funcionam como válvulas de escape diante das tensões cotidianas de uma vida marcada por estigmas, discriminações e sobrecargas emocionais; para os empresários, por outro lado, tais eventos representam oportunidades de investimento e lucro a partir da exploração de nichos específicos de consumo ligados à cultura LGBTQIA+, fenômeno frequentemente associado ao chamado "*pink money*"² ou mercado gay. Costa e Heidrich (2007) destacam que os sistemas sexuais que se desviam da heteronormatividade tendem a formar espaços de convivência próprios, muitas vezes isolados do restante do tecido social. Esses territórios são frequentemente estruturados pela reprodução do capital, ancorada em especificidades culturais e padrões de consumo próprios da população LGBTQIA+. Nesse contexto, as festas realizadas nesses espaços podem não apenas funcionar como manifestações culturais, mas também como instrumentos de fortalecimento de movimentos sociais por meio de ações afirmativas. A Travessa Almerinda Freitas, nesse sentido, revela-se um território de grande relevância social e econômica. Sua centralidade estratégica — situada em uma área de intenso fluxo urbano, comércio ativo e acesso facilitado

² O termo *pink money* refere-se ao poder de consumo da comunidade LGBTQIAPN+ e ao uso mercadológico dessa população por empresas que buscam lucrar com sua identidade e estilo de vida. Como por exemplo, muitas marcas promovem campanhas voltadas ao público LGBTQIAPN+, especialmente durante o mês do orgulho, mas nem sempre apoiam efetivamente a causa (Mott e Cerqueira, 2001).

por diversos modais de transporte — potencializa seu papel como espaço de encontro, visibilidade e afirmação para a comunidade LGBTQIA+. Além disso, Madureira, enquanto um dos principais centros da Zona Norte do Rio de Janeiro, agrega valor simbólico e prático ao local, por reunir elementos fundamentais como transporte público, dinamismo comercial e expressiva vida cultural.

De maneira breve, Dumazedier (1973, p.34) estabelece o lazer como:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.

Segundo Fiori (2010), o lazer pode ser classificado em sete tipos de interesses, que refletem diferentes formas de vivência e apropriação do tempo livre. Esses interesses são: Lúdico - Envolve atividades recreativas e brincadeiras, promovendo prazer e entretenimento; Físico-esportivo - Relacionado à prática de atividades físicas e esportivas, tanto de forma recreativa quanto competitiva; Intelectual - Atividades que estimulam o pensamento, a reflexão e o aprendizado; Artístico - Expressão e apreciação de manifestações artísticas e culturais; Manual - Envolve atividades produtivas e artesanais feitas por prazer; Turístico - Refere-se ao deslocamento e à exploração de novos lugares com fins recreativos e; Social - Relacionado à interação e ao convívio entre pessoas em momentos de lazer.

De acordo com Marcellino (1996), o lazer deve ser compreendido conjuntamente com outras esferas da vida social, como o trabalho, a educação, a cultura e a vida familiar, pois ele não existe isoladamente, mas é influenciado por fatores socioeconômicos, históricos e culturais. Dessa forma, o lazer é um fenômeno social complexo, condicionado por fatores estruturais, mas também um espaço de resistência, expressão e transformação social. Sendo assim, a socialização entre os indivíduos pode permitir que ocorra diferentes práticas de lazer que proponham atividades culturais e artísticas que contribuam para a promoção de ações afirmativas para a comunidade LGBTQIAPN+ em Madureira. Para que tal objetivo seja alcançado é necessário que ocorra a democratização do acesso ao lazer. Pois, o lazer tem um papel educativo, pois possibilita aprendizado informal e desenvolvimento de habilidades. Além do mais, o lazer também se relaciona com a convivência comunitária, sendo uma oportunidade para fortalecer laços sociais e promover interações significativas. A Travessa ao servir de suporte básico para a comunidade LGBTQIAPN+ do subúrbio carioca retira dos subterrâneos da sociedade o sujeito homossexual e dá protagonismo a ações que contradizem

as normativas heterossexuais por meio de atividades de lazer. Assim reforçam Costa e Heidrich (p.17-18, 2007), no trecho abaixo:

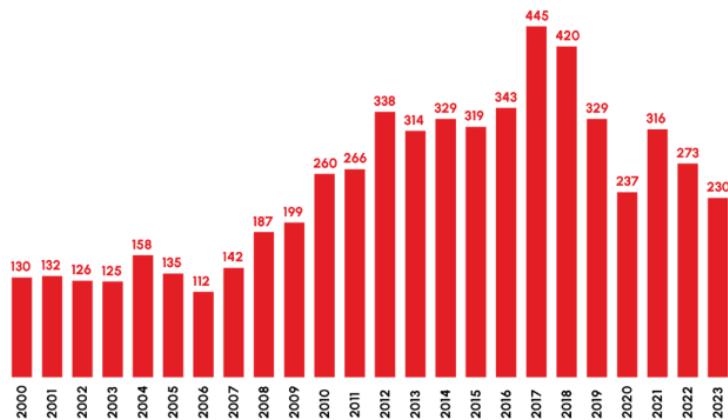
O sujeito homossexual talvez não esteja mais tanto nos subterrâneos da sociedade e agora se apresenta mediante ações concretas para sua inserção, como, por exemplo, as ações dos grupos e ONG's gays organizadas que se mobilizam para pressionarem as legislações e legalizarem medidas antipreconceitos. Assim sendo, o meio social está infestado de ações homoeróticas que contradizem a estabilização das normativas heterossexuais.

É importante frisar que frequentemente a população LGBTQIAPN+ sofre com assédios e discriminações em espaços de lazer heteronormativos. Sendo passíveis de insultos, xingamentos, olhares desrespeitosos, fotografias ou filmagens sem consentimento, comentários desrespeitosos, toques indesejados ou até mesmo agressões físicas. Esse assédio pode causar consequências que vão além das marcas físicas, inclusive tendo potencial de contribuir para o desenvolvimento de problemas de saúde mental, como depressão e transtorno de estresse e ansiedade. A cotidianidade das barbáries pode culminar em um isolamento social de pessoas LGBTQIAPN+. Tais ações parecem banais, no entanto podem gerar interações regidas pela discriminação de um determinado sujeito ou de um determinado grupo. Devido a esses fatores pautados, tem-se a percepção da importância do surgimento e da manutenção de espaços de lazer LGBTQIAPN+. Subvertendo uma lógica que é construída na negação da diversidade e no preconceito sustentado em estereótipos de uma identidade considerada desviante. Acima de tudo é importante reconhecer e combater essa discriminação, promovendo a inclusão, a diversidade e a igualdade para todos. Porém, essa violência está enraizada em nossa sociedade, onde tais preconceitos são reproduzidos até mesmo por indivíduos que são marginalizados, mesmo que sem intencionalidades. Um exemplo dessa reprodução de preconceito sem intencionalidades é a alcunha de “Rua da Lama” dada a Travessa Almerinda Freitas. Termo cunhado principalmente por pessoas LGBTQIAPN+ que frequentam este logradouro. O nome “Rua da Lama” - termo vulgar e LGBTfóbico - provavelmente tenha surgido devido ao fato da ocupação do espaço por pessoas e estabelecimentos LGBTQIAPN+ (Costa, 2017).

A partir do contexto da cotidianidade das barbáries, as sociedades tendem a se estruturar de forma excludente, ou seja, onde indivíduos/grupos são mais merecedores de benefícios do que outros; a elite dominante desfruta-se de discursos ideológicos que culpabilizam mulheres, negros e LGBTs pelo próprio infortúnio. Uma construção ideológica que convence tais grupos de sua inferioridade, retirando a possibilidade da existência social,

moral e territorial. Fanon, em seu complexo de inferioridade, disserta que a ocupação territorial vai refletir tal perversidade (Gráficos 1 e 2). Por tudo isso, o espaço que a Travessa ocupa é importantíssimo para a população pertencente ao acrônimo LGBTQIAPN+ ao servir de refúgio a realidade de estigmatização, humilhação e discriminação. Vale enfatizar que tal comunidade é severamente vulnerável à violências e negativas dos Direitos Fundamentais. Contudo, tal ocupação só foi possível devido à baixa circulação de pessoas no logradouro citado acima. A Travessa, então, surge como uma heterotopia de desvio, isto é, lugar às margens da sociedade, geralmente em localidades vazias, sendo ocupada por indivíduos de comportamento desviantes à norma exigida (Foucault, 2013).

Gráfico 1 - Número de mortes violentas de LGBTQIAPN+ no Brasil entre 2000 e 2023



Fonte: Acontece LGBTI+, Grupo Gay da Bahia, Observatório de mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil (2023)

Gráfico 2 - Tipificação das mortes violentas de LGBTI+ no Brasil, por segmento, em 2023



Fonte: Acontece LGBTI+, Grupo Gay da Bahia, Observatório de mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil (2023)

Ao pensar especificamente na comunidade LGBTQIAPN+, essa parcela da população que se encontra fora da norma exigida pela heteronormatividade, são sistematicamente excluídos da participação na força de trabalho, constatada em dados estatísticos refletidos nas baixas taxas de empregabilidade, evidenciando a discriminação ocupacional. De acordo com o levantamento *Out in the World: Securing LGBT Rights in the Global Marketplace*³, produzido pela *Center for Talent Innovation* no ano de 2019, denúncia que:

61% dos funcionários gays e lésbicas decidem esconder sua sexualidade de gestores e colegas em razão do medo de perderem o emprego. Os números são altos em várias áreas: 33% das empresas do Brasil não contratariam para cargos de chefia pessoas LGBT; 41% dos funcionários LGBT afirmam terem sofrido algum tipo de discriminação em razão da sua orientação sexual ou identidade de gênero no ambiente de trabalho; e 90% de travestis se prostituem por não terem conseguido nenhum outro emprego, até mesmo aquelas que têm boas qualificações (Simor, 2020).

Além de que a população LGBTQIAPN+ tem historicamente enfrentado exclusão e marginalização nos mais diversos âmbitos sociais, o que repercute diretamente em sua inserção no mercado de trabalho, na participação política institucional, na vida econômica e cultural, bem como no acesso ao lazer e à cidadania plena. A análise dessa realidade exige uma abordagem interseccional, que considere não apenas a identidade de gênero e a orientação sexual, mas também os fatores socioeconômicos que influenciam os níveis de vulnerabilidade dessa população (Pinheiro, 2022).

A luta por direitos da população LGBTQIAPN+ no Brasil tem avançado de forma desigual. Embora conquistas legais tenham sido registradas, como o reconhecimento da união estável homoafetiva e a criminalização da homofobia, essas vitórias jurídicas não garantem, por si só, equidade no cotidiano das relações sociais e econômicas. Assim foi denunciada na audiência pública do Observatório Parlamentar da Revisão Periódica Universal (RPU), uma parceria da Câmara dos Deputados e o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos, realizada no final do primeiro semestre de 2021. Também foi apontado que, apesar dos avanços legislativos, a comunidade LGBTQIAPN+ ainda enfrenta exclusão sistemática, principalmente pela ausência de políticas públicas específicas de empregabilidade. Cujo o mercado de emprego ainda está regido por preconceitos que dificultam o acesso a vagas dignas e estáveis pela população LGBTQIAPN+ (Pessoa, 2021).

Essa marginalização econômica afeta principalmente pessoas trans e travestis, que,

³ “No mundo: garantindo os direitos LGBT no mercado global”, em tradução livre.

devido à transfobia estrutural, encontram maiores barreiras para concluir sua formação escolar e são empurradas para atividades informais e precárias, como o trabalho sexual. Nesse sentido, é urgente a importância de ocupar espaços políticos como forma de transformar estruturas. Pois, desta forma, visa garantir políticas institucionais que garantam o acesso e a permanência de pessoas trans no mercado de trabalho. Reconhecendo que a representatividade incide diretamente na formulação de políticas públicas mais inclusivas (Silva, 2021).

Apesar do relativo aumento da ocupação de posições políticas institucionais por pessoas LGBTQIAPN+ nas últimas eleições, continua sendo numericamente poucos/as os/as parlamentares eleitos/as. O sucesso de pessoas LGBTQIAPN+ nas eleições ainda é um fenômeno raro e condicionado a contextos muito específicos. Isso evidencia a dificuldade de transpor a representatividade simbólica para a representatividade efetiva (Bourdieu, 1980 apud. Pinheiro, 2022). A política institucional, historicamente excludente, continua sendo um espaço de privilégio cisheteronormativo, tornando a inserção LGBTQIAPN+ um desafio que precisa ser enfrentado por meio de ações afirmativas. Assim como, expõe Santos (2016) apud. Pinheiro (p.2, 2022):

Apesar da mobilização do movimento homossexual, atualmente designado pela sigla LGBTQIAPN+, ou seja, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Neutros, Pansexuais e (+) demais segmentos, a luta das minorias sexuais continua a ocupar uma posição de marginalidade nas instituições representativas no Brasil

Tal exclusão se estende aos espaços culturais e de lazer. A desigualdade de renda e a precarização do trabalho dificultam o acesso a eventos culturais, esportivos ou artísticos, criando uma segmentação social que transforma o lazer em privilégio de poucos. O esperançar de uma nova realidade social mais humana, mais inclusiva, mais justa e mais colorida perpassa na conquista de espaços que historicamente foram negados a população LGBTQIAPN+, essas conquistas inclui na garantia do acesso à cultura e ao lazer, que também é um direito humano que deve ser garantido a todas as pessoas (Reinholz, 2024).

Como afirma Marcellino (1996), a apropriação desigual do lazer está diretamente relacionada a fatores econômicos. Em geral, indivíduos que ocupam profissões de baixa remuneração dispõem de pouco tempo livre para o lazer, além de recursos financeiros limitados para acessá-lo. Muitas vezes, enfrentam jornadas de trabalho exaustivas ou longos deslocamentos diários até seus locais de trabalho, o que compromete ainda mais seu tempo disponível. Marcellino (1996, p. 24) destaca que “sempre tendo como pano de fundo esse

fator econômico, podemos distinguir uma série de fatores que inibem e dificultam a prática do lazer, fazendo com que ela se constitua em privilégio. São as barreiras intraclasses sociais". Nesse contexto, a espacialidade ocupada pela Travessa Almerinda Freitas configura-se como uma das poucas possibilidades de lazer para uma população majoritariamente composta por homens gays negros e periféricos. Tal territorialidade reforça sua importância não apenas como espaço de convivência, mas também como símbolo de luta e resistência dessas pessoas, bem como dos movimentos de lésbicas e transgêneros. Tal território permite que o lazer se manifeste de maneira democrática, mesmo em um espaço que não foi concebido com essa finalidade.

É responsabilidade do poder público — em todas as suas esferas (municipal, estadual e federal) — garantir o acesso universal ao lazer por meio de políticas públicas que promovam o contato da população com práticas artísticas, físicas, manuais, intelectuais e sociais. Nessa perspectiva, o lazer deve ser incentivado de forma ampla e irrestrita, cabendo ao Estado atuar de maneira efetiva para assegurar o acesso às artes, às culturas, à intelectualidade e à sociabilidade como direitos de todos. A superação das barreiras que impedem o acesso ao lazer é fundamental, pois tais desigualdades aprofundam a segregação social, comprometendo não apenas a inclusão econômica, mas também o bem-estar psicológico e o pleno exercício do direito à cultura e ao lazer — elementos essenciais à cidadania (Marcellino, 1996).

A “alfabetização” cultural pode e deve ocorrer por múltiplas vias: não apenas por meio do ensino formal (como a escola e a linguagem escrita), mas também por processos informais de aprendizagem — como aqueles proporcionados por movimentos sociais, expressões sensoriais, experiências visuais e sonoras, e atividades manuais. Oferecer à população diferentes possibilidades de escolha e vivência cultural no cotidiano é assegurar o direito de experienciar a cultura de forma mais ampla, acessível e inclusiva.

O potencial da arte está na sua experimentação e no que ela desencadeia nessa vivência [...]. Não se trata, portanto, de supervalorizar ou de desvalorizar a arte, mas de entendê-la inserida no contexto socioeconômico: para que todos tenham acesso a todo o seu potencial [...]. Potencializar e ampliar tais importantes dimensões humanas passa a ser uma necessidade (Marcellino, 2007, p.77-70).

Pode-se afirmar, como hipótese, que a cultura desempenha um papel fundamental na transformação do espaço em espaço-território - o lugar onde se estabelecem relações de poder. No interior desses espaços-territórios, os indivíduos desenvolvem a noção de enraizamento por meio de hierarquias, conexões e redes, construindo, assim, suas identidades.

Essa ideia se alinha à perspectiva de Bonnemaison (1981), que argumenta que o espaço-território se torna um núcleo afetivo e cultural vinculado a uma terra. Dessa forma, compreender como essas articulações espaciais se estruturam é essencial para enfrentar as diversas formas de LGBTfobia.

Peret (2005) complementa ao inferir que em um grupo, a diversidade também pode ser posta como elemento de coesão, tendo como aspectos comuns a sexualidade e a orientação sexual. Sendo assim, a Travessa Almerinda Freitas se converte em um importante suporte sobre o qual se constroem as identidades para a diversidade, em um constante movimento social e político que envolve processos de transformação de mentalidades. Enquanto os atores políticos ocupantes desse espaço pensam e repensam estratégias de resistência e visibilidade às causas LGBTQIAPN+. Por exemplo, a realização da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ no bairro de Madureira, que se expande para além do território da Travessa, possibilita uma poderosa estratégia de resistência e de mudança das estruturas sociais na localidade. Isto porque, traz a oportunidade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, entre outros, tomar consciência de sua própria existência, como sujeitos políticos possuidores de direitos (Fanon, 2020).

Ações de promoção da equidade e de promoção de estratégias que visem enfrentar as diferentes discriminações de forma articulada são essenciais para estruturar a conjuntura contra-hegemônica. Para definir a resistência da elite dominante heteronormativa, as palavras de Gramsci (2020) são verdadeiras ao registrar que o velho está morrendo e o novo não pode nascer. Nesse contexto, é essencial o combate ao racismo, ao sexismo, à homofobia e a transfobia, mesmo que o grupo sócio político hegemônico disponha de mecanismos que combatam tais estratégias de resistência. Seguindo tal lógica, as produções da cartografia social podem auxiliar no combate às discriminações sendo uma poderosa ferramenta de denúncias ao dar visibilidade às narrativas dos oprimidos e marginalizados.

Aliás, a representação do espaço pode ser uma das maneiras de se compreender e comunicar sobre o mundo, sendo possíveis diferentes formas de representá-lo, ao oportunizar os diálogos entre o sujeito e suas relações com o espaço. O mapa é um importante instrumento de produção de conhecimento, devido ao seu poder de codificar e descrever o espaço representado. A partir dos mapas, percebem-se nossas relações com o tempo, com o espaço e com nossa própria identidade (Peret, 2005).

Neste contexto, num primeiro momento, a pesquisa faz uso da abordagem cognitivista, mais especificamente, dos mapas mentais para representar o espaço de forma mais livre, subjetiva e não cartesiana (não há escala, direções cardeais, legenda, título), ao

fazer uso muito maior dos símbolos pictóricos, que possuem alguma(s) semelhança(s) física(s) com o elemento a se representar, apresentando um baixo nível de abstração da realidade (Fiori, 2008, 2010).

Em vista disso, a leitura e a análise de mapas mentais são produções oriundas de uma expressão gráfica mais livre, carregadas de elementos e contextos provenientes das práticas sociais e culturais do indivíduo construtor (Richter, 2022). Além disso, são mapas que produzem informações de fácil leitura para aqueles sujeitos que têm pouco manejo com mapas (Fiori, 2007), possibilitando que o sujeito possa apresentar diversos contextos, interpretações e percepções sobre um determinado espaço geográfico. De tal forma, os mapas mentais permitem que alguns elementos que provavelmente não seriam representados em produções cartográficas convencionais e/ou cartesianas sejam visualizados nessa proposta, tornando o invisível em visível (Richter, 2022). Além de favorecer uma leitura e análise espacial articulada com as práticas cotidianas vivenciadas por quem desenvolveu o mapa. Desta forma, permite evidenciar uma visão particular do mundo (Fiori, 2007).

E um segundo momento, faz-se uso da cartografia convencional cartesiana baseada na abordagem da Semiologia Gráfica. Neste caso, a maior parte dos símbolos dos mapas é convencional, não possuindo semelhança com o elemento representado, apresentando um alto grau de abstração da realidade representada. Nesse tipo de mapa, o usuário necessita de convenções e da(s) legenda(s) para (re)conhecer os elementos espaciais representados (Fiori, 2008, 2010).

Ao considerar as abordagens cartográficas e os diferentes modos de representar a realidade, esta pesquisa propõe o mapa como um relevante instrumento de comunicação espacial, capaz de estimular a consciência social e coletiva sobre direitos e deveres vivenciados em uma sociedade democrática. Além disso, contribui para o (re)conhecimento, a valorização e a visibilidade do território pesquisado. Essa proposta se justifica, sobretudo, pelo fato de que, segundo a plataforma de catálogo de teses e dissertações da CAPES, não há registros de pesquisas anteriores sobre a cartografia dos espaços de lazer voltados à população gay em Madureira.

O objetivo geral da pesquisa é analisar o direito, as possibilidades de lazer de homens gays no bairro de Madureira, baseando-se nos mapas mentais produzidos por frequentadores desse território. Tem-se como objetivos específicos:

- Compreender o contexto histórico-social LGBTQIAPN+ no bairro de Madureira, com foco nas espacialidades gays;

- Apresentar e levantar o direito ao lazer, os diferentes tipos de interesses, equipamentos específicos e não específicos, que possibilitam a diversão e desenvolvimento pessoal dessa população;
- Registrar os espaços de lazer por meio dos mapas mentais e mapas temáticos que utilizem representações convencionais e pictóricas;
- Avaliar a cartografia como um importante meio de comunicação social.

A base teórica estrutura-se a partir de dois eixos bibliográficos centrais:

- 1) Território e territorialidades gays em Madureira e a prática social do lazer como espaço de cidadania - compreender a produção do espaço e de territorialidades;
- 2) Abordagens cartográficas e diferentes maneiras de se representar o espaço: mapas mentais possibilitando uma informação reflexiva e crítica.

A seguir, ressalta-se a bibliografia trabalhada em cada eixo bibliográfico:

Território e territorialidades gays em Madureira e a prática social do lazer como espaço de cidadania - compreender a produção do espaço e de territorialidades a partir de Souza (2014), Bonnemaison (1981), Lefebvre (2001), Sack (2013) e Saquet (2007, 2009). Na sequência, Peret (2005), Aguião (2008) e Freitas (2018) abordam a produção de espacialidades gay em Madureira. Por fim, Dumazedier (1994) e Marcellino (1996) abordam a importância das práticas sociais de lazer.

Abordagens cartográficas e diferentes maneiras de se representar o espaço: mapas mentais como possibilidade de produção de informação reflexiva e crítica a partir de Castellar (2005, 2017), Targino (2005), Lima (2013, 2014) e Richter (2022); e mapas temáticos que utilizem representações convencionais e pictóricas como meio de orientação e divulgação do lugar de lazer baseados em Fiori (2007, 2010, 2017, 2020, 2021), Santaella (2012), Moscardo (1999) e Martinelli (2001, 2003).

A proposta metodológica adotada nesta pesquisa exigiu do pesquisador uma postura proativa, essencial para a concretização do produto final — a dissertação. Entre as ações que compõem esse perfil ativo, destaca-se o trabalho de campo, fundamental para assegurar a autenticidade das observações realizadas e revelar aspectos da realidade que dificilmente seriam captados por outras estratégias de investigação (Claval, 2013). Compreender a dinâmica das espacialidades gays em Madureira exigiu observações in loco, as quais não poderiam ser substituídas por experimentações em ambientes controlados, como laboratórios. O confronto direto com a realidade empírica foi, portanto, imprescindível para validar e aprofundar os dados coletados ao longo da pesquisa.

A saída de campo serviu para assegurar a autenticidade factual, não só apenas um

artifício para o recolhimento de dados (Claval, 2013). A ida do pesquisador para as territorialidades gays em Madureira foi essencial para o desenvolvimento da pesquisa, pois permitiu averiguar e compreender a individualidade dessas espacialidades.

A percepção de mundo construída através da metodologia utilizada pelo trabalho de campo se estrutura a partir da experiência prática, transformando a visão pontual em uma visão de conjunto. Claval (2013) afirma que: “praticar a saída de campo é antes de tudo ter uma visão daquilo que se estuda”.

A construção dos mapas mentais, em conjunto com a realização de entrevistas, serviu para que o projeto reunisse uma gama mais ampla de informações, possibilitando a realização de análises mais aprofundadas. No entanto, cabe destacar que a utilização da pesquisa de campo de “segunda mão” também se fez necessária (Claval, 2013). As pesquisas de campo de “segunda mão” consistiram em averiguações e análises realizadas a partir do acesso a diversos mapas temáticos, fotografias aéreas, imagens de satélite, documentos históricos e dados estatísticos, além da consulta a produções de outros pesquisadores. Essa atividade permitiu a extração de informações valiosas para o desenvolvimento da pesquisa.

Dessa forma, pode-se afirmar que o trabalho de campo contribuiu para a pesquisa de duas maneiras: em primeiro lugar, permitiu a construção de uma visão global do objeto estudado; em segundo, possibilitou a identificação de diversas práticas de lazer que auxiliaram na caracterização do espaço, com base nos comportamentos, atitudes e concepções de entretenimentos observados durante as visitas ao campo (Claval, 2013).

Nesse sentido, a proposta de percurso metodológico do trabalho foi estruturada em três etapas principais: o diagnóstico, a ação e a sistematização.

A primeira etapa da pesquisa teve como objetivo identificar as territorialidades gays no bairro de Madureira, considerando o contexto dos sujeitos e do espaço investigado. O ponto de partida foi a boate Papa G, reconhecida como o primeiro território gay mapeado no bairro até o momento da investigação. A partir dela, o pesquisador selecionou um grupo de homens gays com perfis diversos — diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade, familiaridade com mapas, distintas habilidades de desenho e, em sua maioria, sem formação técnica em cartografia — todos frequentadores da boate. Inspirando-se na concepção de Costa e Heidrich (2007), que propõem a existência de múltiplas formas de “homossexualidades” em lugar de uma identidade homogênea, a pesquisa optou por uma amostragem variada, capaz de refletir a pluralidade das vivências no território. Foi aplicado um questionário junto aos participantes, com o intuito de compreender seus perfis, identificar demandas específicas, e avaliar seus conhecimentos cartográficos. A análise qualitativa dos dados obtidos buscou

aprofundar o entendimento sobre as experiências dos sujeitos, suas práticas espaciais e suas relações com o território.

Na segunda etapa, foram elaborados os mapas mentais com o auxílio do pesquisador, que orientou os entrevistados tanto remotamente quanto, em alguns casos, presencialmente. O público da pesquisa foi capacitado para identificar e mapear os equipamentos de lazer destinados a homens gays no bairro de Madureira. Durante essa fase, o pesquisador empenhou-se em assegurar que os mapas mentais estivessem alinhados com os objetivos da pesquisa, uma vez que esses mapas funcionaram como ferramenta metodológica essencial para representar e divulgar os espaços de lazer gay em Madureira.

Na terceira fase, procedeu-se à avaliação e análise abrangente da pesquisa, considerando o cumprimento dos objetivos estabelecidos, as ações realizadas e seus respectivos resultados. Após a elaboração dos mapas mentais pelos voluntários, foi produzido um mapa temático consolidado que reuniu as informações coletadas. Essa produção cartográfica teve como público homens gays e pessoas afins que buscam, no bairro de Madureira, espaços de lazer não heteronormativos.

A dissertação foi dividida em três capítulos:

O primeiro capítulo intitulado: “Territorialidade e o direito ao lazer: Travessa Almerinda Freitas, Madureira”; inicialmente, apresenta o processo de formação e transformação espacial em territórios e territorialidades, e como ocorre essa apropriação e domínio social do espaço-território. Trabalha ainda, o papel dos principais agentes produtores do espaço para o estabelecimento e manutenção das relações sociais. Na sequência, aborda-se a produção do espaço do bairro de Madureira, apresentando historicamente como ocorreu a ocupação humana e quais os fatores geográficos e econômicos que proporcionaram a construção desse espaço de vivência na zona norte do município do Rio de Janeiro. Realiza-se uma breve discussão sobre o papel do lazer na sociedade e no bairro de Madureira, levantando qual a importância de sua prática e quais são suas possibilidades na localidade, discorrendo ao final, sobre a espacialidade LGBTQIAPN+ surgida na Travessa Almerinda Freitas e como tal espaço pode ser visto como área de/para o lazer.

No segundo capítulo intitulado: “História e abordagens cartográficas: da percepção do espaço vivido aos mapas de orientação para o lazer”, realiza-se uma discussão sobre a cartografia e suas abordagens: cognitiva (mapas mentais) e semiologia gráfica (mapas temáticos). Foi feito um levantamento histórico das representações cartográficas, desde as representações cartográficas mais formais e convencionais (como os mapas cartesianos de grande abstração da realidade), até aquelas mais informais não cartesianos de menor abstração

da realidade (uso de desenhos livres). Ambas as abordagens contribuem na espacialização do conhecimento por meio da representação do espaço vivido, mas com formas diferentes de representar o espaço.

E o terceiro capítulo intitulado: “Avaliação e análise dos mapas mentais e proposta de um mapa para o lazer LGBTQIAPN+ no bairro de Madureira”, teve como proposta a apresentação, a avaliação e a análise do conjunto de ações desenvolvidas com homens gays na porta da boate Papa G. Nesta etapa do trabalho foi apresentada a sequência prática e empírica das produções cartográficas desenvolvidas pelos entrevistados, as potencialidades dos conhecimentos compartilhados pelos entrevistados, através dos mapas mentais e do questionário, e como tais produções contribuíram significativamente para o debate sobre o lazer no bairro de Madureira.

I - TERRITORIALIDADE E O DIREITO AO LAZER: TRAVESSA ALMERINDA FREITAS, MADUREIRA

1.1 - Espaço, território e territorialidades humanas

O território é um espaço definido e delimitado por relações de poder, redes de circulação e comunicação, e identidades — permeado por influências, violências, autoridade, dominação e competência (Souza, 2004; Saquet, 2009). Ele se constitui e se delimita tanto pela natureza quanto pela ação humana, estendendo-se até a representação simbólica que denota vínculo ou pertencimento. É importante destacar que o território pode ser construído (territorialização), desconstruído (desterritorialização) e reconstruído (reterritorialização) ao longo do tempo, seja no mesmo espaço ou em locais distintos, conforme os processos sociais e naturais que nele ocorrem. A compreensão das dinâmicas territoriais exige o entendimento da relação entre indivíduos, grupos sociais e espaço, evidenciando as transformações socioterritoriais que se manifestam com o passar do tempo (Saquet e Briskievicz, 2009). Complementando, Junior e Santos (2018), afirmam que o território tende a ser um preenchedor de espaço, pois as coisas precisam de espaço para existir.

O território é apropriado e construído socialmente, resultado e condição do processo de territorialização; é produto do processo de apropriação e domínio social, cotidianamente, inscrevendo-se num campo de poder, de relações socioespaciais, nas quais, a natureza exterior ao homem está presente de diferentes maneiras (Saquet, 2007, p.58).

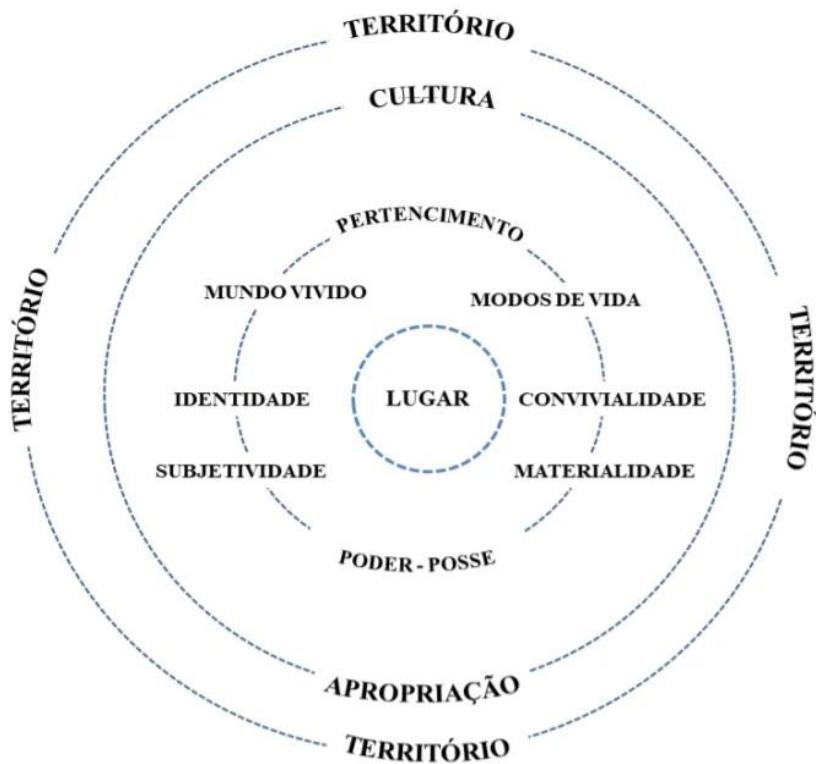
Assim, pensar em território e em poder implica entender a dinâmica das ações que são construídas nesses espaços, incluindo a esfera das representações gráficas e cartográficas - uma vez que é também comunicado pela linguagem e por símbolos.

Assim, a simples demarcação ou delimitação de um espaço geográfico não caracteriza a existência de um território. Este último só se manifesta quando suas delimitações e fronteiras são utilizadas para moldar comportamentos e controlar o acesso a recursos e poder. [...] Diferentemente de outros tipos ordinários de lugar, os territórios exigem constante esforço para o seu estabelecimento e manutenção (Júnior e Santos, 2018, p.10).

O estabelecimento e a manutenção de um território passam primeiro pelo processo de construção, definição e organização de um espaço. A transformação do espaço em território se dará por meio das relações de poder. O poder não precisa de justificativas, mas sim de legitimidade. Fenômeno necessário para que ocorra a criação de identidade territorial -

territorialização. Essa questão é primordial para se entender território não apenas como materialidade. O entendimento do território vai além de descrições geoecológicas ou dos recursos naturais presentes em certa área ou do levantamento da produção de um grupo social no espaço (Souza, 2014) (Figura 1).

Figura 1 - Sistematização do conceito de Território



Fonte: Silva (2020)

De acordo com Saquet (2007), o território é organizado historicamente por agentes humanos, políticos, jurídicos e econômicos. O território é uma produção sócio-histórica do ser humano que abrange ações, objetos, materializações do movimento da sociedade (Santos, 1996). É necessário ter clareza das principais concepções de território e de seus elementos constitutivos, tais como a heterogeneidade de cultura, formas, lazer, tensões, na qual compõem as multidimensões do espaço vivido.

Segundo Moreira (2009, p.65):

Em nossas relações de experiência com o entorno surge primeiro a noção de espaço, algo referido aos sentidos de nosso corpo, ainda vago, abstrato e genérico, que, a seguir, se torna lugar, à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor através de seu significado para nós.

De tal forma, o processo de territorialização refere-se ao processo pelo qual um

grupo social se apropria de um espaço, conferindo-lhe significados e estabelecendo relações de poder, identidade e pertencimento. Tal fenômeno culmina na construção de redes sociais, econômicas e culturais que reforçam a presença e a permanência de um grupo no território. A territorialização, portanto, é um ato de afirmação espacial, no qual a organização e a estruturação do território se dão a partir das práticas e interações dos sujeitos que nele habitam. Por outro lado, a desterritorialização ocorre quando as relações estabelecidas entre um grupo e seu território são rompidas, seja por fatores externos, como processos econômicos e políticos, seja por dinâmicas internas, como mudanças socioculturais. Esse fenômeno pode ser observado em situações de deslocamento forçado, migração e exclusão territorial, nas quais os indivíduos ou comunidades perdem o vínculo com seu espaço original. Desta forma, a desterritorialização representa uma desestruturação da territorialidade previamente consolidada. Porém, a desterritorialização não implica necessariamente uma perda definitiva da identidade territorial, pois pode ser seguida pelo processo de reterritorialização. Esse conceito diz respeito à ressignificação e à construção de novos territórios, nos quais os sujeitos estabelecem novas conexões e formas de pertencimento. A reterritorialização pode ocorrer tanto no espaço original, por meio de reconfigurações sociais e culturais, quanto em um novo território, no qual os indivíduos recriam laços e reorganizam suas relações. Desta maneira, conclui-se que a territorialização, a desterritorialização e a reterritorialização são processos interdependentes, que refletem as dinâmicas sociais e espaciais em constante transformação. E compreender essas dinâmicas é essencial para analisar os fenômenos de identidade e poder que marcam a relação dos grupos sociais com os territórios ao longo do tempo (Saquet e Briskievicz, 2009).

Desse modo, o espaço geográfico é comumente retratado como sendo a morada do homem - o espaço vivido. O espaço vivido vem da experiência sensorial e afetiva que estabelecemos com o espaço. A partir dessa experimentação o espaço transforma-se em lugar de vivência - relação corpo-espac, ou seja, cada indivíduo se relaciona com o espaço de forma única. Isso ocorre devido à variedade de povoados, linguagens, tribos, grupos étnico-linguísticos, castas ou área cultural fornecendo referenciais básicos próprios para o cotidiano em sua dimensão espacial (Corrêa, 2010). *Locus* das ações das sociedades, onde se estabelecem e se desenvolvem, imprimindo suas marcas e representações simbólicas, o espaço é o palco das relações sociais, isto é, o local da reprodução da sociedade (Corrêa, 2010).

O espaço, além de ser palco para a reprodução das relações sociais, funciona como instrumento de manutenção, conquista e exercício do poder, conferindo-lhe uma vocação política. Tal relação de poder irá definir e delimitar o espaço, transformando-o em território.

O poder utilizado para a formação de um território pertence a um grupo e não a um indivíduo. Por isso, esse poder só existirá enquanto o grupo se manter unido. Pois, será o mesmo que dará legitimidade a este poder. Porém, a guerra e a violência, em geral, são sintomas da perda do poder mesmo que comumente ocorram conflitos e contradições sociais no espaço (Souza, 2010).

O território é apropriado e ocupado por um grupo social e as dinâmicas sociais podem manifestar-se de forma permanente ou periódica. O território carrega as mesmas características, podendo ocorrer territórios permanentes tais quais pode ocorrer territórios periódicos. Dessa forma, o território não é algo dado (natural) e sim uma construção social (naturalizado). A finalidade da formação de um território tende a contemplar a ideia de diferenciação. E na diferença entre nós e os outros se separa as mais variadas teias ou redes de relações sociais projetadas no espaço. Para legitimar a diferenciação é importantíssimo gerar raízes e identidades - identidades socioculturais. Contudo, Souza (2010) assegura que há um detalhe importante nesta dinâmica identitária do território, que tal identidade territorial é apenas relativa, propriamente funcional do que efetiva. Isto porque, os limites territoriais tendem a ser instáveis, assim como são instáveis as áreas de influência que tendem a deslizar por sobre o espaço. Sob esta ótica, o território tem a finalidade de controlar significativamente o espaço vivido, cabendo ressaltar que na formação do território e de identidades territoriais, os governos municipais, estaduais e federal representam o poder formal - o grande gestor.

É indissociável o poder das relações sociais, neste sentido, o território está presente em toda projeção social do espaço. Cada espaço social irá viver dinâmicas próprias dentro dos limites de seu território. Frisa-se que o exercício do poder não é concebível sem um espaço físico. Para Souza (2010) a produção de território é certo tipo de interação entre homem e espaço - uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço.

A construção das identidades LGBTQIAPN+ no território é produto da relação do corpo com o entorno, como resultado das intencionalidades aplicadas espacialmente por quem exerce o controle do território. Como já sentenciaram Junior e Santos (2018): “Intencionalidade, construção social, estratégias e ações espaciais configuram elementos chave na tentativa [...] de formular uma teoria sobre a territorialidade”. Manifestada através de experiências corpóreas de sensação, percepção e impressão (Moreira, 2009).

Portanto, o espaço-território é indispensável para a vida humana. Assim, o conceito de território não deve ser reduzido a um elemento meramente físico ou inanimado (Saquet, 2007). Compreende-se que o espaço é fundamental por ser o palco das relações sociais e, além disso, possibilitar o exercício do poder. “O território [...] é fundamentalmente um espaço

definido e delimitado por e a partir de relações de poder. [...] O território é essencialmente um instrumento de exercício de poder" (Souza, 2010, p.78-79). Alguns territórios se consolidam de forma permanente no espaço geográfico, enquanto outros são flutuantes e instáveis. Diversos atores sociais se apropriam desses espaços para formar territórios, incluindo grupos oprimidos e ameaçados. Esses territórios são fundamentais para que a formação e a manutenção das identidades culturais e sociais sejam realizadas ou preservadas, por meio do controle sobre uma área. "Ao contrário de muitos lugares comuns, territórios requerem esforços constantes para estabelecê-los e mantê-los. Eles resultam de estratégias para afetar, influenciar e controlar pessoas, fenômenos e relações" (Sack, 2013, p.77).

No caso específico de Madureira, o Movimento de Gays, Travestis e Transexuais de Madureira (MGTT)⁴ apropriou-se do espaço da Travessa Almerinda Freitas, atuando nele e transformando-o em um território de convivência e socialização homossexual. Para tal, foi necessário delimitar e imprimir uma identidade por meio da relação simbólica de poder, pois a identidade transforma-se no principal elemento aglutinador para a formação de territórios (Barreto, 2010). E é por meio da implantação de signos ligados à identidade LGBTQIAPN+, tais como: o uso da bandeira arco-íris e o uso de gírias próprias, que se constituem signos identitários fundamentais para que ocorra naquele local a promoção de manifestações culturais e a valorização da diversidade. Desta forma, criou-se um movimento gay pulsante no bairro de Madureira, que foi capaz de formar territórios gays dotados de identidades próprias. E segundo Barreto (2010, p.15), "a formação desses territórios pode ser entendida de diversas formas e em diversos contextos, variando de acordo com os processos que envolvem as formas de produção do espaço, bem como a existência de atores que podem exercer alguma influência sobre eles".

Segundo Souza (1995) e Maffesoli (1995), a formação de territórios resulta diretamente das relações sociais que se manifestam no espaço. Em outras palavras, o ser humano é social por natureza e busca seus semelhantes para partilhar e vivenciar sua identidade, num processo contínuo de autorreconhecimento. Nesta perspectiva, os territórios são identitários. Pois, indivíduos ou grupos afetam, influenciam e controlam pessoas, fenômenos e relações (Freitas, 2008). E como qualquer outro território identitário, os lugares de lazer gay em Madureira apresentam contradições, ao mesmo tempo em que esses territórios reúnem e integram os indivíduos, os segregam do restante da sociedade. Nesta

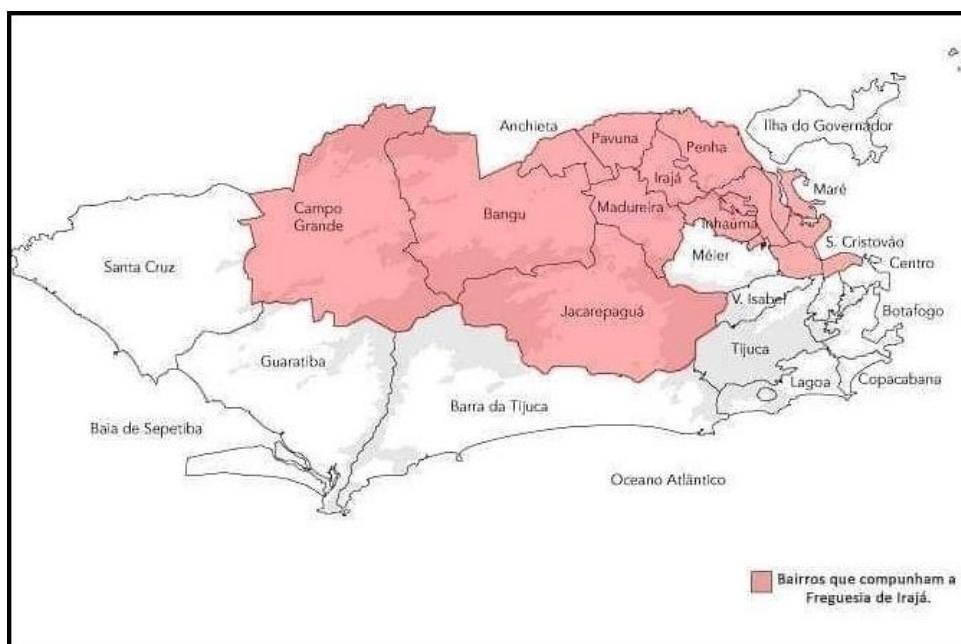
⁴ O MGTT é uma organização social e política que luta pelos direitos e pela visibilidade da comunidade LGBTQIAPN+ em Madureira, Rio de Janeiro. O grupo luta contra a homofobia e a transfobia, promove a visibilidade e a inclusão e oferece apoio e assistência. Além de realizar projetos culturais como oficinas e workshops, além da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ de Madureira.

perspectiva, os espaços de convivência, socialização e de lazer são importantes para que sejam formados territórios para a visibilidade LGBTQIAPN+. Reunindo dezenas de milhares de pessoas desde o ano 2000, a Travessa Almerinda Freitas, é o principal referencial de convivência, de socialização e de lazer para aquele público específico.

1.2 - Madureira: caracterização da área de estudo e a comunidade gay

O surgimento da Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá ocorreu com o desmembramento da sesmaria concedida no ano de 1568 para Antônio de França. Na época o território era estritamente rural, sendo explorado comercialmente através do plantio da cana-de-açúcar e produção de seus derivados, como o açúcar e a aguardente. A sesmaria era dividida por fazendas que utilizavam a mão-de-obra escravizada indígena e africana. O bairro hoje conhecido por Madureira foi umas das áreas pertencentes à Freguesia de Irajá, criada em 1647 (Figura 2). A região era conhecida como sertão carioca, sendo extremamente pobre nesse período. As terras foram utilizadas como lugar de passagem para tropeiros, jesuítas, viajantes e funcionários da administração pública brasileira devida sua localização geográfica privilegiada e as características do relevo do entorno, que facilitavam a comunicação entre as baixadas de Jacarepaguá e Irajá com as terras jesuíticas de Santa Cruz, fomentando assim, o que seria o primeiro fluxo de pessoas e mercadorias naquelas terras (Brito, 2016).

Figura 2 - Os bairros que compunham a Freguesia de Irajá



Fonte: Saiba História (2024)

Martins Junior (2012) registra que o principal engenho da Freguesia de Irajá era do português Miguel Gonçalves Portela. A propriedade de Miguel Gonçalves Portela era a maior produtora de rapadura, aguardente e cana-de-açúcar da freguesia. Outra propriedade importante era de Lourenço Madureira, um dos principais comerciantes atacadistas de produtos agrícolas da região. Lourenço Madureira arrendou as terras da Fazenda Campinho de propriedade da viúva do Capitão Francisco Ignácio do Canto, Dona Rosa Maria dos Santos. As fazendas pertencentes a Miguel Gonçalves Portela e Dona Rosa Maria dos Santos formavam uma área que hoje compreende os territórios dos bairros de Campinho, Oswaldo Cruz, Turiaçu, Vaz Lobo e Madureira (Santos, 2016).

Com a inauguração da Estrada de Ferro Mauá no ano de 1858, a criação de novas estações de trem e os esforços do governo em urbanizar e deixar o subúrbio mais acessível, principalmente por meio da linha de trem, houve a aceleração do processo de repartição em lotes das propriedades rurais e o incentivo da ocupação populacional do subúrbio aos arredores das novas estações de trem. Desta forma, fundou-se o bairro de Madureira no ano de 1909, após a inauguração da estação ferroviária de Madureira em 1890. Neste momento, o subúrbio era visto como uma nova opção de moradia fora do centro. Porém, a busca por emprego era diária e morar longe do centro se tornava um fator complicador. Portanto, os primeiros habitantes do bairro de Madureira foram funcionários públicos, militares e pequenos comerciantes que não dependiam do trabalho no centro da cidade e possuía remuneração estável, a despeito da política habitacional do então governo de combate aos cortiços e a construção de novas habitações populares mais higiênicas (Santos, 2016). Este contexto histórico é descrito em Brito (2016, p.74):

Com a hegemonia do café no cenário econômico brasileiro, na segunda metade do século XIX, o governo imperial inicia a construção de uma estrada de ferro para ligar a capital ao Vale do Paraíba e a São Paulo, maiores zonas cafeicultoras. Inaugura-se, então, em 1858, o primeiro trecho da Estrada de Ferro D. Pedro II, ligando a Corte (então Central do Brasil) ao atual município de Queimados. É razoável imaginar que o exato percurso da linha férrea tenha sido objeto de disputas políticas entre o Estado, os agentes interessados na proximidade da ferrovia e aqueles que teriam suas terras desapropriadas. É de se imaginar também que uma infraestrutura de transportes desta envergadura, uma novidade revolucionária para os transportes da época, valorizaria as terras a ela circundantes. Para além destas valorizações, que se repetiriam ao longo da história da cidade, aqui importa enfatizar que o primeiro objetivo da construção da ferrovia era o de transporte de mercadorias, especialmente o café, e somente em segundo plano o transporte de pessoas.

Gastaram-se vultosos capitais nas atividades de promoção fundiária, nas companhias de carris e na expansão da recente eletricidade, o que permitiu a expansão das linhas de trem

(Figura 3) e de bondes elétricos. A intenção desses investimentos era facilitar o acesso e a consequente ocupação dos subúrbios. Neste período os subúrbios eram vistos como a solução para a superlotação do centro da cidade, que vivia uma grave crise habitacional. Com a política de destruição dos cortiços no centro, grande parte dos novos moradores dos subúrbios era trabalhadores livres negros beneficiados com o fim do sistema escravista (Santos, 2016).

Figura 3 - Estação ferroviária Dona Clara, localizada no bairro de Madureira, 1920



Fonte: Madureira: Ontem e Hoje (2024)

A transformação do subúrbio de celeiro agrícola para zona residencial de intensa ocupação territorial ocorreu de forma bastante acelerada e foi fruto da abertura gradual de novas estações e do barateamento do custo da passagem. A política do “Bota-Abaixo” contribuiu significativamente para essa ocupação acelerada dos subúrbios, sobretudo por classes populares expulsas das áreas valorizadas do centro pelo processo de remodelação da cidade. O governo seguia o modelo europeu e se inspirava na ideologia positivista para promover o processo de modernização do território, demolindo prédios antigos e afastando seus ocupantes para terrenos distantes. Portanto, o arrojado projeto modernizador obrigou uma parcela da população a buscar lugares periféricos para habitar, como os subúrbios cariocas - Madureira, Coelho da Rocha e outras localidades da Baixada Fluminense. Alguns

grupos resistiram a essa migração compulsória, retirando materiais das demolições para construir moradias nos morros próximos à região central da cidade (Brito, 2016). Assim, o subúrbio vai se caracterizar como local destinado às moradias populares, e nesse contexto, Madureira é ocupada por indivíduos pertencentes a classe média e média baixa - setores populares (Fraga e Santos, 2015). Brito (2016, p.77) descreve o processo:

Concomitantemente à chegada das ferrovias, dois outros processos contribuíram para a valorização das terras locais e de seu crescimento populacional: a libertação dos negros escravizados no ocaso do Império e a chegada de imigrantes para substituí-los em diversas fazendas, o que empurrou milhares de pessoas para as principais cidades do sudeste - no caso do Rio, pessoas já não mais escravizadas e que vinham em sua maioria de zonas cafeeiras do Vale do Paraíba e de Minas Gerais; e as reformas urbanas nas áreas centrais da cidade, em especial aquela promovida pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906), que “suburbanizou” grande parte da população pobre e negra que ali vivia. Durante algum tempo, porém, o *subúrbio carioca* experimentou, paralelamente, um processo de urbanização acelerado e a manutenção de terras cultiváveis. Com exceção dos atuais bairros ferroviários da zona oeste da cidade - especialmente Bangu e Campo Grande -, a região de Madureira talvez tenha sido aquela onde esta dupla utilização do território mais se prolongou, pois foi somente na recente construção do Parque Madureira que os agricultores herdeiros daqueles da origem do bairro foram removidos de suas terras.

Segundo Brito (2016), desde a última década do século XIX, Madureira já era um lugar de passagem e encontros. Isso ocorre devido à necessidade de atender com suprimentos a crescente demanda populacional do Rio de Janeiro. E no ano de 1914 se constrói, por iniciativa do governo municipal, um mercado atacadista hortifrutigranjeiro. Surge assim, o Mercado de Madureira - vulgarmente conhecido como Mercadão de Madureira - com a finalidade de ser um entreposto da rede de comércio formada por lavradores e feirantes. A vocação comercial e a posição geográfica privilegiada fizeram com que o Mercadão de Madureira se destacasse, sobressaindo aos demais mercados espalhados pela cidade. Inclusive levando ao fechamento do importante Mercado de Cascadura. O Mercadão de Madureira (Figura 4 e Figura 5 - A, B, C, D) imprimiu a imagem de progresso e de desenvolvimento ao bairro que se beneficiou das atividades comerciais circundantes no interior do Mercadão, favorecendo aos vendedores que expunham suas mercadorias em barracas e bancas do lado de fora, além do forte impulso econômico para os demais comerciantes do bairro (Fraga e Santos, 2015 e Brito, 2016).

Figura 4 - Mercado de Madureira, 1937



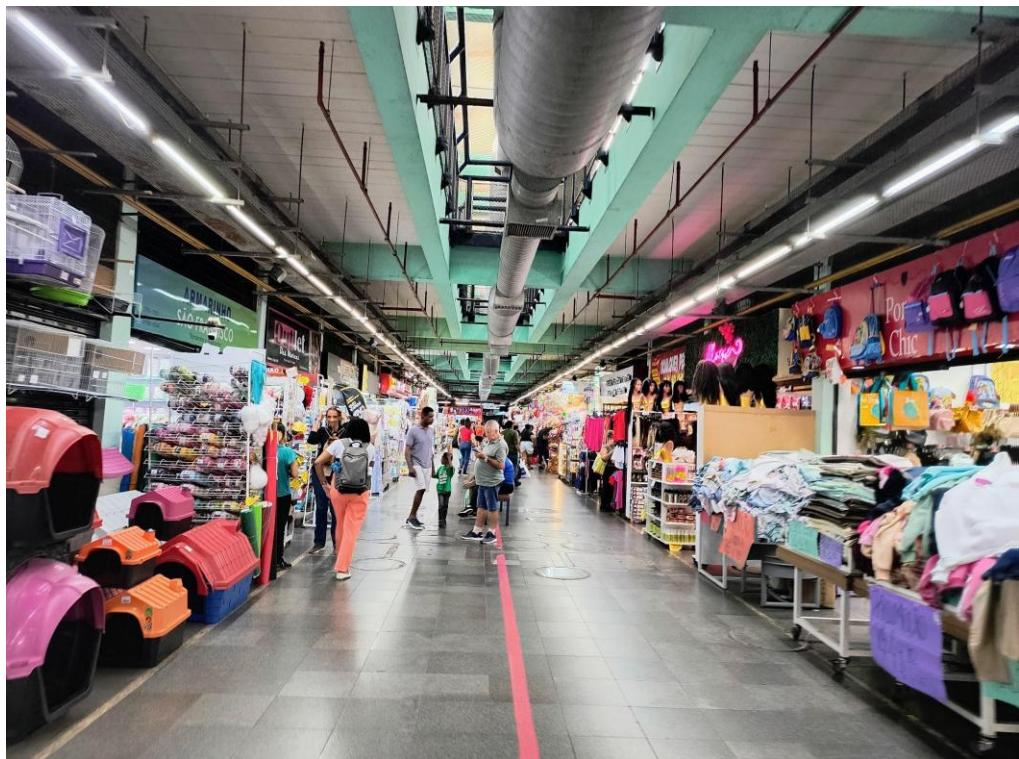
Fonte: Madureira: Ontem e Hoje (2024)

Figura 5 - Mercadão de Madureira, segunda-feira, 14 de abril de 2025

A - Fachada



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

B - Vista de um dos corredores

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

C - Setor de hortifrutigranjeiro

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

D - Loja de artigos religiosos

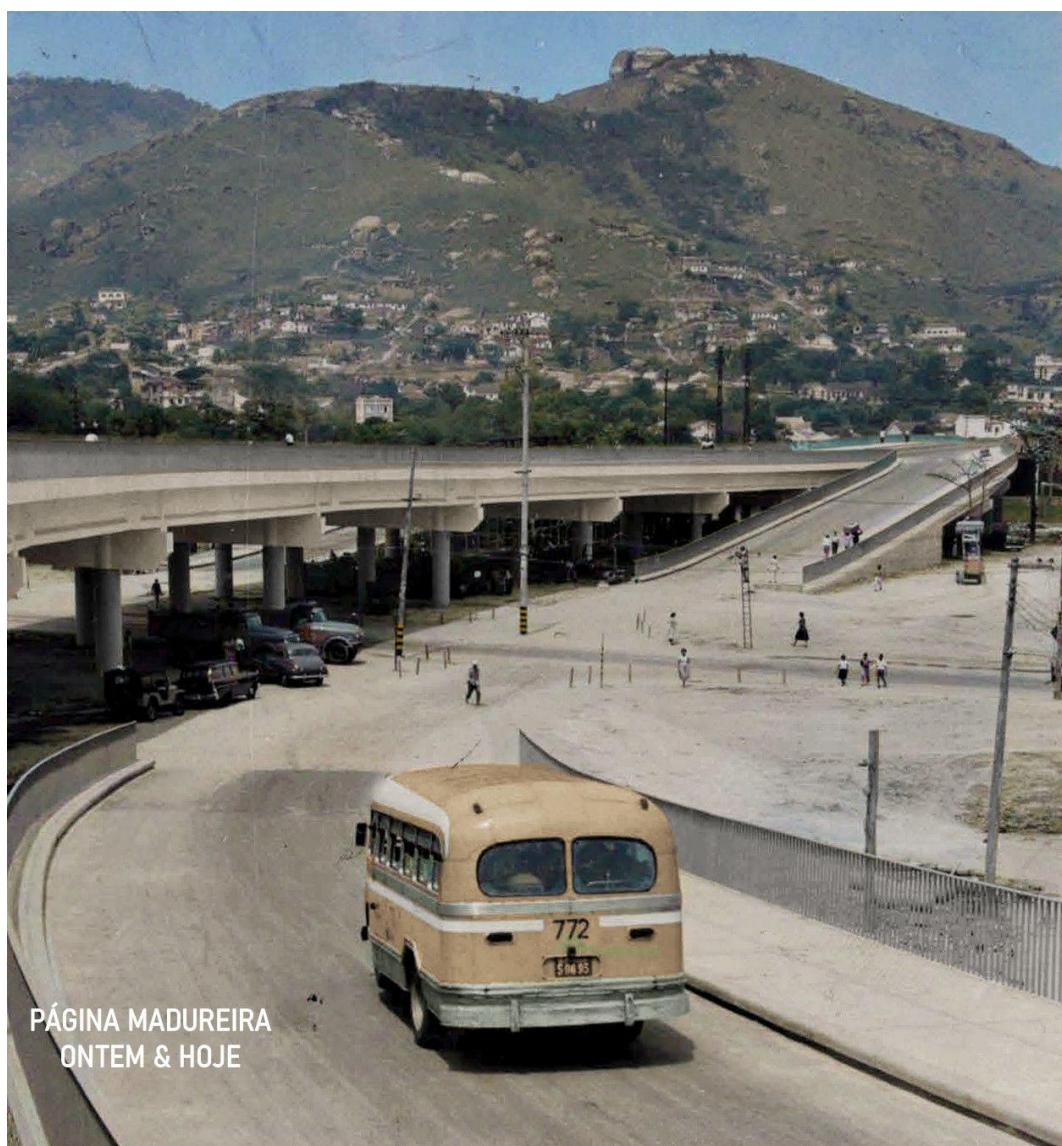


Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Já na década de 1940, Madureira crescia em população e em movimentação de pessoas e uma das motivações dessa grande movimentação é que o bairro possuía os três grandes modal de transporte que a cidade oferecia naquele período: trens, bondes e o crescente transporte rodoviário, com lotações e ônibus. Havia nove linhas de ônibus que conectavam o bairro a outros 23 bairros da cidade (Brito, 2016). Na década de 1950, a centralidade comercial e de transporte de Madureira já era consolidada. Sendo assim, o bairro já assumia a posição de maior centralidade comercial da região suburbana da cidade. O desenvolvimento comercial de Madureira ficava atrás apenas do Centro da cidade e de Copacabana. E o ápice desse desenvolvimento foi a inauguração do Viaduto Negrão de Lima, em 1957 (Figuras 6 e 7), que liga os três lados do bairro que são separados pelas duas linhas férreas. Entretanto, no ano de 1975, o bairro sofreu um baque comercial devido à transferência de alguns comerciantes atacadistas de produtos agrícolas para a recém-inaugurada Companhia Estadual de Abastecimento (CEASA), em Irajá. O trânsito do bairro cresceu demais, sobrecarregando a infraestrutura viária, o que ocasionou o total esgotamento das vias do bairro para o tráfego de caminhões. Nesse período, os trens já não eram mais utilizados para o transporte de mercadorias, mas sim de passageiros. Todos esses problemas

dificultaram a permanência dos comerciantes no Mercadão de Madureira (Brito, 2016).

Figura 6 - Viaduto Negrão de Lima, 1958



Fonte: Madureira: Ontem e Hoje (2024)

Com maior centralidade comercial e de transporte, Madureira amplia significativamente as atividades de lazer. Os cinemas de rua, as rodas de pagode, os sambas nas quadras da Portela e do Império Serrano e os bailes Funk e Charme, e mais recentemente, a construção do Parque de Madureira compõem as inúmeras atividades de lazer no bairro. Brito (1980) ressalta que a comunidade LGBTQIAPN+ também desfruta dos diversos tipos de interesse de lazer no bairro. No bairro há equipamentos específicos de lazer LGBTQIAPN+, tais como a boate Papa G e alguns quiosques localizados dentro do Parque Madureira. E há

também equipamentos não específicos de lazer, por exemplo: os *cruising bar*⁵ que existem pelo bairro; e alguns bares, administrados por indivíduos do universo da sigla LGBTQIAPN+. Além da Parada do Orgulho LGBTQIAPN+, que reúne alguns milhares de indivíduos ao som de músicas animadas, envolventes e joiais ecoadas por trios elétricos que percorrem parte da dimensão da Rua Carvalho de Souza. Salienta-se que a Parada não apenas celebra a diversidade, mas também funciona como plataforma de reivindicação política, reforçando a luta por igualdade e respeito. Em suma, Madureira exemplifica como o lazer e o ativismo político podem se entrelaçar, criando espaços que celebram a diversidade enquanto promovem mudanças sociais significativas. Desta forma, os espaços de lazer gays em Madureira não servem apenas como locais de entretenimento servem também como arenas de visibilidade e afirmação para a comunidade LGBTQIAPN+, promovendo a conscientização sobre direitos e enfrentando preconceitos através do ativismo político.

1.3 – O conceito de lazer

O lazer, como uma conquista do mundo moderno, muitas vezes é erroneamente associado apenas a atividades recreativas ou eventos de massa. A interpretação do que é o lazer sem que se faça a relação com outras esferas da vida social nos leva a esses equívocos. Devemos procurar estabelecer a relação entre o lazer e seus valores ligados aos aspectos tempo e atitude, que neste caso envolve o tempo necessário para descansar, distrair-se, entreter-se e recrear-se com o objetivo de recuperar as energias que serão gastas na jornada de trabalho. Esse tempo necessário destinado ao lazer é o que denominamos de tempo livre. O ócio da ludicidade, da diversão e da imaginação sempre existiu, mas, o tempo livre do trabalho destinado ao lazer é um fenômeno moderno - o tempo do descanso, da diversão e do desenvolvimento social e pessoal (Marcellino, 1996).

O lazer exerce três funções fundamentais: descanso, divertimento (recreação e entretenimento) e desenvolvimento pessoal e social. Ao analisar essas categorias, é possível detalhá-las da seguinte forma: O lazer, enquanto tempo de descanso, tem como objetivo principal restaurar as energias físicas e emocionais desgastadas pelas exigências da vida cotidiana, especialmente aquelas vinculadas ao trabalho. Trata-se de um tempo voltado ao repouso e ao silêncio. Já o lazer como espaço de diversão, recreação e entretenimento busca atenuar os efeitos da monotonia diária, rompendo com a rotina através de experiências que despertam prazer e leveza. Essas experiências podem ser vivenciadas tanto em práticas

⁵ São estabelecimentos diurnos e/ou noturnos que os frequentadores vão para socializar e buscam também encontros casuais.

tradicionalis, como festas, revistas e jogos, quanto em produtos culturais contemporâneos voltados ao consumo de massa, como cinema, grandes espetáculos, tecnologias digitais, computadores e smartphones, com seus múltiplos aplicativos voltados ao entretenimento. Por fim, o lazer entendido como processo de desenvolvimento pessoal e social está relacionado à vivência de uma cultura desinteressada — voltada ao corpo, à sensibilidade e à razão — que ocorre fora dos moldes formais da escola ou das interações sociais rotineiras. Esse tipo de lazer promove a construção de uma sensibilidade capaz de perceber, contemplar e interpretar movimentos, olhares e sons, ampliando o repertório cultural e as possibilidades de escolha dos indivíduos em seu cotidiano. Ao integrar aprendizagens formais e informais, o lazer contribui para formar sujeitos conscientes de seus direitos culturais e capazes de vivenciar a cultura de forma mais ampla e crítica (Dumazedier, 1973).

De forma geral, o lazer pode ser dividido em sete tipos de interesses: a) lazer físico que envolve a promoção da saúde e do bem estar pessoal através de práticas corporais; b) lazer manual, passatempo que manipula materiais, transformando-os; c) lazer intelectual, a busca do desenvolvimento do intelecto; d) lazer artístico, busca da beleza e da sensibilidade estética; e) lazer social trabalha com a sociabilidade; f) lazer turístico deslocar-se para outros espaços diferentes do cotidiano; g) lazer virtual, a busca do desenvolvimento do intelecto e da interação social no universo digital (virtual). A realização desses tipos de lazer pode ocorrer em espaços construídos para tal finalidade (equipamentos específicos de lazer), assim como pode ocorrer em espaços não construídos para o lazer, mas que acabam desempenhando tal função (equipamentos não específicos de lazer) (Camargo, 1992).

No campo dos estudos sobre lazer, Camargo (1992), em sua obra *O Que é Lazer?*, apresenta uma importante contribuição ao introduzir a ideia de turismo como uma das formas mais nobres de prática do lazer. Segundo o autor, o turismo ultrapassa a simples noção de deslocamento ou descanso, configurando-se como uma atividade que potencializa o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo, ao proporcionar experiências culturais, ambientais e de convivência diferenciadas do cotidiano.

Camargo destaca que o turismo, enquanto prática de lazer oferece uma oportunidade singular para a ampliação dos horizontes humanos, contribuindo para a formação de uma consciência mais ampla e plural sobre o mundo. Essa dimensão enriquecedora confere ao turismo um valor que transcende o aspecto meramente recreativo, posicionando-o como um elemento fundamental para o bem-estar e a qualidade de vida.

Além disso, o autor ressalta que o turismo, ao promover o encontro entre diferentes culturas e contextos, contribui para o fortalecimento das relações sociais e para a construção

de uma identidade mais complexa e integrada. Essa dimensão social do turismo reforça sua importância dentro do universo do lazer, conferindo-lhe um caráter educativo e transformador.

Dessa forma, Camargo (1992) não apenas incorpora o turismo ao conceito de lazer, mas também eleva sua relevância, qualificando-o como uma das práticas mais nobres e significativas para o desenvolvimento integral do ser humano.

1.3.1 - O lazer enquanto direito: as atuais práticas de lazer em Madureira

O tempo é intrínseco ao conceito de lazer. Os estudos sobre o tema, sobretudo realizados por Joffre Dumazedier, apresenta o conceito em algumas categorias distintas. A primeira categoria é denominada de *Tempo Necessário*. O *Tempo Necessário* é o tempo gasto com atividades obrigatórias para urgências vitais, ligadas a atividades necessárias para garantir nossa sobrevivência, vulgarmente chamado de tempo disponibilizado ao trabalho. Já o *Tempo Liberado* é utilizado para satisfazer as necessidades biológicas, tais como: dormir e comer. A princípio, pode-se entender que os *Tempos Necessário* e *Liberado* se contrapõem, no entanto, o *Tempo Liberado* é complementar ao *Tempo Necessário*. Isto porque, o primeiro ocorre para dar condições necessárias para que o segundo possa existir; e a quantidade de *Tempo Liberado* que cada indivíduo tem é influenciada por diversos fatores socioculturais (Bacal, 2003).

A percepção do tempo e a pressão que ele exerce sobre os indivíduos variam de acordo com sua posição social. Na Grécia Clássica, o ócio — compreendido como a ausência de obrigações laborais — era altamente valorizado e servia como marcador de distinção social. Apenas os homens livres podiam desfrutá-lo plenamente; os escravizados, por sua vez, estavam excluídos dessa possibilidade. A ausência de ócio era associada à decadência e à precariedade da condição humana. Nesse contexto, o trabalho era frequentemente visto como algo penoso, quase uma punição. Por esse motivo, atividades associadas à diversão (paidía) e ao recreio (anapáusis) não eram reconhecidas como formas legítimas de ócio. O verdadeiro ócio não era concebido como um meio para alcançar outro fim, mas como um fim em si mesmo — um tempo dedicado ao não fazer, à contemplação e ao cultivo do espírito. Quanto maior a possibilidade de entrega ao ócio, maior era a liberdade e a felicidade atribuídas ao indivíduo (Bacal, 2003).

Muito tempo depois, na Reforma Protestante (século XVI), o pensamento humano sobre ócio e trabalho foi ressignificado. A nova visão social não vê com bons olhos o indivíduo que nada faz e vive de rendas, antes o sujeito era reverenciado e enaltecido; no

entanto, a partir desse momento passa a ser discriminado e posto em decadência moral (Dumazedier, 1973). O *Tempo necessário* passa a ser valorizado. A realização humana ocorre por meio do trabalho e da profissão. Passa-se a trabalhar mais, pois quanto maior é a jornada de trabalho, mais honroso é para o indivíduo. Por muitas vezes, o *Tempo Liberado* era apenas o suficiente para recuperação das energias das exaustivas jornadas de trabalho, que poderiam chegar às absurdas 16 horas diárias (Bacal, 2003).

Nesta fase, pode-se dizer que o tempo total - pelo menos para a maioria das pessoas ou seja, os trabalhadores - era dividido realmente em dois períodos: tempo de trabalho e tempo de não-trabalho, sendo que o conteúdo desse tempo de não-trabalho era de simples repouso (ou sono) (Bacal, 2003, p.64).

Com a mecanização do trabalho decorrente da Revolução Industrial, houve uma redução gradual do *Tempo Necessário* — aquele dedicado às atividades produtivas essenciais — e, em contrapartida, um aumento do *Tempo Liberado*, resultado da diminuição do esforço físico humano graças ao uso de força mecânica ou mecanizada. O que antes era um tempo rigidamente limitado passou a se expandir, permitindo ao trabalhador maior disponibilidade para o descanso e, consequentemente, para o lazer. Com a ampliação do *Tempo Liberado*, os indivíduos passaram a dispor de mais tempo para atividades de diversão, recreação e repouso. Nesse novo cenário, emerge o conceito de *Tempo Livre*, entendido como um dos frutos da sociedade industrial. Trata-se de um período não apenas de alívio das obrigações laborais, mas também de construção de novas formas de sociabilidade e de fruição cultural.

Tempo Livre (TLv), enfim, é a denominação atual de uma parcela do tempo liberado do trabalho, entendido como *tempo de que o homem dispõe legalmente*. O significado desse *tempo livre* é estabelecido a partir, preponderantemente, do sistema de referência adotado para a valorização das atividades a ele relacionadas (Bacal, 2003, p.20)

Com o estabelecimento das primeiras leis trabalhistas e com as sucessivas reduções de jornada de trabalho até chegar às atuais 8 horas diárias no Brasil, ou seja, o *Tempo Liberado* teve um ganho significativo. Ao ampliar as possibilidades dos trabalhadores, pode-se utilizar o tempo para além do descanso. Desta forma possibilitou o uso do tempo para recuperar fisicamente, como poder usar parte do tempo para o exercício de atividades de sua escolha - *Tempo Livre*, aproximadamente dois terços dos dias de repouso (Dumazedier, 1973). Em Bacal (2003, p.76) reforça tal percepção com o seguinte trecho: “Enquanto o vocábulo ócio assumia uma conotação de atitude reflexiva, de contemplação, como tentativa de elevação espiritual e intelectual, a palavra lazer se faz acompanhar da sugestão de movimento,

de atividade física (principalmente) e de alienação". Ressalta-se que o tempo do lazer não se opõe ao tempo das obrigações.

O período pós-Primeira Guerra marca a mudança no valor das atividades de Lazer com a elevação das horas livres - a Era do Lazer (Bacal, 2003). Com o aumento do Tempo Livre, surge um mercado para o consumo dos lazeres. Os lazeres possibilitam que as pessoas resgatem sua própria liberdade ao converter o lazer em atividade criadora que proporciona a expansão do universo psicológico e intelectual.

No tempo do lazer o homem tem a possibilidade de realizar atividades que atendam às suas carências físicas e psicológicas. Respeitando as diferenças individuais, as pessoas podem identificar nos lazeres formas de resgatar a própria liberdade comportamental, sua homeostase física e psicológica, atuando em função de seus próprios desejos e predisposições (Bacal, 2003, p.107)

O Tempo Livre configura-se como uma conquista coletiva da modernidade, acessível a todos os indivíduos. No entanto, essa conquista não é usufruída de maneira igualitária. As desigualdades sociais e culturais influenciam diretamente as formas de acesso, apropriação e vivência desse tempo. É na Europa industrial do século XIX que emerge o manifesto *O Direito à Preguiça*, considerado o primeiro levante operário em defesa do lazer e da valorização do tempo livre (Marcellino, 1996). O Tempo Livre é o espaço propício para a realização das atividades de lazer. Para Dumazedier (apud Marcellino, 1996), o lazer integra a vida social e individual, constituindo um direito fundamental do ser humano. Embora se oponha às exigências e obrigações da vida cotidiana, o lazer não possui um significado universal em si mesmo: ele é moldado por múltiplas variáveis culturais, que variam de sociedade para sociedade, muitas vezes de forma contraditória. Ainda assim, tende a reforçar vínculos de sociabilidade. A cultura exerce uma influência direta sobre as formas de lazer, atuando como base e também como limite às suas possibilidades. No entanto, ela não determina por completo as condições de sua realização. Os valores culturais vigentes orientam os modos como os indivíduos utilizam seu tempo disponível, mas não os impõem de forma absoluta. Dumazedier (1973) destaca que nenhum agrupamento humano está desprovido de cultura, e é justamente no interior dessas culturas que o lazer se manifesta como elemento central da experiência cotidiana de milhões de trabalhadores, estando frequentemente associado à busca pela felicidade.

Com a industrialização e a urbanização, as próprias cidades começaram a proporcionar áreas de lazer. As ruas ou as praças planejadas eram locais majoritariamente voltados para o lazer. Nos dias de hoje, o lazer constitui uma realidade banal (Dumazedier,

1973). E com o avanço tecnológico e a constituição de uma nova forma de enxergar o lazer, o planejamento urbano atual traz consigo o lazer como um direito básico permitindo inúmeras possibilidades de realizá-lo. Indissociando o lazer dos indivíduos e de seus interesses, afirmindo o lazer como um valor ao ter funções de descanso, divertimento (que está dividido em recreação e entretenimento) e desenvolvimento pessoal/social.

Dumazedier (1973, p.25) afirma que: “Mesmo quando a prática do lazer é limitada pela falta de tempo, dinheiro ou recursos, sua necessidade está presente e cada vez torna-se mais premente”; passando a figurar nas listas reivindicatórias de movimentos sindicais, por ser percebido como constituinte do bem-estar do indivíduo. A simples redução da jornada de trabalho não implica em um aumento proporcional e nem correlato do lazer. O acréscimo do tempo dedicado ao lazer está diretamente relacionado com as forças sociais do momento, influenciados por fatores técnicos e sociais (Dumazedier, 1973).

O lazer ocupa um papel relevante na vida do trabalhador, embora não seja capaz de suprimir os impactos negativos causados por um trabalho infeliz, insalubre ou injusto. Ainda assim, diversos estudos comprovam os benefícios que o lazer proporciona à saúde e ao bem-estar, seja por meio do descanso, da prática de atividades físicas prazerosas, das experiências lúdicas ou das ações desinteressadas, voltadas à fruição e à criatividade. Diante dessas prerrogativas, torna-se fundamental a implementação de políticas públicas que promovam o lazer de forma participativa, democrática e coletiva — com destaque para a atuação de conselhos populares que possibilitem o planejamento territorial e cultural do lazer. É preciso vislumbrar um modelo de lazer que se aproxime de um ideal emancipatório, centrado no sujeito e em suas experiências significativas. Nesse sentido, é urgente resistir à mercantilização do lazer, que, sob a lógica de mercado, tende a transformá-lo em mero produto de consumo. A defesa do lazer ultrapassa propostas reformistas dentro do sistema capitalista, como a redução da jornada de trabalho sem perda salarial ou a diminuição das desigualdades salariais. Trata-se, também, de combater iniciativas do empresariado que buscam moldar o lazer como bem comercializável, esvaziando seu potencial emancipador e coletivo (Padovan, 2022).

Mesmo com todas as mudanças contemporâneas em relação ao trabalho, hoje o lazer é percebido como uma necessidade real, que deveria ser usufruído por todos os indivíduos que quisessem praticá-lo, independentemente dos níveis socioeconômicos, de gênero, deficiência física, etc. Em tese, o desenvolvimento tecnológico impele diretamente às atividades de lazer. Melhores meios de transportes ou até mesmo as novas tecnologias como a internet e os smartphones vão proporcionar novas dinâmicas de lazer. Quando o poder público não

disponibiliza locais para o desenvolvimento do lazer, quem pode irá pagar para realizá-lo. Portanto, para muitos indivíduos, o lazer ainda é um luxo. Não por acaso, Dumazedier (1973) alerta que as atividades de lazer são determinadas por possibilidades e hábitos de consumo, evidenciando, por exemplo, o aspecto financeiro do lazer.

O valor e os conteúdos do lazer podem ser variados a partir dos tempos de descanso, diversão e desenvolvimento pessoal/social, possuindo uma variada gama de interesses, a saber, (Fiori, 2010):

- Físico - São atividades que visam a promoção da saúde e bem estar pessoal através de práticas corporais (atividades esportivas, pesca, etc);
- Manual - É a capacidade de manipular materiais (artesanato, carpintaria, jardinagem, etc);
- Artístico - É a busca da beleza e da estética (dança, artes plásticas, cinema, etc);
- Intelectual - Realização de atividades que tem a finalidade o desenvolvimento do intelecto (hábito pela leitura, participação em palestras e cursos, jogo de xadrez);
- Social - Trabalha com a sociabilidade ao realizar atividades em grupo (festas, bares, passeios, etc);
- Turístico - É a busca da quebra da rotina através do deslocamento para outros espaços diferentes do cotidiano (viagens);
- Virtual - São atividades que buscam o desenvolvimento do intelecto e a interação social no meio digital/virtual (redes sociais, jogos eletrônicos, sites de buscas, etc).

O caráter desinteressado é a principal característica em todos esses interesses de lazer, ou seja, “a realização de qualquer atividade de lazer envolve a satisfação de aspirações dos seus praticantes” (Marcellino, 1996, p.17). A opção e a escolha serão inerentes ao lazer. Apesar da escolha não ser ilimitada, é condicionada principalmente ao fator econômico. Outra barreira para a prática do lazer tem a ver com a infraestrutura dos espaços urbanos, pois a centralização de alguns equipamentos de lazer pode facilitar ou dificultar o acesso a(s) atividade(s).

Nas grandes cidades brasileiras, observa-se uma distribuição desigual dos equipamentos específicos de lazer. Embora esses espaços sejam concebidos com a finalidade de proporcionar atividades culturais e recreativas, sua presença é marcadamente concentrada em determinadas áreas, especialmente nas regiões centrais. Museus, teatros, salas de arte e centros culturais raramente fazem parte da paisagem das periferias urbanas, o que evidencia uma lógica de exclusão territorial do direito ao lazer qualificado. Nas áreas periféricas, predomina a presença dos chamados equipamentos não específicos de lazer — espaços que,

embora não tenham sido originalmente projetados para essa finalidade, acabam assumindo esse papel por força da ausência de alternativas. Ruas, praças, shopping centers, escolas, restaurantes, bares e até mesmo o lar tornam-se ambientes nos quais o lazer é praticado de maneira adaptada e, muitas vezes, improvisada. Esses espaços, apesar de não planejados para o lazer, cumprem uma função importante ao suprir, ainda que parcialmente, a carência de estruturas dedicadas ao pleno exercício do direito ao lazer (Marcellino, 1996).

Em geral, os equipamentos específicos de lazer estão localizados nas áreas centrais das cidades brasileiras e por conta das barreiras econômico-espacial o lar acaba sendo o principal equipamento (não-específico) de lazer. Porém ficar horas a frente da televisão ou internet e não ter a opção de outras formas de lazer pode ser considerado democrático? Marcellino (1994, p.33) afirma que:

Se o espaço para o lazer é privilégio de poucos, todo esforço para a sua democratização não pode depender unicamente da construção de equipamentos específicos. [...] Muitas vezes a solução não está na construção de novos equipamentos, mas na recuperação e revitalização de espaços, destinados à sua própria função original.

Isto porque, sabe-se que o discurso oficial sobre o lazer não reflete a realidade, pois em muitas vezes o lazer se configura em privilégio, mesmo a sociedade tendo avançado em alguns pontos relacionados à democratização do acesso ao lazer. Tais avanços foram proporcionados através de reivindicações e lutas dos trabalhadores que reconheceram no lazer uma oportunidade de melhoria das condições de vida, através de um tempo privilegiado para a vivência de valores que contribuem para a ordem moral e cultural independentemente de classes sociais (Marcellino, 1996).

A seguir, apresentam-se alguns equipamentos específicos de lazer no bairro de Madureira:

- Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S.) Portela - Nas cores azul e branco é uma das pioneiras escolas de samba da cidade. Fundada em 1923 como bloco carnavalesco de nome “Conjunto Oswaldo Cruz”, Portela vem resistindo ao tempo, sendo a maior vencedora dos concursos carnavalescos. Apenas no ano de 1972, a sede da escola de samba foi transferida da Estrada da Portela para a Rua Clara Nunes. A Portela é uma das mais tradicionais e icônicas escolas de samba do Rio de Janeiro, reconhecida por sua rica história, contribuição cultural e recorde de títulos no carnaval carioca, são 22 títulos de campeã do carnaval oficial da cidade do Rio de Janeiro. Seu legado transcende

as festividades carnavalescas, inspirando gerações e mantendo viva a essência do samba como expressão popular (Figura 8) - Perfil do lugar: Espaço privado de lazer / Equipamento específico de lazer / Aberto para todos os públicos.

Figura 7 - Quadra do G.R.E.S. Portela



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- Grêmio Recreativo Escola de Samba (G.R.E.S.) Império Serrano - Tradicional escola nas cores verde e branco, fundada na comunidade da Serrinha no ano de 1947, a partir de uma dissidência entre os integrantes da escola de samba Prazer da Serrinha. Porém, a quadra localizada na Avenida Ministro Edgar Romero, ao lado da estação de trem Mercadão de Madureira, foi inaugurada no ano de 1964. A transferência da sede do Morro da Serrinha para o “centro” de Madureira foi um momento histórico para a escola de samba, pois possibilitou a agremiação à oportunidade de abrigar melhor ensaios, festas e eventos (Figura 9) - Perfil do lugar: Espaço privado de lazer / Equipamento específico de lazer / Aberto para todos os públicos.

Figura 8 - Quadra do G.R.E.S. Império Serrano



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- Baile Charme sob o viaduto Negrão de Lima - Baile iniciado na década de 1990 é um dos símbolos da resistência cultural negra no bairro. As primeiras manifestações culturais ocorreram na parte inferior do Viaduto Negrão de Lima, a iniciativa surgiu do desejo de camelôs locais que frequentavam bailes charme em outros bairros, mas que desejavam criar um evento semelhante em sua própria comunidade. Ao longo dos anos, O Baile Charme do Viaduto de Madureira consolidou-se como um importante ponto para os amantes da música negra. No ano de 2013, foi reconhecido oficialmente como “Bem Cultural de Natureza Imaterial” da cidade do Rio de Janeiro (Figuras 10 e 11) - Perfil do lugar: Espaço público de lazer / Equipamento não específico de lazer / Aberto para todos os públicos.

Figura 9 - Entrada do baile sob o Viaduto Negrão de Lima



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

Figura 10 - Disk Jockey (DJ) animando a noite de baile sob o Viaduto Negrão de Lima.



Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro (2015)

Figura 11 - Frequentadores se divertindo em mais uma noite de baile charme sob o viaduto Negrão de Lima.



Fonte: Prefeitura do Rio de Janeiro (2015)

- Madureira Shopping - Principal centro comercial privado do bairro de Madureira. Porém, dentro do shopping há equipamentos específicos de lazer como o cinema, as áreas de jogos eletrônicos, etc. Proporcionando a sociabilidade e o lazer social. Inaugurado em 1989, ele se destaca por ser um dos principais polos de compras da região, atraindo moradores locais e visitantes de bairros vizinhos. O Madureira Shopping tem um ambiente movimentado, popular e bastante diverso, refletindo a cultura vibrante da zona norte carioca. Ele costuma ser um ponto de encontro para famílias, jovens e pessoas que trabalham ou vivem na região. Durante a década de 1990, passou a fazer parte do circuito de sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+, especialmente de homens gays (Figura 12) - Perfil do lugar: Espaço privado de lazer / Equipamento não específico de lazer / Aberto para todos os públicos..

Figura 12 - Madureira Shopping, um dos principais shoppings centers do subúrbio carioca



Fonte: Povo na Rua (2024)

- Travessa Almerinda Freitas ou Rua da Diversidade - A Travessa Almerinda Freitas tornou-se um marco para a população LGBTQIAPN+ do subúrbio carioca. Os encontros da comunidade LGBTQIAPN+ na Travessa têm raízes nos anos 1990 e início dos anos 2000. Inicialmente, jovens LGBTQIAPN+ se reuniam espontaneamente no quarto andar do Madureira Shopping, transformando-o em um ponto de encontro. Contudo, devido a crescentes restrições e repressões esses encontros foram deslocados. Buscando um espaço mais seguro e acolhedor, a comunidade encontrou na Travessa Almerinda Freitas um novo local de reunião. A presença da boate Papa Leone na Travessa contribuiu para que o local se consolidasse como um ponto de resistência e celebração da diversidade. A boate Papa Leone, que posteriormente deu lugar à Papa G, foi determinante para a consolidação da Travessa como um espaço seguro e acolhedor para encontros e celebrações da diversidade, pois desde a sua origem a boate sempre possuiu essa característica libertária. Com o tempo, as festividades ultrapassaram os limites da boate, ocupando também a Travessa. Em 2018, a prefeitura do Rio de Janeiro reconheceu oficialmente a Travessa Almerinda Freitas como um ponto turístico LGBTQIAPN+,

simbolizando a resistência e a luta por direitos da comunidade na região. A nomeação simbólica da Travessa Almerinda Freitas, localizada em Madureira, como “Rua da Diversidade” representa mais do que um simples gesto institucional: constitui-se como um reconhecimento da apropriação histórica e cultural do espaço urbano pela comunidade LGBTQIA+ da Zona Norte do Rio de Janeiro. A partir da década de 1990, esse trecho do bairro passou a ser frequentado por membros da comunidade que, diante de um contexto de exclusão e violência, encontraram naquele território um espaço possível de acolhimento e sociabilidade. Conforme analisa Caldeira (2014), as cidades são constantemente reinventadas por meio da apropriação simbólica e prática de seus espaços por grupos sociais que, muitas vezes, estão à margem das políticas urbanas tradicionais. Nesse sentido, a “Rua da Diversidade” emerge como território de resistência e visibilidade, um lugar que reconfigura o uso público da cidade a partir de novos sentidos sociais, políticos e afetivos. A trajetória desse espaço é marcada pela atuação de Loren Alexander, mulher trans e liderança do Movimento de Gays, Travestis e Transformistas (MGTT), que, ao buscar um lugar seguro para a expressão da identidade LGBTQIA+, contribuiu para consolidar a boate Papa Leone – situada na travessa – como um ponto de referência para encontros e celebrações. Com o tempo, tais manifestações ultrapassaram os limites do estabelecimento privado e passaram a ocupar o espaço público da rua, transformando-a em um cenário emblemático da diversidade. A partir de 2014, nas comemorações dos 20 anos do MGTT, a travessa foi simbolicamente renomeada como “Rua da Diversidade”. Essa designação foi posteriormente oficializada em 2018, quando a Prefeitura do Rio de Janeiro, por meio da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual (CEDS-Rio) e da Riotur, instalou uma placa de sinalização turística, reforçando o valor cultural e político do local. Hoje, a “Rua da Diversidade” constitui-se como espaço consolidado de encontro e celebração, sediando eventos como a Parada LGBT de Madureira, reafirmando a tese de Caldeira (2014) de que os espaços urbanos são produzidos por meio das práticas sociais cotidianas, e que sua ressignificação pode desafiar normas hegemônicas e instituir novos modos de pertencimento e ocupação da cidade. De tal forma, a Travessa é um importante lugar para a sociabilidade não heteronormativo da cidade, que há décadas acolhe a comunidade

LGBTQIAPN+ (Figuras 13 e 14) - Perfil do lugar: Espaço público de lazer / Equipamento não específico de lazer / Aberto para todos os públicos, porém focado na comunidade LGBTQIAPN+.

Figura 13 - Frequentadores da Rua da Diversidade (Travessa Almerinda Freitas) e membros de grupos de luta por direitos LGBTQIAPN+



Fonte: Jornal Extra (2018)

Figura 14 - Placa da Rua da Diversidade (Travessa Almerinda Freitas)



Fonte: Jornal Extra (2018)

- Boate Papa G - Localizada na Travessa Almerinda Freitas, a boate Papa G funciona na antiga instalação do restaurante de comida italiana Papa Leone. A boate é uma das mais conhecidas casas noturnas da cidade do Rio de Janeiro voltadas para o público LGBTQIAPN+. Com apresentações de *drag queens* e músicos ao vivo, o espaço tornou-se um importante ponto de encontro para a comunidade. A Boate Papa G continua sendo um ponto de encontro significativo para a comunidade LGBTQIAPN+ no Rio de Janeiro, oferecendo um espaço seguro e acolhedor para diversão e celebração da diversidade desde o início dos anos 2000 (Figuras 15 e 16) - Perfil do lugar: Espaço privado de lazer / Equipamento específico de lazer / Aberto para todos os públicos, porém focado na comunidade LGBTQIAPN+.

Figura 15 - Registro noturno da Travessa Almerinda Freitas/Rua da Diversidade



Fonte: Portal Madureira (2020)

Figura 16 - Instalações da boate Papa G



Fonte: Portal Madureira (2020)

- Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ de Madureira - A Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ de Madureira é um evento anual que reflete a força e a união da comunidade, evidenciando sua relevância e alcance. A Parada é realizada ao longo da Rua Carvalho de Souza. A primeira Parada do Orgulho LGBTQIAPN+ ocorreu em 2001, organizada pelo Movimento de Gays, Travestis e Transformistas (MGTT), sob a liderança de Loren Alexandre. Desde então, o evento tem sido realizado anualmente, consolidando-se como uma das maiores manifestações pela diversidade sexual e de gênero nas periferias brasileiras - Perfil do lugar: Espaço público de lazer / Equipamento não específico de lazer / Aberto para todos os públicos, porém focado na comunidade LGBTQIAPN+ (Figuras 17, 18 e 19).

Figura 17 - Presença da cantora Ludmilla em trio elétrico na 17ª Parada do Orgulho LGBT de Madureira realizada no dia 26 de novembro de 2017



Fonte: Jornal Extra (2017)

Figura 18 - Indivíduos LGBTQIAPN+ ocupando as espacialidades do bairro de Madureira em celebração à Parada do Orgulho



Fonte: Jornal Extra (2019)

Figura 19 - Arte de divulgação da 20ª Parada do Orgulho LGBTI+ de Madureira, realizada no dia 26 de novembro de 2023



Fonte: Te Vejo Aqui (2023)

- Feira das Yabás - Uma feira pública que ocupa o trecho da Estrada do Portela que compreende os limites dos bairros de Madureira e Oswaldo Cruz. De periodicidade mensal, a Feira das Yabás, é oportunidade de contato com o que denominamos Diáspora Negra, através de pratos típicos, artesanatos afro-brasileiro e de músicas negras. A feira foi idealizada no ano de 2008 pelo sambista Marquinhos de Oswaldo Cruz, o evento surgiu como uma roda de samba na quadra da Portelinha. Com o tempo, a feira cresceu, mudou-se para a Praça Paulo da Portela e incorporou a culinária afro-carioca. Em 2018, a Feira das Yabás foi reconhecida como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado do Rio de Janeiro. O evento ocorre mensalmente, sempre no segundo domingo, celebrando a cultura afro-brasileira por meio da música e da gastronomia (Figura 20) - Perfil do lugar: Espaço público de lazer / Equipamento não específico de lazer / Aberto para todos os públicos.

Figura 20 - Feira das Yabás ocupando a espacialidade da Estrada do Portela



Fonte: Riotur (2013)

- Parque Madureira - Uma área de lazer pública inaugurada no ano de 2012 pelo poder executivo municipal durante as preparações da cidade para os grandes eventos internacionais, como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. Criado como parte de um projeto de revitalização urbana, o parque é um dos maiores da cidade, com cerca de 109 mil metros quadrados de área que se estende pelos bairros de Madureira, Oswaldo Cruz, Turiaçu, Rocha Miranda, Honório Gurgel e Guadalupe. O parque oferece espaços para esportes, lazer, cultura e eventos, tornando-se um importante ponto de convivência para a região (Figuras 22 - A, B, C, D, E, F, G, H, I) - Perfil do lugar: Espaço público de lazer / Equipamento específico de lazer / Aberto para todos os públicos.

Figura 21 - Parque Madureira, segunda-feira, 14 de abril de 2025

A - Entrada



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

B - Arena Cultural Fernando Torres



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

C - Quadra poliesportiva

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

D - Quadra de piso de areia

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

E - Área de skate

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

F - Área multiuso

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

G - Área Kids

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

H - Nave do conhecimento

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

I - Parcão



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

- Casa do Jongo - Localizada no Morro da Serrinha, a Casa do Jongo é um centro cultural público dedicado à preservação do jongo — dança de matriz africana que influenciou diretamente a formação do samba e da cultura popular carioca. Inaugurada em 2015 como sede do Grupo Cultural Jongo da Serrinha, a instituição tem desempenhado um papel fundamental na valorização e difusão dessa manifestação afro-brasileira de grande relevância histórica e simbólica. Mais do que um espaço físico, a Casa do Jongo da Serrinha se consolidou como um polo de resistência cultural, memória e identidade negra. Por meio de oficinas, apresentações e eventos, o centro promove o fortalecimento das tradições ancestrais, mantendo viva a prática do jongo e contribuindo para a educação antirracista e a valorização das raízes africanas no Brasil contemporâneo (Figuras 22, 23, 24 e 25) - Perfil do lugar: Espaço público de lazer / Equipamento específico de lazer / Aberto para todos os públicos.

Figura 22 - Sinalização vertical, indicando a localização do Centro Cultural Casa do Jongo da Serrinha



Fonte: Pontão de Cultura Jongo (2016)

Figura 23 - Instalações internas da Casa do Jongo da Serrinha



Fonte: Pontão de Cultura Jongo (2016)

Figura 24 - Jongueiros se apresentando



Fonte: Pontão de Cultura Jongo (2016)

Figura 25 - Estandarte da Casa do Jongo Serrinha em cortejo.



Fonte: Pontão de Cultura Jongo (2016)

- Cruising Bars Show Bar e K7 - Locais privados que proporcionam encontros casuais que servem de locais de sociabilidade de homens gays que não querem ter exposta sua orientação sexual. São instalações que oferecem cabines, *dark room*, sala de vídeo e área para fumantes. Tais estabelecimentos são voltados especialmente para homens gays e bissexuais que combinam entretenimento com encontros sexuais consensuais. Esses estabelecimentos surgiram como ambientes de socialização e liberdade sexual, muitas vezes funcionando como espaços de resistência e afirmação da sexualidade dissidente, especialmente em contextos de repressão social ou legal - Perfil do lugar: Espaço privado de lazer / Equipamento não específico de lazer / Aberto para a comunidade gay, bisexual e pansexual (Figuras 26 e 27).

Figura 26 - Fachada discreta do estabelecimento Show Bar, localizado na rua Carvalho de Souza



Fonte: Acervo pessoal (2025)

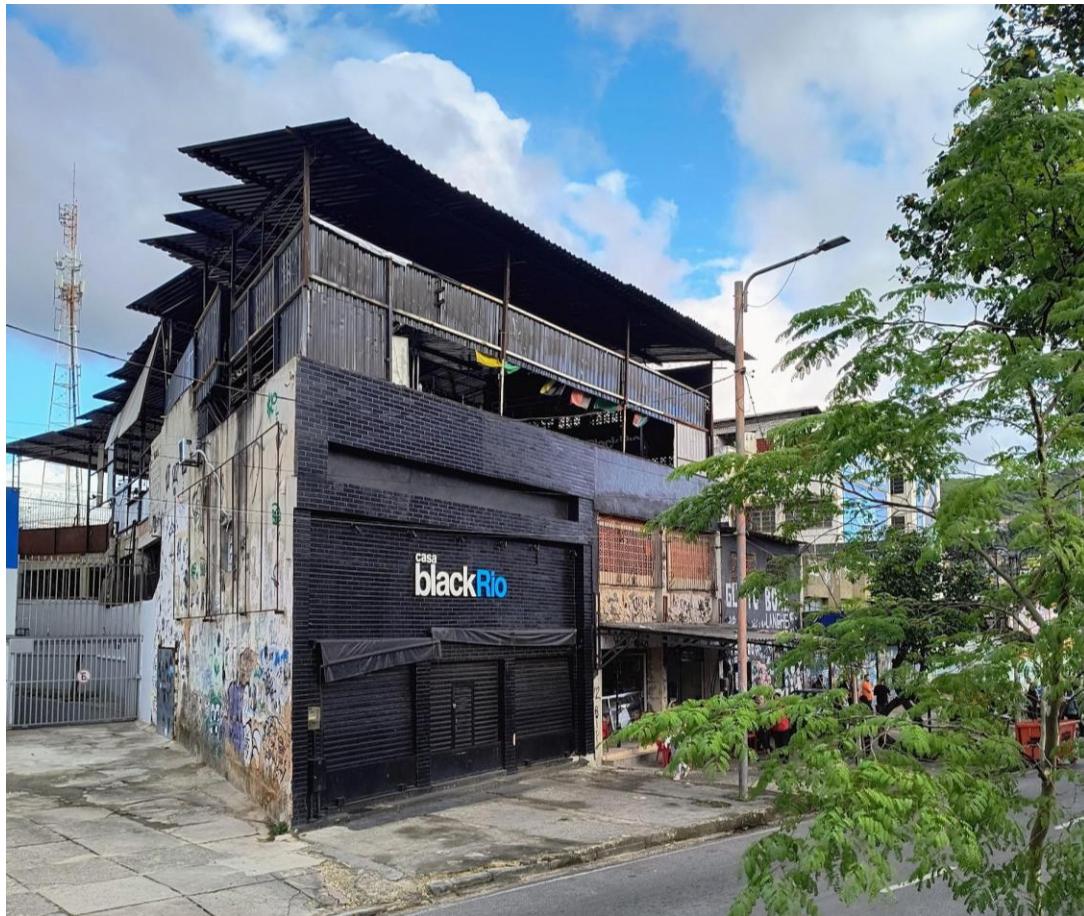
Figura 27 - Fachada discreta do estabelecimento K7 Cabines, localizado na rua Domingos Lopes



Fonte: Acervo pessoal (2025)

- Casa Black - Fundada no ano de 2019, a Casa Black Rio é um espaço cultural e de entretenimento. O local foi estrategicamente escolhido para receber pessoas interessadas em um bar ao ar livre, com programação musical de samba, *black music* e *afrobeats*. A casa promove, por meio da música, o empoderamento do povo negro além de ter uma programação diversificada - Perfil do lugar: Espaço privado de lazer / Equipamento específico de lazer / Aberto para todos os públicos (Figura 28).

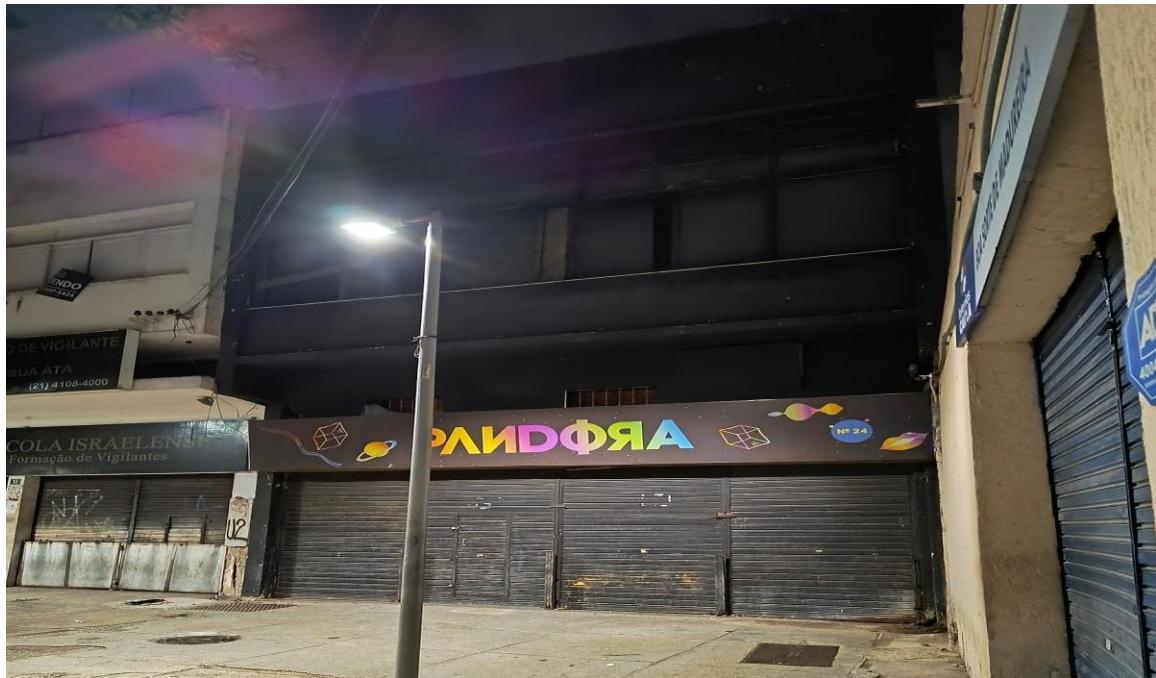
Figura 28 - Fachada da Casa Black



Fonte: Acervo pessoal (2025)

- Pandora Club - O Pandora Club foi uma casa noturna localizada na Travessa Almerinda Freitas, número 24. Inaugurado no ano de 2023, o bar teve uma breve vida. Conhecido por sua atmosfera vibrante, o Pandora Club frequentemente organizava eventos com open bar e apresentações de *DJs* renomados na comunidade LGBTQIAPN+. Antes do funcionamento do Pandora Club, funcionava no mesmo local o Boteco do Zé ou Bar do Zé. O bar era conhecido por seu ambiente acolhedor e pela música ao vivo, contribuindo para a atmosfera animada das noites de quarta-feiras na Travessa - Perfil do lugar: Espaço privado de lazer / Equipamento não específico de lazer / Aberto para a comunidade LGBTQIAPN+ (Figura 29).

Figura 29 - Fachada do Pandora Club, localizado na Travessa Almerinda Freitas



Fonte: Acervo pessoal (2025)

- Rua Dagmar da Fonseca / Rua do Leite - Embora a Rua Dagmar da Fonseca não seja oficialmente um ponto de encontro LGBTQIAPN+, tem sido conhecida informalmente como “Rua do Leite”. Durante a madrugada, atrai encontros sexuais casuais, muitos deles entre homens. Tal dinâmica ocorre porque a rua possui pouca vigilância, proporcionando desta forma a privacidade nesses encontros - Perfil do lugar: Espaço público de lazer / Equipamento não específico de lazer / Aberto para todos os públicos, porém focado na comunidade LGBTQIAPN+ (Figuras 30 A e B).

Figura 30 - Rua Dagmar da Fonseca, domingo, 06 de abril de 2025

A - Vista da rua



Fonte: Acervo pessoal (2025)

B - Vista da rua



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Esses espaços são, em tese, destinados a todos os públicos, promovendo a convivência e a expressão cultural. No entanto, a experiência do público LGBTQIAPN+ nesses ambientes revela uma realidade marcada por tensões entre inclusão e exclusão. Os equipamentos de lazer em Madureira, tanto os específicos (como as quadras de escolas de samba e centros culturais) quanto os não específicos (como praças e parques), são frequentados por diversos públicos, inclusive pela comunidade LGBTQIAPN+. A realização da Parada LGBTI+ de Madureira, que chegou à sua 21ª edição em 2024, evidencia a ocupação e reivindicação desses espaços por essa comunidade, ao passo que reforça o direito à cidade e ao lazer (Prefeitura do Rio, 2024).

Conforme Camargo (1992), o lazer — especialmente quando articulado a práticas como o turismo e os eventos culturais — deve ser compreendido como um direito e uma forma legítima de expressão social. No entanto, para que esse direito seja plenamente exercido, é fundamental que haja a garantia da segurança e do respeito à diversidade. Apesar do uso legítimo dos espaços de lazer por parte da população LGBTQIAPN+, ainda são recorrentes os relatos de preconceito, exclusão e violência. Um exemplo emblemático ocorreu em 2011, na quadra da escola de samba Unidos da Tijuca, localizada na região central do Rio de Janeiro. A criação de um banheiro exclusivo para gays e travestis, embora inicialmente apresentada como medida de segurança gerou ampla controvérsia. A proposta foi duramente criticada por ativistas e representantes da comunidade, que a interpretaram como um ato de segregação institucionalizada (UOL, 2011; Extra, 2011). Além disso, estudos demonstram que, em espaços públicos de lazer, pessoas LGBTQIAPN+ são frequentemente alvos de olhares discriminatórios, tratamento caricato e episódios de violência simbólica e física. Esses fatores impõem barreiras ao usufruto pleno do lazer, convertendo-o, muitas vezes, em uma experiência atravessada pela vigilância, pelo constrangimento e pelo medo.

Outro fator relevante para a análise é o crescimento das igrejas neopentecostais em Madureira (Figura 31), especialmente a Assembleia de Deus – Ministério de Madureira, uma das mais influentes do Brasil. A expansão dessas instituições no bairro tem influenciado valores sociais e morais que, muitas vezes, se chocam com os princípios de pluralidade e respeito à diversidade sexual e de gênero (Machado, 2006). Esse conservadorismo religioso pode reforçar atitudes discriminatórias, especialmente em ambientes públicos de convivência. O acesso aos espaços de lazer em Madureira revela uma dualidade: enquanto são locais de expressão cultural e convivência, também podem ser ambientes de exclusão para a comunidade LGBTQIAPN+. A presença de equipamentos destinados a todos os públicos não garante, por si só, a inclusão efetiva. É necessário promover políticas públicas, ações

educativas e iniciativas culturais que combatam o preconceito e assegurem o direito de todos à participação plena na vida urbana.

Figura 31 - Igreja Cristã Contemporânea de Madureira



Fonte: Acervo pessoal (2025)

1.4 - O lazer LGBTQIAPN+ em Madureira: um olhar para Travessa Almerinda Freitas

Desde a década de 1980, o bairro de Madureira possui alguns lugares onde a comunidade LGBTQIAPN+ era vista com frequência. Bares e discotecas dedicados à comunidade já eram uma realidade pelo território do bairro. Mesmo sofrendo com agressões físicas, verbais, morais ou simbólicas a comunidade permaneceu resistente no bairro enfrentando pessoas conservadoras descontentes, dando visibilidade às pautas da comunidade LGBTQIAPN+ (Brito, 2016).

Ainda na década de 1980, Loren Alexsander⁶, iniciou a mobilização da comunidade

⁶ A ativista faleceu no dia 06 de janeiro de 2021 em decorrência de complicações do Covid-19 aos 62 anos de idade. Lutadora, ousada e corajosa, Loren era presidente do Movimento de Gays, Travestis e Transexual de Madureira (MGTT) e por 20 anos organizou a Parada LGBT de Madureira. Ela contribuiu de maneira decisiva para a visibilidade da comunidade LGBTI dos subúrbios do Rio de Janeiro (Farina, 2021).

LGBTQIAPN+ em Madureira após uma agressão sofrida. Na época, Loren Alexander, depois de sofrer um assalto no bairro de Copacabana, local onde residia, decidiu mudar-se para a casa da mãe no bairro de Madureira. Contudo, a chegada de Loren à Madureira não foi sem resistências:

A transexual foi à farmácia com o shortinho que costumava vestir no bairro da zona sul, mas o calçadão era outro. Quando pisou no centro de comércio popular do bairro da zona norte, Loren foi alvo de garrafadas, xingamentos e outras agressões. “Foi aí que eu vi que faltava alguma coisa nesse bairro”, conta ela (Lisboa, 2018).

O Movimento de Gays, Travestis e Transformistas (MGTT) de Madureira foi oficialmente fundado em 1995, resultado da mobilização e do protagonismo de Loren Alexander. Seu objetivo era criar um movimento civil organizado, capaz de defender os direitos e reivindicações da comunidade LGBTQIAPN+ local. A iniciativa surgiu a partir da percepção crítica de Loren Alexander de que Madureira carecia de uma estrutura institucional voltada especificamente às lutas e demandas da população LGBTQIAPN+ do subúrbio carioca. Mesmo antes da formalização do MGTT, já era possível observar a presença de homens que buscavam relações homoafetivas em algumas ruas do bairro. No entanto, essas práticas eram frequentemente marcadas pela invisibilidade e, sobretudo, pela violência. Agressões físicas e simbólicas eram recorrentes, evidenciando a ausência de garantias básicas de segurança e dignidade para esses sujeitos.

A exposição a agressões tornava difícil que um espaço fosse ocupado pelas pessoas LGBT. Por isto peregrinavam de local a local, preferindo os mais escondidos por questões de segurança. Por um tempo, o 4º andar do Madureira Shopping, estabelecimento comercial do bairro, tornou-se um dos pontos de encontros fixo por volta do ano de 1999 (Freitas, 2018).

Inaugurado em 1989, o Madureira Shopping foi rapidamente adotado pelo público LGBTQIAPN+ de Madureira e de outras regiões do subúrbio carioca como ponto de encontro, sobretudo pela sensação de segurança, acolhimento e conforto que o espaço proporcionava. Essa apropriação simbólica e afetiva do shopping é relatada por Loren Alexander em artigo publicado no portal de notícias GGN, em 2014:

“Madureira sempre foi muito frequentada por homossexuais e com o surgimento do shopping, muitos começaram a marcar de se encontrar lá”. A popularização do acesso à internet foi outro fator que ela acredita ter sido fundamental para o crescimento da frequência no estabelecimento. “Eles teclavam nos *chats* e marcavam de se encontrar com os amigos, ou conhecer novas pessoas. O shopping virou uma grande referência” (...). “O rolezinho dentro do shopping nos dava mais segurança, era uma coisa bonita. Como era num espaço privado, as pessoas se sentiam mais seguras, ficavam à vontade. Os gays juntos se sentiam mais fortes,

protegidos. É a importância da multidão pra liberdade de expressão.”, definiu. “Os encontros serviram para grandes discussões de cidadania. A ideia da Parada LGBT de Madureira nasceu em um desses encontros (a edição de 2013 reuniu 150 mil pessoas). Muitas ações de cidadania voltadas para o público da zona norte nasceram nesses rolezinhos”.

A ocupação frequente das dependências do Madureira Shopping pelo público LGBTQIAPN+, especialmente às quartas-feiras, acabou gerando conflitos recorrentes com a administração do centro comercial. As desavenças incluíam tentativas de repressão, vigilância e restrição à permanência desses frequentadores no espaço, o que evidenciava uma tensão entre a apropriação social do shopping e sua lógica privada de funcionamento. Nesse contexto, muitos vivenciaram o esgotamento e a frustração de serem sistematicamente impedidos de exercer plenamente suas identidades. Assumir ou expressar a homossexualidade em determinados espaços significava correr riscos de represálias, discriminações e até agressões físicas.

É nesse cenário de luta por existência, dignidade e direito ao lazer que a Travessa Almerinda Freitas emerge como um espaço central de sociabilidade para homens gays em Madureira. Embora não fosse o único local utilizado para práticas de lazer com caráter afirmativo voltado à população LGBTQIAPN+, a Travessa tornou-se o mais conhecido e simbolicamente relevante ponto de encontro da região. Como alternativa, o extinto restaurante italiano e clube noturno Papa Leone (Figura 32), localizado na Travessa Almerinda Freitas, passou a funcionar como um importante ponto de encontro. O local se consolidou, à época, como espaço de sociabilidade, acolhimento e resistência para a comunidade, reafirmando a centralidade de Madureira na construção de territorialidades dissidentes. Ao investigar as origens da identidade LGBTQIAPN+ associada a esse território, observa-se que o Movimento de Gays, Travestis e Transformistas (MGTT)⁷ foi o principal articulador desse processo. Sua atuação foi decisiva na ressignificação da Travessa Almerinda Freitas como território de visibilidade, resistência e afirmação da diversidade sexual e de gênero no subúrbio carioca (Freitas, 2018).

⁷ O Movimento de Gays, Travestis e Transformistas (MGTT) de Madureira foi criado oficialmente em 1995, articulado por Loren Alexander, com o objetivo de organizar politicamente a comunidade LGBTQIAPN+ do subúrbio carioca. Segundo Freitas (2018), o MGTT foi pioneiro na defesa dos direitos dessa população em Madureira, promovendo ações afirmativas, eventos culturais e debates sobre cidadania, além de ocupar espaços públicos como forma de resistência e visibilidade.

Figura 32 - Boate Papa G, antigo restaurante e clube noturno Papa Leone



Fonte: Acervo pessoal (2025)

A Travessa Almerinda Freitas, embora à primeira vista pareça apenas mais uma via comercial do subúrbio carioca, revela-se, a partir de uma leitura mais atenta, como um território carregado de significados afetivos, políticos e simbólicos para a população LGBTQIAPN+ de Madureira. O trecho a seguir, extraído de Peret (2005), permite compreender como a apropriação cotidiana do espaço — inicialmente não planejado para o lazer ou para a convivência da diversidade — transforma essa rua em um lugar de sociabilidade e resistência. A descrição da rua em sua dualidade entre o fluxo diurno comercial e a ocupação noturna marginal revela a potência da ação dos sujeitos em ressignificar o espaço urbano. Nesse sentido, o contato contínuo entre os frequentadores do shopping e da Travessa, especialmente adolescentes e jovens gays, contribuiu para criar uma memória coletiva que transcende a função original da rua e a inscreve no imaginário de Madureira como um marco da presença LGBTQIAPN+.

A Rua Almerinda Freitas é igual a tantas outras: comercial e muito movimentada durante o dia, seus prédios de dois e três andares são ocupados por lojas de móveis, material de escritório e presentes. À noite, ela é uma via entre a Rua Carvalho de Souza e a estação de trem de Madureira, com uma grande área pouco iluminada e deserta. Vários prédios são recuados, formando uma espécie de praça interna, formada pela calçada que fica vazia à noite [...] Da mesma forma, o contato constante entre os adolescentes e demais frequentadores do shopping e da rua mantém viva uma memória que é anterior e transcendente ao espaço público que havia sido criado para a convivência deles mesmos. Eles tomaram o espaço e o transformaram momentaneamente em um lugar para seus encontros, criando uma tradição que faz parte do imaginário de Madureira (Peret, 2005, p.7-13).

O lazer é historicamente associado à descontração e ao tempo livre, podendo assumir

uma dimensão política quando se torna instrumento de afirmação de identidades marginalizadas. O lazer emerge como uma potente ferramenta de ativismo político. Longe de ser apenas um tempo livre ou um espaço de entretenimento, o lazer, sobretudo quando vivido por corpos dissidentes, pode se transformar em um ato de reivindicação, visibilidade e enfrentamento das normas sociais excludentes. Neste contexto, o simples ato de ocupar um espaço para dançar, socializar ou existir pode representar uma resistência ativa às estruturas normativas de exclusão. Um exemplo emblemático dessa perspectiva é a ocupação da Travessa Almerinda Freitas por gays e por outras pessoas LGBTQIAPN+ desde o início dos anos 2000, resultado da mobilização e da atuação do MGTT. A região, antes associada ao comércio e à passagem cotidiana, ganhou novos contornos nas noites de quarta-feira. Com suas calçadas vazias e recuadas, a Travessa, torna-se um local discreto que possibilitou aos gays da periferia, negros em sua maioria, experiências e vivências únicas. A Travessa tornou-se lugar de afirmação de identidade, de troca cultural, de celebração e, ao mesmo tempo, de denúncia da exclusão de corpos LGBTQIAPN+ dos circuitos formais da cidade, formando uma identidade para a diversidade. Em um Rio de Janeiro que ainda relegava o lazer gay a guetos centralizados na zona sul ou em espaços privados de alto custo, a Travessa se apresentava como um grito suburbano de autonomia e presença. Um local que possibilitou os encontros homoafetivos sem repressão. Essa ocupação não foi neutra, foi um ato político (Costa e Heidrich, 2007). Apesar da presença não heteronormativa em outras localidades de Madureira, foi na Travessa que a comunidade LGBTQIAPN+ se estabeleceu com território. Evidenciando que o processo de formação do território se apoia no espaço, mas não é o espaço. A rua não era só palco de festas, mas trincheira simbólica contra o preconceito, o apagamento e a marginalização. Assim, a experiência da Travessa Almerinda Freitas nos mostra que o lazer não é apenas descanso: é ocupação, é corpo na rua, é política. E quando esses corpos são corpos dissidentes, periféricos e historicamente marginalizados, o ato de ocupar para dançar, beijar ou simplesmente existir se transforma numa poderosa declaração de liberdade (Raffestin, 1993).

Após mais de dezoito anos de ocupação LGBTQIAPN+ na Travessa Almerinda Freitas, não é mais possível dissociar aquele território do ativismo político inclusivo. Toda e qualquer formação de território é fruto das relações espaciais humanas que envolvem múltiplos níveis de razões e significados, tais relações não são neutras - o território como exercício de poder (Souza, 2010). Mesmo quando há intencionalidades por parte de alguns gestores públicos em esvaziar tais territórios de seus significados. Tais como: o capitalismo imobiliário articulando demandas que objetivam alterar os espaços ao conter, restringir ou

excluir indivíduos. “Uma cerca ou um muro pode controlar, assim como também uma placa de ‘proibida a entrada’. Pela definição, a territorialidade estabelece o controle sobre a área como um meio de controlar o acesso a coisas e relações” (Sack, 2013, p.78). Por isso, se faz necessário à articulação com os frequentadores de tal território a questão da cidadania, do direito à cidade, de morar, lazer, educação, trabalho, de produzir, circulação, de vivenciar os seus espaços, de manifestar sua cultura é fundamental. É inerente à formação de território o cruzamento de perspectivas - perspectivas daqueles controlados e daqueles que executam o controle, sejam eles indivíduos ou grupos - território sendo a forma espacial primária que o poder assume (Sack, 2013).

Sack (1986), ao sinalizar para uma abordagem múltipla, também destaca a dimensão política e o simultâneo papel das fronteiras na influência de uma ou mais pessoas sobre outras, na definição da territorialidade humana como estratégia de dominação. A delimitação de uma área se torna um território quando alguma *autoridade* a usa para influenciar, moldar ou controlar atividades e indivíduos, sendo que esta *autoridade* pode estar fora da área/território. [...] Roberto Sack, ratificando alguns aspectos da abordagem de Gottmann (1973), entende a territorialidade como a tentativa de um indivíduo ou grupo social de influenciar, controlar pessoas, recursos, fenômenos e relações, delimitando e efetivando o controle sobre uma área. A territorialidade, como afirma Sack (1986), é uma expressão geográfica do exercício do poder em uma certa área. Esta área é o território. Para este autor, porém, nem toda área é território. Este deriva de estratégias de domínio e controle, numa área delimitada, especialmente, pela atuação do Estado que condiciona *comportamentos* através da comunicação e de relações de poder (Saquet, 2007, p.65-66).

Como afirma Dorfman (2012, p.215), “as territorialidades humanas são circunscritas como a tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica”. A territorialização é marcada por encontros e diferenças, permitindo reproduzir relações sociais complexas e controversas. “Desta forma, a definição de territorialidade extrapola as relações de poder político, os simbolismos dos diferentes grupos sociais e envolve, ao mesmo tempo, a dinâmica econômica centrada em seus agentes sociais” (Saquet, 2007, p.70).

Essa complexa territorialização dos espaços é intensificada em Madureira devido à posição geográfica e econômica do bairro. É um bairro que historicamente tem vocação para o comércio. Esta vocação é potencializada pela grande oferta de transporte que há no bairro. Há acesso a estações de trem - ramais Deodoro, Santa Cruz, Japeri e Belford Roxo, aos terminais de BRT e uma grande gama de linhas de ônibus municipais e intermunicipais interligando o bairro aos demais bairros da zona norte, zona oeste e ao centro da cidade. Além de conexão direta com diversos municípios da Baixada Fluminense. Tornando o bairro acessível para pessoas das mais variadas localidades.

Outra dimensão da complexa territorialização em Madureira manifesta-se nos múltiplos usos sociais e econômicos de um mesmo espaço geográfico. A Travessa, por exemplo, apresenta dinâmicas distintas ao longo do dia: durante o período diurno, é frequentada por pessoas em busca de móveis e materiais de escritório; à noite, transforma-se em ponto de encontro para atividades de lazer. Como observa Sack (2013, p. 23), “um lugar pode ser um território em um momento e não o ser em outro, e um território pode criar um lugar em outro que não existia antes”. Isso evidencia que um mesmo território pode abrigar diversas identidades e territorialidades, coexistindo e se reconfigurando conforme os usos e significados atribuídos pelos sujeitos.

O território é a conjugação da materialidade e da imaterialidade. E a formação da territorialidade é oriunda de movimentos históricos e multiescalar, frutos de determinações territoriais e de contradições sociais; das forças econômicas, políticas, culturais e das forças econômicas articuladas interna e externamente a cada território (Saquet, 2007). No caso da formação da territorialidade LGBTQIANPN+ da Travessa Almerinda Freitas fica visível a sobreposição dos momentos históricos, desde a disposição material do logradouro e suas antigas construções até na questão imaterial, cujo nome da boate Papa G é uma referência direta ao antigo restaurante italiano e clube noturno Papa Leone. Evidenciado que presente e passado se condicionam mutuamente. Como apontado em Saquet (2007, p.73), “O território significa (i)materialidade; não é apenas substrato (palco) ou formas espaciais, nem apenas relações sociais. As próprias relações sociais têm uma (i)materialidade; são objetivas e subjetivas ao mesmo tempo; são plurais e coexistentes, mudam e permanecem”.

O velho é re-criado no novo, num movimento concomitante de descontinuidade e continuidade. A continuidade ocorre na não-mudança e, na própria descontinuidade, que contém, em-si, elementos do momento e da totalidade anteriores. Com isso, o velho não é eliminado, mas superado, permanecendo, parcialmente, no novo, como ilustramos anteriormente. Há, aí, uma destruição criadora, presente, lenta e veloz, multiforme, às vezes explícita e às vezes implicitamente (Saquet, 2007, p.71).

Na gestão do prefeito Marcelo Crivella, houve a intenção, através da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual (CEDS Rio), da transformação da Travessa Almerinda Freitas em ponto turístico LGBTQIAPN+. Através da articulação entre o MGTT e a prefeitura municipal, a Travessa Almerinda Freitas foi renomeada como Rua da Diversidade e oficializando-a como um ponto turístico para as pessoas LGBT, no dia 28 de junho de 2018. Segue algumas transcrições e citações feitas pelo então Coordenador Nélio Georgini em entrevistas dadas ao site oficial da prefeitura do município do Rio de Janeiro, divulgadas no

dia 26 de junho de 2018 e no dia 18 de outubro de 2018, que demonstram esta intenção que a então gestão municipal tinha:

Com reconhecimento e incentivo do poder público receberemos cada vez mais turistas para conhecer a Zona Norte, pois, além do Mercadão, do Baile Charme, das escolas de samba do bairro, poderemos atrair mais visitantes LGBTs para Madureira (26/06/2018).

O Rio vai além da Zona Sul, os LGBTs do subúrbio carioca, da Zona Norte e Oeste, também precisam da nossa atenção. Desde o início da nossa gestão, temos focado nessas áreas da cidade também (18/10/2019).

A intenção da prefeitura, representada pela fala do Coordenador da diversidade sexual, é que tais iniciativas atraiam mais turistas para o bairro, por meio da efervescência da Travessa Almerinda Freitas. A Travessa se somaria às outras atrações do bairro, como o Baile Charme, as escolas de Samba e o Mercadão (Freitas, 2018).

Tal perspectiva se aproxima dos conceitos apresentados por Raffestin (1993), quando o autor afirma que o território não é tão somente o espaço físico, depósito material de recursos, mas é, sobretudo, o resultado de um programa intencional, isto é, da aplicação de energia e de informações para a implantação de estratégias adotadas por atores sintagmáticos - responsáveis pela elaboração e condução de um programa -, que produzem este território (Junior e Santos, 2018, p.10).

O MGTT esteve envolvido em atividades apoiadas pela Prefeitura do Rio de Janeiro durante a gestão de Marcelo Crivella (2017–2020). Em 2017, o grupo organizou a Parada LGBT de Madureira, evento que contou com o apoio institucional da prefeitura, incluindo isenção de taxas e fornecimento de estrutura por órgãos municipais. Além disso, o evento recebeu apoio financeiro de empresas como Uber e Ambev, viabilizado por meio da Lei Rouanet, com a intermediação da Coordenadoria Especial da Diversidade Sexual da prefeitura. Embora o MGTT tenha recebido apoio institucional da prefeitura, não há informações públicas que indiquem a formação de um grupo específico dentro da administração municipal com o nome "MGTT" ou com foco exclusivo nesse movimento durante a gestão de Crivella. O envolvimento do grupo foi pontual e relacionado a eventos específicos, como a Parada LGBT de Madureira (O Fuxico, 2017).

Essa articulação levanta questionamentos importantes: seria essa uma demonstração de uma maneira de agir mais adaptável do MGTT em relação a outros grupos de defesa LGBT carioca? E quais seriam os objetivos de um governo conservador, representado pelo prefeito Marcelo Crivella, em transformar a Travessa em um ponto de referência turística? A administração de Crivella, marcada por pautas conservadoras e um discurso fortemente

alinhado a valores religiosos, surpreendeu ao estabelecer alianças com o MGTT. Este fenômeno, à primeira vista paradoxal, pode ser compreendido a partir de uma análise mais profunda do pragmatismo político e das dinâmicas locais que envolvem tanto o poder público quanto os movimentos sociais. Essas alianças refletem um pragmatismo político no qual atores institucionais, mesmo com posições ideológicas firmes, fazem concessões estratégicas em busca de governabilidade, apoio eleitoral e pacificação social. Os contextos locais muitas vezes exigem adaptações para atender demandas específicas da população e garantir a manutenção do poder. No caso de Crivella em Madureira, observa-se uma tentativa de aproximação com bases eleitorais populares e marginalizadas, ampliando seu capital político. Por outro lado, a capacidade de articulação do MGTT também é essencial para entender essa relação: o movimento LGBTQIAPN+ não é homogêneo e possui diferentes estratégias de ação. As lideranças do MGTT de Madureira souberam negociar com o poder público, oferecendo legitimidade simbólica para suas comunidades. Assim, as alianças entre o governo Crivella e o MGTT ilustram as contradições da política brasileira contemporânea, onde ideologias nem sempre definem as práticas governamentais, e a negociação com diferentes atores sociais pode ser decisiva para a manutenção do poder (Costa, Machado e Prado, 2008).

Dessa forma, comprehende-se que o território é influenciado pela atuação do Estado, embora este não seja o único agente formador. Ações sociais realizadas por empresários, organizações políticas e indivíduos também contribuem significativamente para sua constituição. Através da elaboração de projetos, os grupos citados acima, podem desenvolver ações que valorizem identidades simbólico-culturais. A identidade configura-se num patrimônio simbólico-cultural-territorial a ser preservado e valorizado pelos atores envolvidos diretamente na sua constituição histórica e por outras pessoas que podem viver esse patrimônio (Saquet e Briskievicz, 2009).

Como sentenciado em Marcellino (1996, p.33), “se o espaço para o lazer é privilégio de poucos, todo o esforço para a sua democratização não pode depender unicamente da construção de equipamentos específicos”, podemos afirmar que o surgimento de territórios para o lazer LGBTQIAPN+ em Madureira é fruto de árduas batalhas individuais e dos movimentos sociais para se fixar no bairro. Até hoje, a luta por reconhecimento, visibilidade e respeito marcam as relações sociais nesses territórios. E o principal patrimônio identitário LGBTQIAPN+ de Madureira é a Parada do Orgulho realizada anualmente no bairro.

Enquanto territorialidades, a Parada LGBT de Madureira aparentemente torna-se uma estratégia mais eficiente por sua localização mais acessível e por outras ações que ocorrem próximo do trajeto, reforçando assim a existência de uma

territorialidade. Além disso é perceptível a mudança no bairro, onde antes havia ações violentas contra as pessoas LGBT, hoje estas não mais lhe agridem com tanta frequência, havendo até possibilidade de festas nas ruas e ocupação de espaços sem grandes implicações de antes (Freitas, 2018).

Os espaços de lazer LGBTQIAPN+ em Madureira — especialmente aqueles frequentados por homens gays, foco desta pesquisa — foram constituídos por temporalidades, territorialidades, continuidades e descontinuidades. Esses espaços são resultado do movimento e da heterogeneidade dos agentes sociais que os ocupam e ressignificam, produzindo territorialidades marcadas por múltiplas camadas de sentido. O território, nesse contexto, é simultaneamente expressão de diversidade e unidade, de desigualdades e diferenças, mas também de identidade. Conforme Saquet (2007), o território se forma a partir de interações recíprocas entre sociedade e natureza, sendo produto das relações sociais que o atravessam e das práticas que o configuram cotidianamente.

Isso reforça a ideia de que o movimento e a heterogeneidade são dimensões constitutivas dos territórios e das relações estabelecidas pelos agentes sociais. Ainda que determinados espaços de lazer sejam inicialmente planejados para atender especificamente a homens gays, esses mesmos locais acabam por acolher uma diversidade de identidades que compõem o espectro LGBTQIAPN+. Essa dinâmica ocorre porque tais territorialidades funcionam como suporte para a construção de identidades plurais, além de possibilitarem o desenvolvimento de ações afirmativas. Nesse processo, articulam-se a outras territorialidades voltadas à promoção de políticas públicas inclusivas, ampliando o potencial político desses espaços. Essa complexidade é bem descrita por Saquet (2007), ao conceber o território como um espaço de vida — ao mesmo tempo objetivo e subjetivo — em que as relações sociais são moldadas por condições históricas desiguais. Os fenômenos territoriais, segundo o autor, são processuais, relacionais e (i)materiais, o que permite a presença e o protagonismo de múltiplos sujeitos, mesmo em espaços originalmente concebidos para públicos específicos.

II - HISTÓRIA E ABORDAGENS CARTOGRÁFICAS: DA PERCEPÇÃO DO ESPAÇO VIVIDO AOS MAPAS DE ORIENTAÇÃO PARA O LAZER

2.1 - A cartografia ao longo do tempo: tipos e intenções

De maneira geral, os mapas representam o espaço geográfico em toda a sua diversidade, enquanto a cartografia documenta a produção do conhecimento humano sobre o mundo, refletindo modos específicos de ver, compreender e organizar o espaço. É importante ressaltar que essa leitura cartográfica está sempre situada em um contexto histórico-social determinado, sendo influenciada pelas condições culturais, políticas e técnicas do período, além da perspectiva de quem elabora o mapa.

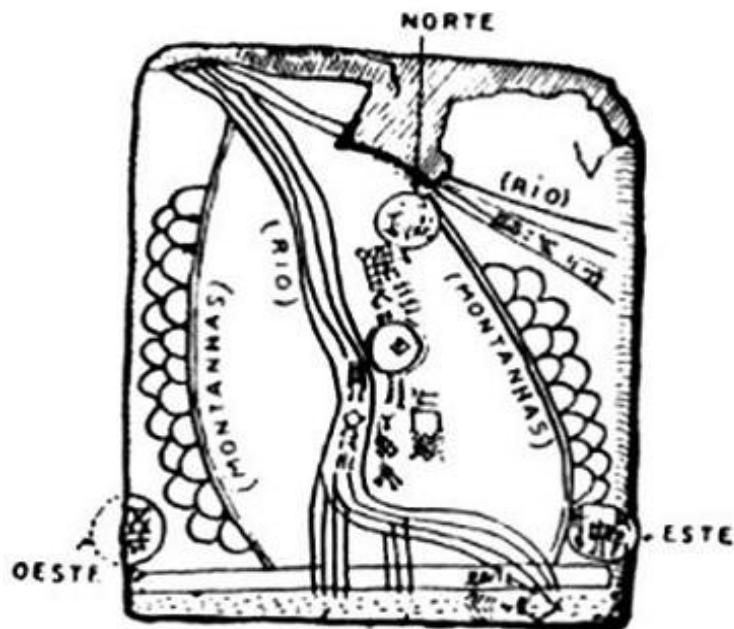
Como afirma Fiori (2008), a cartografia não é uma prática neutra ou puramente técnica, mas um saber que revela concepções de mundo, disputas de poder e intenções de controle e dominação territorial. Os mapas não apenas descrevem realidades, mas constroem representações que servem a projetos políticos, econômicos e ideológicos específicos. Por isso, compreendê-los exige uma leitura crítica e contextualizada de seus significados, funções e usos. Dessa forma, torna-se pertinente realizar um breve levantamento sobre a importância da cartografia para a pesquisa científica ao longo do tempo, destacando as distintas abordagens nas quais os mapas podem ser contextualizados.

Nesse sentido, citam-se, inicialmente, os mapas de itinerários da Antiguidade, produzidos por diferentes povos que se valiam de representações gráficas do espaço para registrar e comunicar informações geográficas essenciais. Esses mapas indicavam, por exemplo, locais de caça, localização de aldeias e comunidades, rotas de deslocamento, entre outros dados utilizados para os mais diversos fins — desde a sobrevivência até o domínio territorial. A figura 33 ilustra uma dessas representações: uma área de várzea do rio Eufrates, ao norte da Mesopotâmia. De acordo com Fiori (2008), esse tipo de representação, ainda que rudimentar, já expressava uma forma de organização espacial e de leitura do território, evidenciando a presença de uma racionalidade técnica e simbólica. Mesmo em contextos nos quais a escrita ainda não era plenamente desenvolvida, o ato de mapear envolvia uma intenção de sistematizar o conhecimento do espaço, tornando visíveis as relações entre natureza, sociedade e cultura.

A partir dessa análise, torna-se evidente que a cartografia, desde os seus primórdios, tem sido um instrumento fundamental para a construção da realidade e para o exercício do poder. Assim, estudar os mapas e suas transformações ao longo do tempo não é apenas uma

forma de compreender o espaço geográfico, mas também de interpretar os processos históricos, sociais e políticos que moldam as diferentes formas de apropriação e produção do território.

Figura 33 - Mapa da Antiguidade - Placa de Ga-Sur 2.500 a.c.



Fonte: Campos (2010)

Portanto, as primeiras formas de expressão gráfica do espaço, desenvolvidas por diferentes povos da Antiguidade, não se limitavam a simples representações físicas da paisagem. Elas eram fruto da observação minuciosa do ambiente por populações que vivenciavam o espaço de forma direta, utilizando os mapas como ferramentas para registrar, comunicar e organizar a realidade geográfica à sua volta. Conforme argumenta Almeida (2007), essas representações gráficas revelavam não apenas um conhecimento empírico acumulado ao longo do tempo, mas também traduziam relações sociais, culturais e políticas. Ao mapear o território, esses grupos inscreviam nele seus modos de vida, suas experiências e suas relações com o meio natural e com os outros grupos humanos.

Sob essa perspectiva, a cartografia já se apresentava, desde seus primórdios, como um saber geográfico dotado de intencionalidade política, pois permitia conhecer para dominar. O domínio do espaço físico implicava, igualmente, o controle de recursos naturais, de rotas de circulação e de fronteiras simbólicas e materiais. Como destaca Almeida (2007), conhecer o território significava legitimamente poder reivindicá-lo, protegê-lo ou explorá-lo — e, portanto, o mapa assumia uma função estratégica na construção de poder.

Campos (2010) reforça essa compreensão ao evidenciar que, na Antiguidade, o avanço das práticas cartográficas esteve diretamente relacionado à intensificação das atividades comerciais e das navegações. O crescimento do intercâmbio entre diferentes povos demandava conhecimento detalhado das rotas e dos territórios. Assim, a cartografia passou a ser utilizada como um instrumento fundamental para viabilizar o deslocamento, facilitar as trocas e ampliar as fronteiras do mundo conhecido. Os mapas começaram a desempenhar um papel cada vez mais técnico e político, sendo aplicados à gestão dos deslocamentos comerciais e às estratégias de dominação territorial.

Nesse contexto, a cartografia consolidou-se como um saber de Estado e de impérios. O domínio técnico da representação espacial era diretamente proporcional à capacidade de planejar conquistas, estabelecer rotas de expansão e organizar economicamente os territórios. Waldman (2013) exemplifica essa lógica expansionista por meio da Tábua de Peutinger, uma representação cartográfica romana do século IV d.C. Com cerca de 6,5 metros de comprimento e 30 centímetros de largura, a tábua reunia informações cruciais sobre o sistema viário do Império Romano (Figura 34), indicando cidades, postos de parada, distâncias e conexões entre as regiões. Utilizada como instrumento prático de deslocamento e planejamento, a tábua revela como o conhecimento cartográfico era central para a administração e a articulação dos vastos domínios imperiais.

Figura 34 - O mapa romano de Peutinger



Fonte: História Mundi (2025)

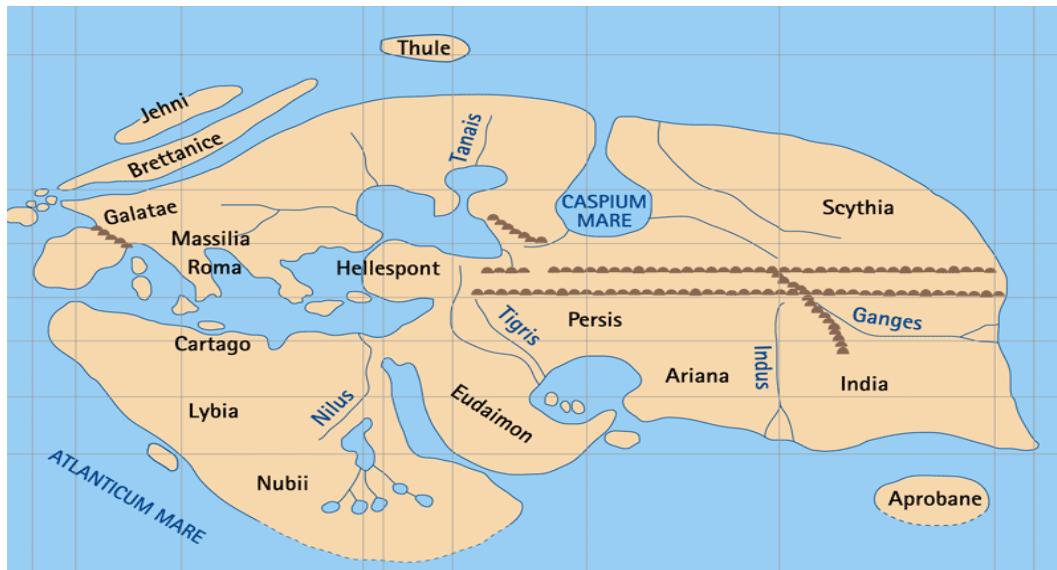
Colaço (2016) observa que, na Antiguidade Clássica, os romanos apresentavam uma menor preocupação com o desenvolvimento científico da cartografia, concentrando-se,

sobretudo em suas aplicações práticas. Os mapas não eram concebidos como instrumentos de representação exata do espaço, mas como ferramentas funcionais voltadas ao controle administrativo e militar — elementos essenciais para a manutenção e expansão do Império. Como reforça Campos (2010), as produções cartográficas romanas serviam como suporte básico para a cobrança de impostos, o planejamento urbano, a organização territorial e a logística das conquistas militares, revelando sua dimensão estratégica no exercício do poder imperial.

O deslocamento espacial promovido pelos povos da Antiguidade — intensificado pelas disputas territoriais, pelos fluxos comerciais e pelas campanhas militares — impulsionou o aprimoramento das técnicas de representação do espaço. A necessidade de conhecer e administrar vastos domínios estimulou avanços significativos na precisão das representações cartográficas, especialmente no que diz respeito à mensuração de áreas e à demarcação de limites. Como afirma Campos (2010), esse processo resultou em representações gráficas progressivamente mais fiéis ao espaço real, sustentadas por novos conhecimentos técnicos e pelo uso de instrumentos de medição mais sofisticados.

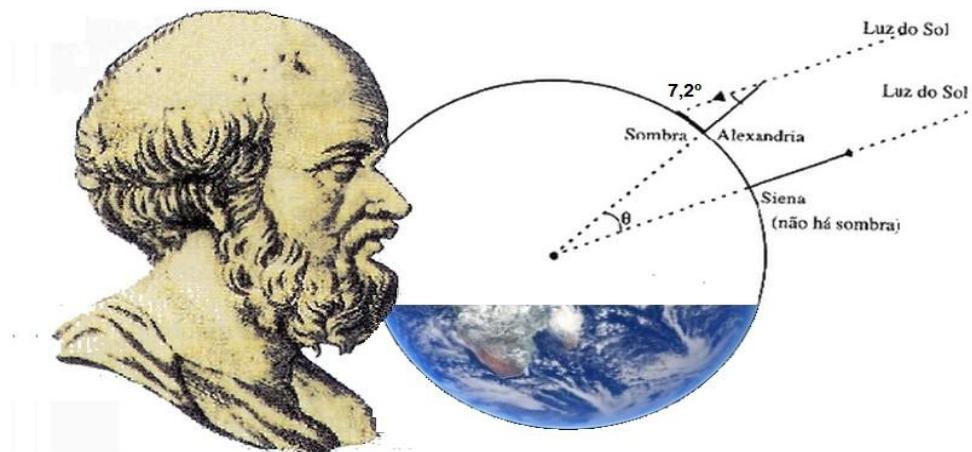
Paralelamente, o desenvolvimento das ciências e das artes também influenciou o aperfeiçoamento das produções cartográficas. Civilizações como a chinesa, a egípcia, a grega e a romana foram fundamentais para a consolidação da cartografia como campo do saber. Os chineses e os egípcios, por exemplo, foram pioneiros ao estabelecer bases epistemológicas para a representação da Terra, criando métodos e instrumentos que possibilitaram maior exatidão na medição de distâncias e superfícies — um legado técnico que foi essencial para o avanço da cartografia ocidental. No contexto do Egito Antigo, destaca-se a figura de Eratóstenes de Cirene, que por volta de 220 a.C., a pedido da corte egípcia, elaborou um mapa-múndi que representava o mundo conhecido à época (Figura 35). Esse mapa incluía porções dos continentes asiático, africano e europeu, excluindo, naturalmente, regiões como a América, a Oceania e a Antártica, que ainda eram desconhecidas pelas civilizações greco-romanas. A contribuição de Eratóstenes vai além da simples representação gráfica: ao calcular com impressionante precisão o diâmetro da Terra utilizando apenas instrumentos rudimentares e observações astronômicas, ele inaugurou uma nova era de pensamento geográfico e científico (Figura 36).

Figura 35 - Mundo de Eratóstenes - 220 a.C.



Fonte: Sacit Ámetam (2024)

Figura 35 - Experimento de Eratóstenes



Fonte: O Leme Magazine (2024)

Outro nome de destaque no legado da cartografia antiga é o do astrônomo, astrólogo, geógrafo e matemático Cláudio Ptolomeu (ca. 100–178 d.C.). Considerado um dos principais expoentes da ciência helenística, Ptolomeu sistematizou os conhecimentos geográficos disponíveis em sua época na obra *Geographia*, na qual propôs um modelo de projeção cartográfica que perduraria por séculos. Conforme explica Santos (2009), suas ideias influenciaram profundamente os navegadores e exploradores do período renascentista, sendo suas obras adotadas como referência cartográfica durante as grandes navegações (Figura 37).

A cartografia ptolemaica representa, portanto, um marco na transição entre a cartografia empírica e a cartografia científica, estabelecendo parâmetros para a construção de mapas baseados em coordenadas e medidas matemáticas.

Figura 37 - Planisfério de Ptolomeu (150 a.C.)



Fonte: Ribeiro e Ghizzo (2012, p.71)

Durante a Idade Média, os estudos cartográficos na Europa sofreram um considerável retrocesso em relação aos avanços conquistados durante a Antiguidade Clássica. Como analisa Campos (2010), esse período foi marcado por uma profunda interferência da Igreja Católica nos campos do saber, o que influenciou diretamente a forma como os mapas eram produzidos, interpretados e utilizados. A cartografia medieval passou a refletir uma visão de mundo teocêntrica, centrada em valores simbólicos, dogmas religiosos e interpretações bíblicas, em detrimento da observação empírica e da racionalidade científica que havia caracterizado produções anteriores, como as de Eratóstenes e Ptolomeu. Esse fenômeno configurou o que Campos denomina como um período das trevas para o conhecimento científico, marcado pela negação e pelo apagamento dos saberes produzidos por civilizações como a grega e a romana.

Na Europa medieval, observa-se uma drástica diminuição na produção de mapas com

preocupação técnica ou representação precisa da morfologia do terreno. Os mapas priorizavam dimensões simbólicas e espirituais, convertendo o espaço físico em alegoria da fé cristã. Como destaca Santos (2009, p. 11), esse domínio religioso sobre a cartografia é evidente nos chamados mapas “T em O”, nos quais Jerusalém ocupa o centro do mundo conhecido, o Paraíso é posicionado no topo (associado ao Oriente), e os três continentes então identificados — Europa, Ásia e África — são delimitados pelas formas do Mar Mediterrâneo, do rio Nilo e do rio Tanais:

...podemos verificar esse fato também na representação cartográfica: os chamados mapas ‘T em O’ apresentam Jerusalém no centro e, o Paraíso na parte superior (Oriente), além da demarcação do mundo conhecido até o momento (Europa, Ásia e África divididos pelo Mediterrâneo, o Nilo e Tanais).

Esses mapas, portanto, expressam a subordinação do saber científico à lógica religiosa. A Terra era representada como um disco plano — com a letra “O” simbolizando o oceano que circundava o mundo, e a letra “T” representando as divisões continentais — num esquema altamente simbólico e teocêntrico (Figura 38). Trata-se de um exemplo claro de como a cartografia foi apropriada como instrumento de propagação de valores religiosos, suprimindo observações empíricas e racionalidade científica.

Figura 38 - Modelo “TO” de Isidoro, de 1472



Fonte: Ghizzo e Ribeiro (2012, p.72)

Entretanto, essa estagnação do saber cartográfico não ocorreu de maneira homogênea em todo o mundo. Povos que estavam à margem da influência cultural e política direta da Igreja Católica, como os árabes, desenvolveram, durante esse mesmo período, importantes contribuições para a cartografia. Diferentemente da tradição cristã europeia, a cartografia islâmica buscava integrar informações empíricas, acumuladas por meio de expedições comerciais, peregrinações religiosas e observações astronômicas. Essa prática resultou em mapas mais complexos e informativos, com forte ligação entre geografia, ciência e política. Um exemplo notável desse legado é o mapa produzido por Al-Idrisi, renomado cartógrafo muçulmano do século XII. Seu trabalho é exemplar no que diz respeito à relação entre representação cartográfica e contexto cultural: na imagem por ele concebida, a Península Arábica ocupa posição central, com destaque especial para a cidade sagrada de Meca. Além disso, o mapa posiciona o continente europeu no hemisfério sul, invertendo a orientação que viria a se consolidar na cartografia ocidental moderna (Santos, 2009) (Figura 39). Essa inversão demonstra que não há uma neutralidade cartográfica: o centro do mundo nos mapas, muitas vezes, é o centro do poder, do sagrado ou da cultura dominante.

Figura 39 - Mapa árabe de Al-Idrisi

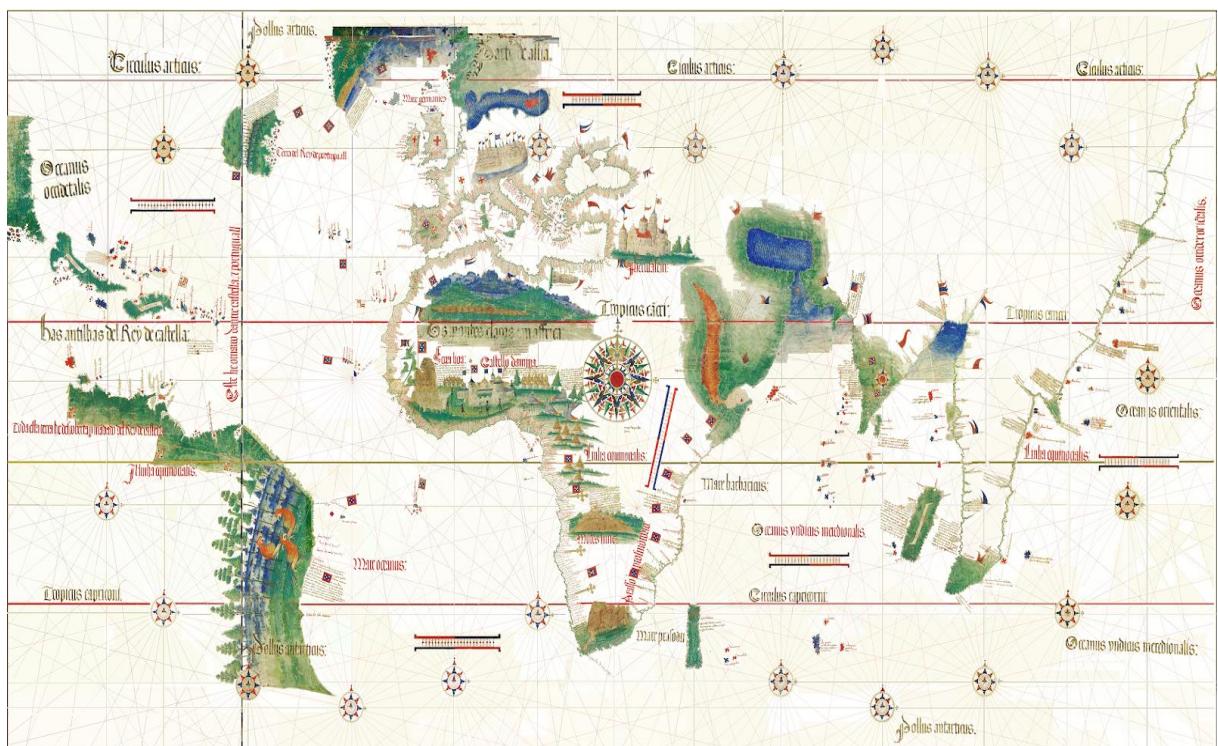


Fonte: Ghizzo e Ribeiro (2012, p.72)

Segundo Campos (2010, p. 30), “ainda na Idade Média, no século XIII, surgiu na Europa um tipo de mapa próprio para a navegação: as cartas portulanas, idealizadas provavelmente por almirantes e capitães das frotas expedicionárias”. Esses navegadores, em grande parte oriundos de potências marítimas do Mediterrâneo, vivenciaram intensos contatos entre o mundo cristão e o mundo árabe — trocas que foram decisivas para o avanço do conhecimento náutico e cartográfico na Europa. As cartas portulanas surgiram justamente nesse contexto de expansão marítima e comercial, atendendo à necessidade de registros precisos das rotas, costas e portos, permitindo a realização das navegações oceânicas com maior segurança.

Essas cartas constituíram um marco no renascimento da cartografia europeia, ao romperem com os modelos religiosos e simbólicos predominantes na cartografia medieval — como os mapas “T em O” — e ao inaugurar uma nova perspectiva sobre a representação do mundo, mais pragmática, técnica e voltada à exploração territorial. As portulanas indicavam as principais rotas marítimas, a localização dos portos e a direção dos ventos predominantes, sendo as primeiras representações cartográficas a incorporar sistematicamente a rosa-dos-ventos (Santos, 2009) (Figura 40), elemento que se tornaria símbolo da cartografia náutica renascentista.

Figura 40 – Carta Portulana de Cantino - 1502



Fonte: Ribeiro e Ghizzo (2012, p.73)

De acordo com Bakker (1965, p. 10) apud Ribeiro e Ghizzo (2012, p. 73), essas cartas foram elaboradas, possivelmente, por navegadores genoveses, com base em práticas empíricas acumuladas nas rotas mediterrâneas. Não seguiam critérios de projeção cartográfica científica, mas possuíam traçados práticos e funcionais, orientados às necessidades dos navegantes:

Essas cartas portulanas que precederam o ressurgimento da obra de Ptolomeu, foram construídas talvez por genoveses inicialmente [...] não obedeciam a nenhum critério de projeção, apenas reservadas aos navegantes, já possuíam o traçado das loxodromias (rumos) e o deslocamento das costas dos países mediterrâneos.

As loxodromias — linhas que indicam rumos constantes em relação aos pontos cardinais — são um dos elementos mais relevantes dessas cartas, pois permitiam que os navegadores traçassem rotas fixas, essenciais em travessias longas e perigosas. Esse conhecimento, aliado à observação das correntes marítimas, dos ventos predominantes e da posição astronômica, tornou-se indispensável para as grandes navegações e para a conquista de novos territórios. Como afirma Santos (2009), a prática da navegação exigia mais do que intuição: envolvia cálculos rigorosos de rotas, a correta localização dos portos e o domínio técnico sobre os instrumentos de orientação disponíveis à época.

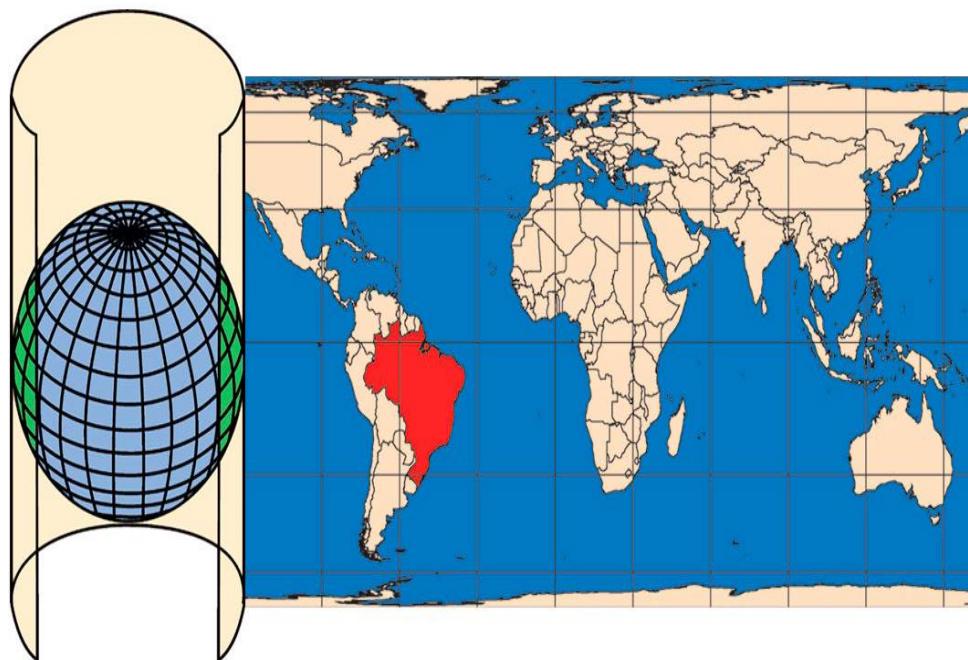
Com a chegada da Idade Moderna, especialmente a partir do Renascimento europeu, observa-se um expressivo avanço no campo científico e técnico, com impactos diretos e significativos na cartografia. Conforme destacam Ribeiro e Ghizzo (2012), um dos fatores determinantes para esse progresso foi o desenvolvimento das técnicas de impressão, que permitiram a reprodução em larga escala de mapas, cartas náuticas e atlas. Esse avanço possibilitou a difusão mais ampla do conhecimento cartográfico, superando as limitações dos manuscritos e tornando os mapas acessíveis a um número crescente de navegadores, comerciantes, estudiosos e governantes. A cartografia, até então restrita a usos específicos, tornou-se instrumento estratégico para as nações europeias em expansão.

Paralelamente à revolução gráfica, destaca-se o fortalecimento da formação técnica voltada à produção e ao uso de mapas. Um exemplo emblemático é a atuação da Escola de Sagres, em Portugal, considerada um centro pioneiro de formação de pilotos, navegadores e cosmógrafos — função equivalente à do cartógrafo contemporâneo. Essa instituição, segundo os relatos de Ribeiro e Ghizzo (2012), reunia alguns dos mais destacados técnicos e estudiosos enviados pelos monarcas lusitanos, com o objetivo de aprofundar os conhecimentos náuticos e geográficos. A Escola de Sagres teria, inclusive, formulado

hipóteses sobre a existência de terras a oeste — como a América — antes mesmo de sua constatação oficial pelos europeus, o que evidencia a articulação entre ciência, estratégia e política no contexto das grandes navegações.

O período das Grandes Navegações exigiu o aperfeiçoamento contínuo das técnicas cartográficas, uma vez que a expansão ultramarina dependia diretamente da precisão dos mapas para garantir o êxito das viagens e o controle dos territórios conquistados. Nesse contexto, um dos marcos mais relevante da cartografia moderna foi a contribuição de Gerhard Kremer, conhecido como Mercator, considerado o pai da cartografia moderna. Ribeiro e Ghizzo (2012, p. 74) explicam que sua projeção cilíndrica, desenvolvida em 1569, representou uma revolução no campo das projeções cartográficas ao permitir a representação do globo terrestre em um plano, com preservação dos ângulos e dos rumos — algo essencial para a navegação marítima (Figura 41). Tal inovação deu origem à famosa Projeção de Mercator, que mais tarde fundamentaria o sistema *UTM (Universal Transversa de Mercator)*, ainda amplamente utilizado na cartografia contemporânea.

Figura 41 - Projeção de Mercator



Fonte: IBGE (2024)

No entanto, como observa Raisz (1969) apud Fiori (2020, p. 53–55), a cartografia renascentista não se limitava à exatidão técnica. Cartógrafos holandeses dos séculos XV a XVII, influenciados pelo espírito renascentista e pelo fervor das descobertas, produziam

mapas, atlas e globos em oficinas que recebiam continuamente informações oriundas das tripulações das caravelas. Essas informações, coletadas durante as viagens de exploração, eram sistematizadas, mas também carregadas de elementos simbólicos, imaginários e ideológicos.

Os produtos cartográficos desse período eram ricamente ilustrados com símbolos pictóricos — como monstros marinhos, criaturas mitológicas, figuras exóticas e inscrições alegóricas — que expressavam os medos, estereótipos, desejos e fantasias dos europeus sobre o “Novo Mundo” e sobre os povos desconhecidos (Figura 42). Como destaca Fiori (2020), esses elementos revelam não apenas a dimensão técnica da cartografia, mas também sua função cultural e política, enquanto instrumento de construção simbólica da alteridade e de legitimação das conquistas territoriais.

Figura 42 - As ilustrações dos mapas Renascentistas



Recortes de ilustrações presentes nos mapas de Olaus Magnus “Carta Marina Et Descriptio Septemtrionalium Terrarum” de 1539; e Abraham Ortelius “Indiae Orientalis Insularumque Adiacienti um Typus” de 1598.

Fonte: Fiori (2020, p. 53)

No século XVIII, intensifica-se a correlação entre Geografia, Cartografia e Imperialismo, especialmente no contexto da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Esse período histórico passou a exigir um desenvolvimento científico e técnico cada vez mais rigoroso, capaz de sustentar e atender às demandas das potências europeias em processo de expansão comercial e territorial. A sistematização da cartografia tornou-se estratégica, permitindo a ampliação do controle sobre os territórios nacionais e coloniais por meio do registro e da organização de um vasto conjunto de informações espaciais, naturais e humanas. Nesse cenário, os ideais iluministas transformaram profundamente o processo de elaboração

dos mapas, conferindo à cartografia um novo estatuto epistemológico. A valorização das ciências exatas, especialmente da matemática, da astronomia e da geodésia, fortaleceu as bases científicas da cartografia, permitindo representações mais precisas da superfície terrestre. Estudos realizados por franceses, ingleses e alemães consolidaram os fundamentos técnicos que embasariam a cartografia moderna, marcada pela busca de precisão, objetividade e racionalidade na representação do espaço. Como observa Santos (2009), na primeira metade do século XIX, as técnicas cartográficas foram significativamente aprimoradas em resposta às necessidades de representação detalhada dos novos territórios colonizados. O surgimento e a consolidação de uma economia mercantil articulada globalmente demandaram o mapeamento preciso de áreas antes desconhecidas ou pouco exploradas, o que levou à intensificação da produção de mapas topográficos e temáticos voltados ao planejamento territorial, à exploração de recursos e à expansão do comércio.

Nesse contexto, Archela (2002) destaca que, a partir da segunda metade do século XIX, ocorre o surgimento da cartografia teórica moderna, impulsionada pelo desenvolvimento de novas tecnologias de levantamento do terreno, como a topografia planimétrica e altimétrica, além do crescimento da topografia militar, que passa a desempenhar papel central nas estratégias de ocupação e dominação do espaço. Essa nova etapa da cartografia, portanto, alia precisão técnica à funcionalidade político-militar, tornando-se instrumento fundamental de gestão territorial e de poder.

Joly (2004) reforça essa perspectiva ao afirmar que a Cartografia Moderna visava produzir representações objetivas, exatas e rigorosas das formas materiais e dos objetos reais existentes na superfície terrestre. Não se tratava apenas de mapear o relevo ou as feições físicas, mas também de catalogar recursos naturais, descrever rotas comerciais e militares, posições estratégicas, além de sistematizar informações geológicas, climatológicas, demográficas, étnicas, religiosas e hidrográficas. Ou seja, o mapa tornava-se um compêndio de informações úteis para a administração, o controle e a exploração dos territórios.

Fiori (2020) destaca que esse salto técnico e epistemológico da cartografia pode ser observado comparativamente nas produções gráficas dos períodos Renascentista e Iluminista. Como demonstrado nas figuras 43A e 43B, os mapas renascentistas, ainda fortemente influenciados pelo imaginário simbólico e religioso, cedem lugar, no Iluminismo, a produtos cartográficos mais racionais, científicos e funcionalmente voltados à prática política, econômica e militar. Trata-se de um movimento de transformação do mapa — de arte visual e simbólica para instrumento técnico de gestão territorial e de dominação colonial.

Figura 43 - Mapa da África em duas concepções

A - Renascentista



Mapa da África por Willem e Joan Blaeu (1640)

No auge da arte na cartografia, os mapas não podiam ter espaço em branco, sendo ocupados por uma grande quantidade de desenhos. Isto porque, buscava-se a comercialização dos mapas tanto como produtos de navegação / localização, quanto como objetos de decoração

Fonte: Sanderusmaps (2020)

B – Iluminista



Mapa da África por D'Ainville (1749)

A reforma da cartografia preocupa-se com a precisão científica (método de triangulação do terreno). Retira-se dados duvidosos dos mapas, assim, “surgem” os espaços em branco, que revelam o pouco conhecimento do continente - com pequenas notas esclarecedoras

Fonte: David Rumsey Map Collection (2020)

Fonte: Fiori (2020, p. 54,55)

Com o avanço da expansão imperialista europeia no século XIX, o cartografiar para além das franjas litorâneas tornou-se uma exigência geopolítica. As grandes expedições científicas e comerciais passaram a adentrar o interior dos continentes, motivadas pela busca por recursos naturais, rotas comerciais e estratégias de domínio político. Essa ampliação territorial das práticas cartográficas foi fundamental para legitimar as ações do imperialismo europeu sobre suas colônias, consolidando o controle sobre o espaço e contribuindo para a hegemonia das nações mais poderosas. Nesse contexto, a coleta sistemática de dados sobre o interior dos países — impulsionada, por exemplo, pela realização dos primeiros censos nacionais — passou a desempenhar papel central no processo de produção do conhecimento geográfico. Como destaca Santos (2009), a necessidade de conhecer com mais profundidade os territórios colonizados levou ao aperfeiçoamento das técnicas cartográficas e ao surgimento dos primeiros mapas temáticos, cuja função extrapolava a simples representação física do relevo ou das fronteiras políticas.

Esses novos produtos cartográficos passaram a ser utilizados inicialmente no planejamento do espaço, tornando-se posteriormente ferramentas fundamentais em áreas como o ensino escolar, o lazer, o turismo e outras práticas cotidianas, refletindo um alargamento das funções da cartografia na vida social. Mais do que instrumentos de localização, os mapas assumiam agora um papel interpretativo, expressando e organizando informações específicas sobre fenômenos sociais, econômicos, ambientais e culturais. Conforme analisa Colaço (2016), esse período também foi marcado pelo fortalecimento da Geografia Regional, sobretudo a partir da obra de Paul Vidal de La Blache, cuja proposta metodológica baseava-se na observação direta do território e na compreensão das relações entre sociedade e natureza. A cartografia temática tornou-se, assim, o principal instrumento legitimador do método geográfico regionalista, especialmente por permitir a sobreposição de diferentes camadas de informação em um mesmo espaço representado. Essa sobreposição de dados — demográficos, econômicos, físicos, culturais — favoreceu a delimitação de regiões com identidades próprias, contribuindo para a construção de categorias analíticas espaciais que passariam a compor o vocabulário geográfico e administrativo dos Estados-nação. Como ilustra a Figura 44, a cartografia temática não apenas refletia o território, mas o produzia simbolicamente, ao destacar os elementos que compunham suas especificidades e diferenciações internas.

Figura 44 - Mapa da Geografia econômica e agrícola - Tableau Géographique de la France



Fonte: Les Collections (2024)

Nesse cenário de transformações, a Cartografia Temática ganha especial relevância, pois permite que os mapas ultrapassem a função tradicional de simples instrumentos de localização e orientação, passando a atuar como meios eficazes de comunicação e análise geográfica. Ao selecionar, organizar e representar graficamente dados relacionados aos fenômenos sociais, econômicos, ambientais ou culturais, os mapas tornam-se capazes de descrever e interpretar fatos e objetos espaciais, contribuindo significativamente para a compreensão crítica do espaço geográfico. Assim, conforme observa Almeida (2007), o mapa deixa de ser um objeto técnico neutro e assume um papel central na construção de sentidos sobre o território, revelando relações de poder, estratégias de apropriação e disputas simbólicas. Dessa forma, o mapa torna-se um instrumento estratégico a serviço do poder, uma vez que permite o domínio humano sobre o espaço ao representar, classificar e hierarquizar elementos territoriais segundo interesses específicos — sejam eles políticos, militares, econômicos ou culturais.

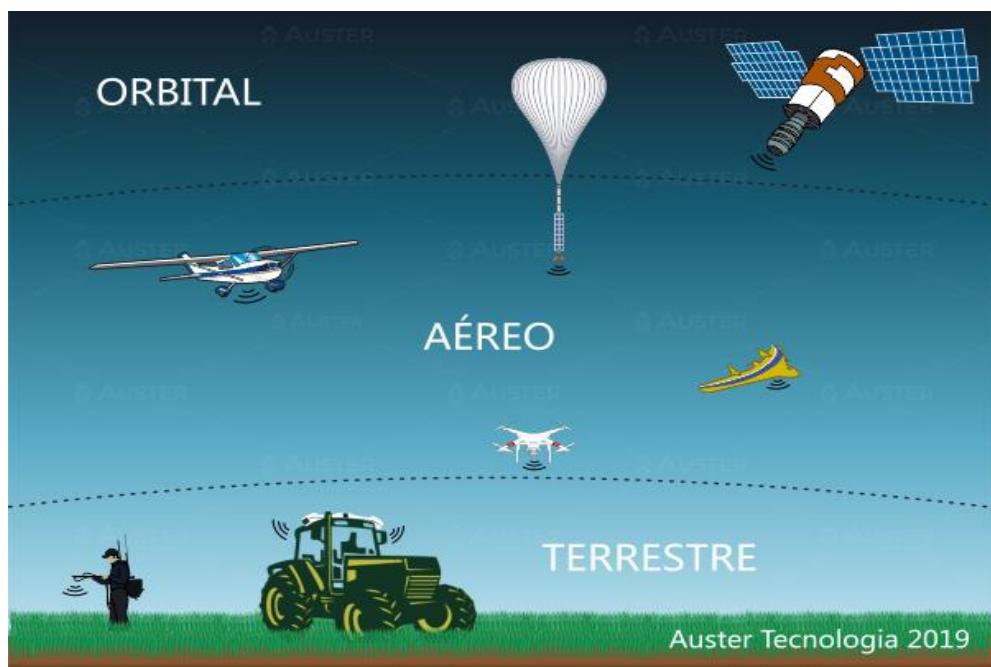
No final do século XIX, esse processo culmina no início da afirmação da Cartografia como ciência autônoma, conforme destacam Ribeiro e Ghizzo (2012). Até então considerada apenas como uma técnica auxiliar da Geografia, a Cartografia passou a ser reconhecida como um campo específico do saber, com metodologia, linguagem, aparato técnico e objetivos próprios. Essa transição possibilitou à Cartografia reivindicar o controle de todas as etapas do processo cartográfico: desde a coleta e análise dos dados até a produção e interpretação dos produtos finais. A partir desse momento, a Geografia passa a utilizar os mapas como ferramentas analíticas, deixando de ser a única responsável pela sua produção sistemática. O processo de estruturação científica da Cartografia, no entanto, não se deu de forma imediata. Conforme os autores, essa consolidação se estendeu até a década de 1930, quando os avanços metodológicos e tecnológicos começaram a consolidar o campo cartográfico como disciplina independente no cenário acadêmico e técnico.

Nas palavras de Ribeiro e Ghizzo (2012, p. 67):

Os mapas representam um dos principais instrumentos para analisar, interpretar e interferir na realidade espacial, através de planejamentos diversos. Na ótica geográfica, a cartografia não representa apenas o espaço, mas também os conhecimentos embutidos neste espaço. Estes podem ser estratégicos, de manipulação política, militar ou econômica. Nas linhas da história, aqueles que dominavam a linguagem cartográfica e acessavam as informações destes materiais, fizeram-se grandes conquistadores. Por esse motivo, nem todos os mapas eram de livre acesso para a massa populacional.

Com a entrada no século XX, a Cartografia vivencia um salto qualitativo em função das revoluções científicas e tecnológicas. A invenção de balões de ar, o desenvolvimento do avião e, sobretudo, o surgimento da fotogrametria permitiram a captação de imagens aéreas com maior detalhamento e precisão, reduzindo o esforço das equipes de campo e ampliando a capacidade de mapeamento de grandes extensões territoriais a custos mais baixos. Essa inovação rompeu com os limites da observação direta e transformou profundamente a forma como o espaço era representado. Por fim, com a chegada da era espacial, a Cartografia passa a operar em escala planetária, graças aos satélites artificiais que permitiram o monitoramento contínuo da superfície terrestre. As imagens de sensoriamento remoto, associadas ao avanço dos sistemas computacionais, contribuíram para a virtualização da Cartografia — agora digitalizada, interativa e amplamente acessível. Como ilustrado na Figura 45, os mapas tornaram-se produtos dinâmicos, multifuncionais e fundamentais para a gestão territorial, o planejamento urbano, o monitoramento ambiental, entre outros campos de aplicação.

Figura 45 - Os diversos tipos de sensoriamento

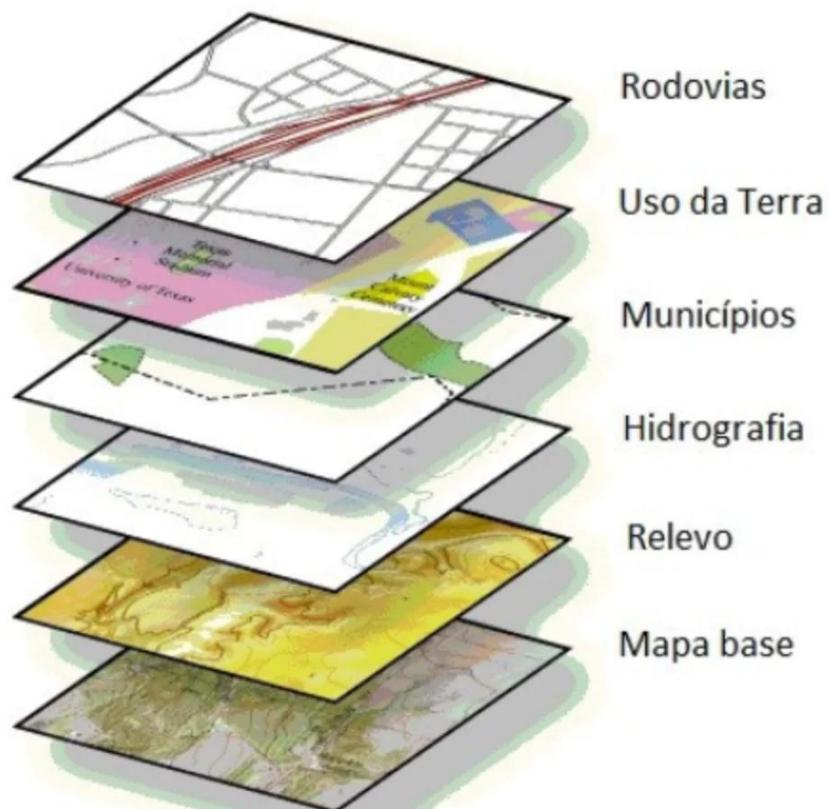


Fonte: Auster Tecnologia (2024)

Assim como argumenta Araújo (2008, p. 10), “a história da Cartografia no século XX está profundamente vinculada ao desenvolvimento científico e técnico das áreas do saber ligadas ao Estado, especialmente à Geografia”. Esse entrelaçamento intensifica-se à medida que os interesses estratégicos, militares e geopolíticos exigem um conhecimento territorial detalhado e constantemente atualizado. Nesse sentido, a eclosão das duas Grandes Guerras Mundiais, seguida pelos desdobramentos da Guerra Fria e da corrida espacial, foram momentos cruciais que impulsionaram avanços significativos na Ciência Cartográfica. Essas disputas, motivadas por interesses ideológicos, políticos, econômicos e militares, provocaram uma verdadeira revolução nas formas de captação, registro e análise das informações geográficas. Foi nesse contexto que surgiram importantes inovações tecnológicas, como a informatização do processo cartográfico, viabilizando a manipulação de grandes volumes de dados espaciais com mais rapidez e precisão. O desenvolvimento dos computadores, em especial após a Segunda Guerra Mundial, abriu caminho para o uso de ferramentas digitais que passaram a automatizar tarefas antes manuais, elevando o grau de detalhamento e a capacidade analítica dos mapas. A utilização de satélites artificiais, sobretudo a partir da década de 1960, marcou um novo paradigma para a Cartografia. As imagens obtidas por sensoriamento remoto permitiram uma visão contínua e detalhada da superfície terrestre, com aplicações diretas na análise do uso do solo, na previsão meteorológica, na gestão de recursos

naturais, no monitoramento de áreas agrícolas e florestais, bem como na detecção de mudanças ambientais (Figura 46). Essa nova forma de representação espacial contribuiu para uma Cartografia dinâmica, conectada à realidade em constante transformação, e com capacidade de resposta mais rápida às demandas de diferentes setores da sociedade.

Figura 46 - Exemplo de utilização cartográfica computadorizada com sobreposição de mapas



Fonte: Giovanini (2025)

Esse avanço tecnológico proporcionado pelo uso de satélites, sensores remotos e sistemas computacionais modernos possibilitou uma verdadeira revolução na forma de produção, análise e uso dos mapas. O georreferenciamento, por exemplo, tornou-se mais acessível e eficiente. Trata-se de um sistema baseado em coordenadas geográficas que permite identificar com precisão a localização de qualquer ponto na superfície terrestre, sendo fundamental para os processos de monitoramento territorial, planejamento urbano, gestão ambiental e desenvolvimento de políticas públicas espaciais. No entanto, os satélites não foram os únicos responsáveis por essas transformações. O progresso técnico-científico incorporou tecnologias como a aerofotogrametria, que permite a captação de imagens aéreas

de alta resolução; o radar, capaz de gerar informações mesmo em condições meteorológicas adversas; e o próprio computador, cuja capacidade de armazenamento, cruzamento e análise de dados espaciais viabilizou o surgimento de sistemas cada vez mais sofisticados e interativos. Todas essas ferramentas convergiram com o avanço da Internet e do desenvolvimento do Sistema de Informação Geográfica (SIG ou *GIS*, em inglês), consolidando um novo paradigma para o mapeamento sistemático e dinâmico do planeta (Figura 47).

Figura 47 - Sistema de Informação Geográfica (SIG)



Fonte: Giovanini (2025)

O SIG, por sua vez, é um ambiente computacional composto por *softwares* e *hardwares* que integram bancos de dados geoespaciais. Sua estrutura permite elaborar, analisar, armazenar, manipular e visualizar informações geográficas sob diferentes formas: mapas, gráficos, imagens e tabelas. Essa capacidade torna o SIG a principal ferramenta do Geoprocessamento, permitindo a análise espacial complexa e o cruzamento de múltiplas camadas de informação — o que é fundamental para a compreensão da realidade territorial e a tomada de decisões em diversas áreas.

De acordo com Christofoletti apud Ribeiro e Ghizzo (2012, p.76-77), o Geoprocessamento é definido como:

A tecnologia que abrange o conjunto de procedimentos de entrada, manipulação, armazenamento e análise de dados espacialmente referenciados [...] É uma situação em que uma entidade geográfica é referenciada espacialmente ao terreno por meio de sua localização, utilizando-se para tal um sistema de coordenadas conhecido.

Atualmente, os Sistemas de Informações Geográficas (SIGs) têm ganhado destaque por facilitarem significativamente a produção, análise e disseminação de mapas por meio do uso de tecnologias computacionais avançadas. Essa modernização do fazer cartográfico é resultado da convergência entre os avanços tecnológicos e a chamada revolução da informação, que proporcionou acesso a uma imensa quantidade de dados geoespaciais de maneira mais ágil e acessível aos profissionais da área. O uso de técnicas computadorizadas, associado ao aumento da capacidade de armazenamento e de processamento de dados, permite aos cartógrafos transformar volumes massivos de informações em produtos cartográficos complexos e interativos. Assim, os mapas passam a exercer um papel ainda mais estratégico, atuando como instrumentos de visualização, interpretação e comunicação das dinâmicas territoriais.

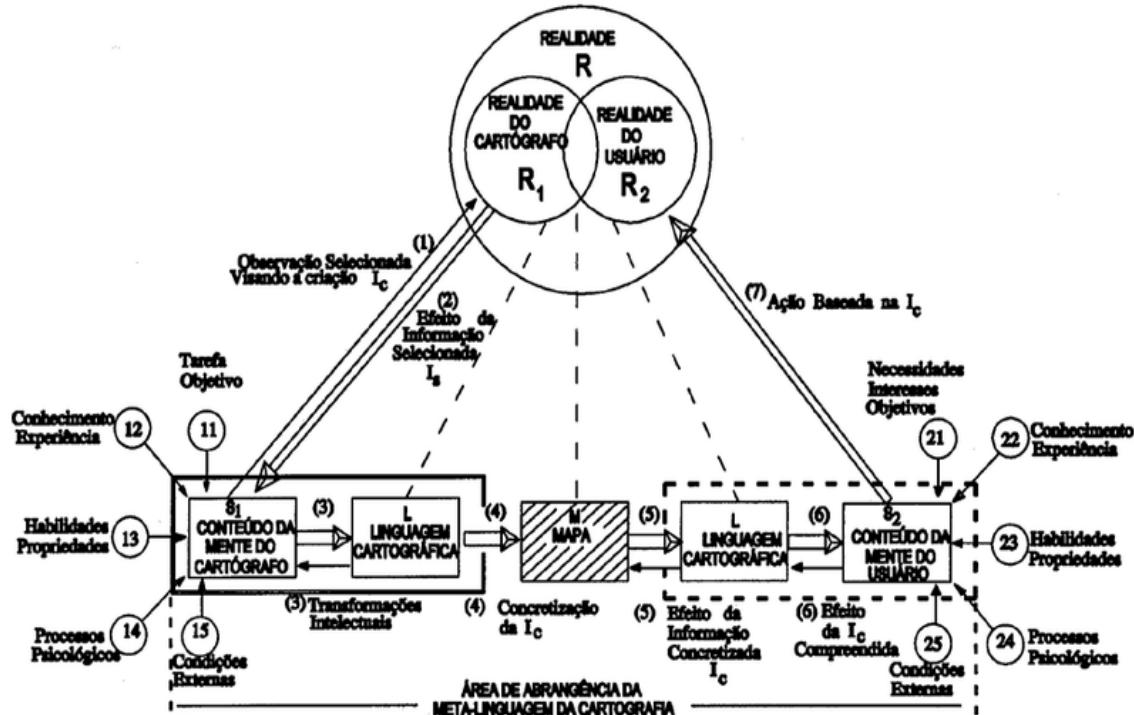
Como explica Santos (2009, p. 45-47):

A necessidade de transformar dados em informação útil ganha proporção nunca vista e os mapas, juntamente com todas as demais representações gráficas de informação espacial, são meios importantes para a organização, a apresentação, a comunicação e a utilização do volume crescente de informações à disposição do público. [...] A complexidade da sociedade atual é grande e exige respostas cada vez mais elaboradas. A Cartografia é uma das disciplinas que pode responder a essa demanda de indagações. [...] A cartografia deve atuar principalmente como reveladora de informações geográficas.

Esse posicionamento sinaliza uma importante virada epistemológica: o reconhecimento da Cartografia como linguagem e meio de comunicação. Embora a prática de representação do espaço seja milenar — mais antiga até que a escrita —, a Cartografia enquanto ciência autônoma e comunicativa é uma conquista da segunda metade do século XX. Antes disso, os mapas eram, em sua maioria, concebidos a partir de uma lógica técnica e instrumental, sem preocupação com os aspectos comunicacionais e com o perfil dos usuários finais. É apenas com os debates contemporâneos sobre comunicação cartográfica que os mapas passam a ser compreendidos também como produtos semióticos, ou seja, construções que estabelecem relações entre um emissor (produtor do mapa), uma mensagem (o conteúdo espacial representado) e um receptor (usuário/leitor do mapa). A eficiência dessa comunicação depende da estrutura gráfica, da escolha dos signos, da clareza na linguagem visual e da adequação ao público-alvo — aspectos que ganham centralidade na cartografia

temática, no design de mapas e nos mapas interativos digitais (Figura 48).

Figura 48 - Comunicação da informação cartográfica



Fonte: Kolacny (1994) apud Santos (2009, p.43)

Nesse novo paradigma, o mapa não é mais apenas um suporte para localização, mas sim uma ferramenta interpretativa, crítica e didática, que sintetiza informações geográficas e as comunica de forma inteligível, acessível e funcional. Trata-se de um instrumento cognitivo e político, fundamental para a análise territorial e para a democratização do acesso à informação espacial.

De acordo com Duarte (2008, p.15), em 1966, a Associação Cartográfica Internacional (ICA) propôs uma definição abrangente da Cartografia, reconhecendo seu caráter interdisciplinar e sua importância técnica, científica e artística. A definição apresentada descreve a Cartografia como: “Conjunto de estudos e operações científicas, artísticas e técnicas, baseado nos resultados de observações diretas ou de análise de documentos, com vistas à elaboração e preparação de cartas, projetos e outras formas de expressão, assim como sua utilização”.

Mais adiante, em 1973, a ICA reformulou essa definição com maior objetividade e síntese, caracterizando a Cartografia como: “Teoria, técnica e prática voltadas a duas esferas

de interesse principais: a criação e o uso dos mapas" (Duarte, 2008, p.15).

Essas definições evidenciam o amadurecimento da Cartografia como campo autônomo do saber, articulando produção de conhecimento com a representação espacial dos fenômenos naturais e sociais. Dessa forma, o cartógrafo assume a função de representar, por meio dos mapas, recortes da realidade observada, registrando espacialmente as dinâmicas do território, as formas de apropriação do espaço e as transformações temporais que nele ocorrem. Como afirma Joly (2004), a Cartografia é fruto de intencionalidades: os mapas são elaborados a partir de escolhas conscientes do que incluir, omitir e destacar. Por isso, estão sempre imersos em contextos políticos, culturais e ideológicos.

Complementando essa perspectiva, Ribeiro e Ghizzo (2012) compreendem a Cartografia como a ciência responsável pela representação dos fixos e fluxos que estruturam a organização do espaço geográfico, podendo ser construída a partir de observações diretas no campo, análises secundárias em gabinete, ou por meio das inovações tecnológicas mais recentes, como sensoriamento remoto, SIG e geoprocessamento.

Essa concepção reforça a ideia de que a Cartografia é uma linguagem universal, presente em todas as civilizações e tempos históricos. O ser humano sempre precisou representar o espaço para comprehendê-lo, dominá-lo e transformá-lo, o que confere ao mapa um papel social estratégico (Almeida, 2007). Longe de ser uma representação neutra, o mapa é uma construção social e simbólica que revela modos de ver, pensar e organizar o mundo.

No caso desta pesquisa, o enfoque recai sobre os mapas voltados ao setor do lazer. A importância desses produtos cartográficos se intensifica a partir da segunda metade do século XX — especialmente nos anos 1970 —, quando tais práticas passam a assumir maior relevância econômica e social nos territórios (Müller, 2011; Fiori, 2010).

Mesmo que a Cartografia esteja amplamente presente na sociedade, sua utilização é múltipla e diversificada, abrangendo desde o ensino (educação básica e superior), a gestão ambiental, o planejamento territorial (urbano e rural), até o turismo e a mobilidade urbana — como exemplificado em mapas de estações de metrô, aplicativos de navegação, sinalizações turísticas e totens informativos espalhados pelas cidades. Em todos esses contextos, o produto cartográfico atua como mediador da informação espacial, viabilizando decisões mais qualificadas e planejamentos mais precisos. No turismo e no lazer, seu uso é ainda mais evidente, pois o visitante, ao desejar conhecer determinado lugar, recorre frequentemente aos mapas para localizar e identificar os atrativos, os serviços e a infraestrutura disponíveis. Nesse processo, o mapa transforma-se em um recurso fundamental de orientação espacial e organização da experiência turística (Figura 49).

Figura 49 - Mapa desenvolvido para o lazer turístico no Rio de Janeiro



Fonte: Mensurar Junior (2021)

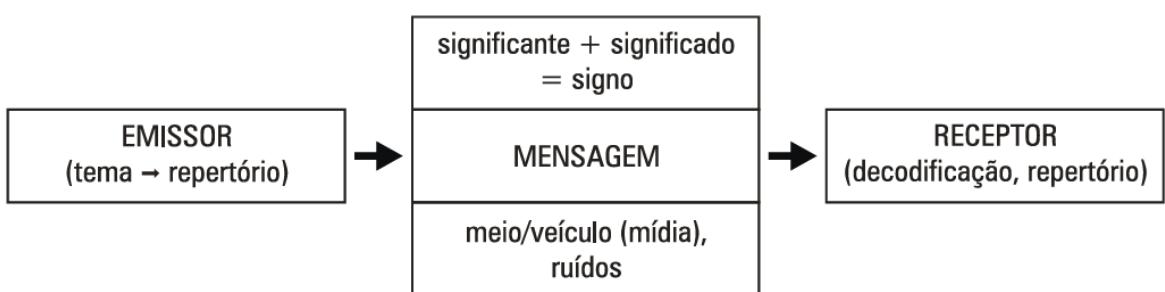
Como aponta Mensurar Júnior (2021), os mapas turísticos não apenas cumprem a função de indicar a localização de atrações como restaurantes, hotéis, museus, rodoviárias, aeroportos e bancos, mas também contribuem para a compreensão da espacialidade do lazer e para a valorização simbólica e econômica dos territórios.

A representação gráfica e cartográfica constitui um recurso essencial de comunicação espacial, particularmente relevante para as práticas sociais do lazer e do turismo desde que essas atividades passaram a assumir papel de destaque na economia e na organização territorial contemporânea. Mapas turísticos e temáticos cumprem funções fundamentais ao identificar, orientar e localizar pontos de interesse e infraestrutura de apoio, facilitando o deslocamento, a experiência e o planejamento das práticas recreativas e turísticas. A Cartografia, nesse contexto, vai além de seu caráter descritivo e assume uma função operacional e estratégica, servindo como suporte técnico à gestão do território e à atividade turística. Seu uso é particularmente relevante nas etapas de diagnóstico, implementação e avaliação de políticas e ações voltadas ao turismo. Ao utilizar mapas de base, o gestor ou planejador turístico pode localizar atrativos potenciais, sobrepondo essas informações a variáveis naturais e socioeconômicas, de modo a avaliar o grau de atratividade e viabilidade

de cada localidade. Essa análise permite ainda identificar obstáculos a serem superados, como acessibilidade precária, ausência de serviços ou conflitos de uso do solo. Nesse processo, os Sistemas de Informações Geográficas (SIGs) oferecem uma plataforma robusta de análise espacial, possibilitando a sobreposição de dados georreferenciados — físicos, sociais, biológicos, econômicos, ecológicos e ambientais — em diferentes escalas e recortes espaciais. Como destaca Oliveira (2005), o SIG permite o armazenamento e a manipulação dessas informações com precisão, por meio de coordenadas geográficas (latitude/longitude), *UTM* ou sistemas locais, otimizando o tempo e os recursos necessários para o planejamento e a tomada de decisões.

Contudo, como em qualquer produção cartográfica, os mapas voltados ao lazer e ao turismo devem atender a critérios de clareza, seletividade e objetividade. A representação gráfica precisa localizar com exatidão os atrativos turísticos, sem comprometer a legibilidade do mapa com informações irrelevantes ou excessivas. Para isso, é fundamental realizar uma curadoria do conteúdo cartográfico, selecionando apenas os elementos que são significativos à finalidade do mapa. Essa seletividade evita que os produtos cartográficos se tornem meramente ilustrativos ou decorativos, prejudicando sua função comunicativa. Nesse sentido, é desejável que a comunicação cartográfica estabeleça uma relação eficaz entre emissor (produtor do mapa), mensagem (informação geoespacial) e receptor (usuário do mapa). Essa abordagem é alinhada à teoria sistêmica da comunicação, segundo a qual a eficácia comunicativa depende do equilíbrio entre a codificação da informação e a decodificação por parte do público-alvo. No caso dos mapas turísticos, o conteúdo deve ser acessível e funcional tanto para visitantes quanto para gestores públicos, operadores do setor e planejadores territoriais (Figura 50).

Figura 50 - Processo esquemático da comunicação cartográfica. Adaptado de Duarte (1991)

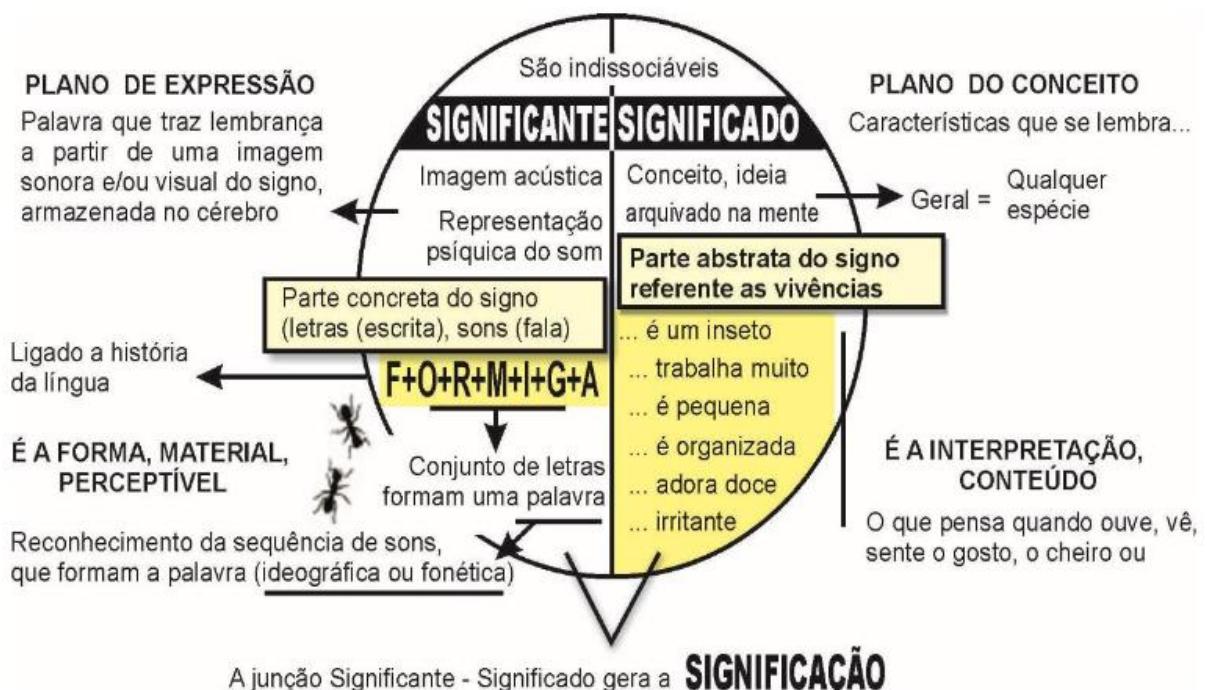


Fonte: De Oliveira (2005)

No âmbito da Cartografia, a comunicação se estabelece predominantemente por meio de códigos visuais, ou seja, por imagens gráficas que representam elementos do mundo real. Esses elementos são convertidos em signos visuais, como linhas, cores, símbolos e formas geométricas, que têm por objetivo transmitir informações espaciais de forma rápida e eficaz. No entanto, o entendimento dessas representações gráficas não é imediato nem universal; ele depende da interação entre estímulos fisiológicos (o ato de olhar, a percepção visual) e estímulos sociais e culturais, como experiências vividas, formação identitária e repertório simbólico do sujeito. Nesse processo de leitura do mapa, é fundamental compreender que o signo não é o elemento da realidade em si, mas sua representação — aquilo que ocupa o lugar do real. Conforme explica Fiori (2020, p. 57), o signo cartográfico é composto por duas dimensões: o significante e o significado. O significante refere-se ao plano da expressão-percepção, ou seja, ao aspecto concreto do signo, como um símbolo, uma cor, uma palavra ou um desenho. Já o significado refere-se ao plano conceitual-interpretativo, isto é, à carga simbólica e abstrata que aquele signo transmite, a qual é construída socialmente a partir das vivências, saberes, memórias, culturas e aprendizagens. Quando há uma correspondência eficaz entre significante e significado, ocorre a significação — o processo pelo qual o observador comprehende a mensagem transmitida pela imagem. Por exemplo, ao se deparar com a palavra "casa" ou com a imagem de um imóvel com telhado, o leitor tende a associar esse signo ao conceito de "lugar onde as pessoas vivem", mesmo que existam diferentes estilos arquitetônicos para representá-la. O signo é reconhecido, interpretado e compreendido: há, portanto, significação. Entretanto, a significação nem sempre acontece automaticamente. Quando há ruídos na comunicação cartográfica, o significante pode ser visualizado, mas não interpretado corretamente. Isso ocorre, por exemplo, quando alguém observa a imagem de um ornitórrinco (significante), mas, por desconhecimento prévio, não associa a imagem a um "mamífero que bota ovos e é encontrado apenas na Austrália" (significado). Nesse caso, há falha na decodificação, ou seja, não ocorre a significação, o que compromete a eficácia comunicativa do mapa.

Portanto, é essencial que as representações gráficas e cartográficas sejam planejadas de modo a favorecer a significação dos signos utilizados (Figura 51). Para isso, o cartógrafo deve considerar não apenas os aspectos técnicos da construção do mapa, mas também o perfil do público receptor, seus conhecimentos prévios e o contexto sociocultural no qual a leitura do mapa será realizada. A comunicação cartográfica, assim, deve buscar clareza, coerência simbólica e legibilidade, a fim de garantir que a informação espacial seja efetivamente compreendida e utilizada.

Figura 51 - A dualidade do signo



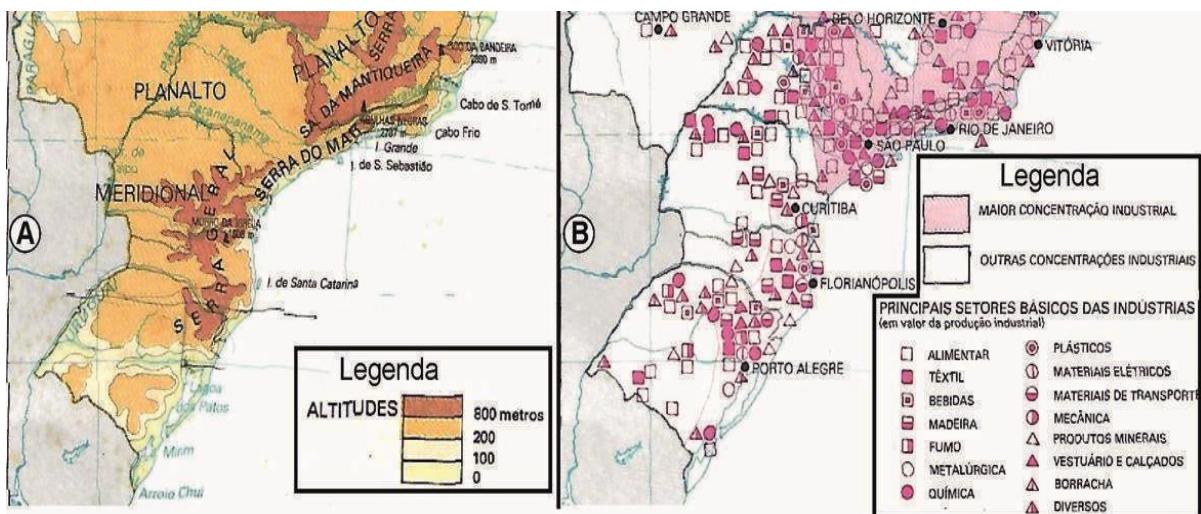
Fonte: Fiori e Lucena (2020)

Vale destacar que o conjunto de signos utilizados na representação cartográfica pode ser classificado em três categorias fundamentais, conforme a teoria semiótica: ícones, índices e símbolos. Essa distinção é essencial para compreender os diferentes níveis de abstração empregados na construção dos mapas e como esses signos se relacionam com os objetos que representam. O ícone é o tipo de signo que representa o objeto por semelhança visual. Ou seja, há uma correspondência direta e perceptível entre o signo e aquilo que ele representa. Por exemplo, o desenho de uma formiga utilizado em um mapa para indicar a presença desse inseto é um signo icônico, pois guarda semelhança com a forma real da formiga. O índice, por sua vez, é o signo que representa o objeto por uma relação de proximidade física, causal ou de contiguidade. Diferentemente do ícone, o índice não depende da aparência, mas de uma associação contextual. Por exemplo, a imagem de um formigueiro — mesmo sem mostrar as formigas — remete à presença desses insetos. Da mesma forma, a representação de um garfo e uma faca cruzados em um mapa urbano indica a presença de um restaurante: o signo não é o alimento em si, mas um índice culturalmente reconhecido que o representa. O símbolo, por fim, representa o objeto por convenção cultural ou socialmente estabelecida, sendo resultado de acordos e aprendizagens coletivas. Ele pode ser convencional ou arbitrário — como um quadrado preenchido representando uma formiga em um mapa temático —, ou ainda

pictórico, quando se trata de uma imagem mais estilizada, mas que ainda guarda certa semelhança com o objeto real. A eficácia do símbolo depende da familiaridade do usuário com o código representacional utilizado, sendo esse tipo de signo amplamente empregado na cartografia contemporânea. Com base nessas classificações, Fiori (2020) estabelece dois grandes grupos de mapas quanto ao grau de abstração da realidade representada: os mapas pictóricos e os mapas convencionais. Os mapas pictóricos utilizam majoritariamente signos icônicos, proporcionando uma representação mais figurativa e concreta da realidade — como ocorre em mapas turísticos e infantis, por exemplo. Já os mapas convencionais recorrem preferencialmente a símbolos e índices, apresentando um nível mais elevado de abstração, como é comum em mapas temáticos, topográficos e analíticos utilizados na pesquisa científica e no planejamento urbano.

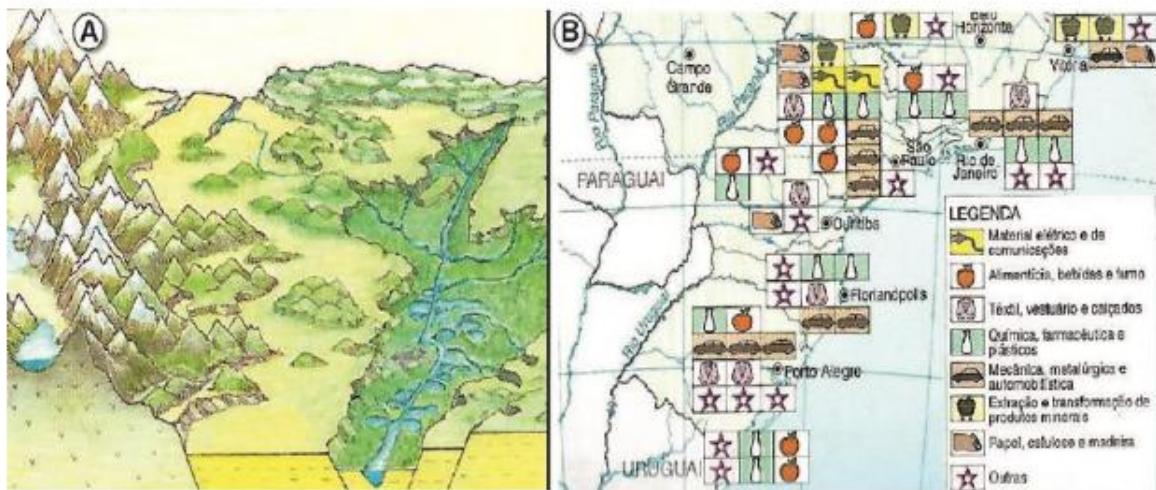
As Figuras 52 e 53 ilustram essa distinção entre os diferentes tipos de signos cartográficos e suas aplicações em distintos contextos de leitura e interpretação do espaço. A escolha entre mapas pictóricos ou convencionais depende, portanto, do objetivo da representação, do público-alvo e do tipo de informação a ser comunicada.

Figura 52 - Mapa e símbolos convencionais



Fonte: Fiori (2020, 60 p.)

Figura 53 - Mapa e símbolos pictóricos



Fonte: Fiori (2020, 60 p.)

Oliveira (2005, p. 38) complementa que:

Muito embora a finalidade do mapa seja fazer com que qualquer leitor entenda a ideia elaborada por quem o construiu, sabe-se que o processo de comunicação só é estabelecido sem maiores perdas quando a linguagem é adequada. Ou seja, quando o leitor ou usuário final do mapa for capaz de decodificar a legenda e, assim, entender o que significam as cores e formas lançadas sobre o mapa, como elas se distribuem (sua localização geográfica) e possa, ainda, estabelecer raciocínios espaciais, como por exemplo: há uma concentração dos tipos de turismo em determinado lugar, ou há um predomínio de um tipo de turismo numa determinada região geográfica etc.

Diante disso, torna-se imperativo considerar criteriosamente quais elementos espaciais serão representados e de que maneira — com maior ou menor grau de abstração —, nos produtos cartográficos. Tal escolha deve estar diretamente relacionada ao perfil do público-alvo: para quem se destina o mapa? A quem ele serve? Como ele poderá ou deverá ser utilizado? Essas questões evidenciam a importância da relação entre o produtor do mapa (emissor da informação geográfica) e o usuário final (receptor que irá decodificar e utilizar a informação). Nesse sentido, Fernandes e Salomão Graça (2014, apud Fiori, 2020) afirmam que a articulação entre cartografia e turismo resultou na consolidação da cartografia turística, possibilitando a elaboração de mapas voltados tanto à gestão e ao planejamento territorial, quanto à orientação dos visitantes nos destinos turísticos. Tal afirmação reforça a necessidade de se produzir materiais cartográficos que, ao mesmo tempo, cumpram funções práticas, cognitivas e comunicativas.

Partindo dessa concepção, a presente pesquisa dedicou-se à elaboração de um mapa capaz de representar práticas sociais do lazer LGBTQIAPN+ no bairro de Madureira,

especialmente voltado à orientação do visitante, seja ele morador local ou excursionista. Para isso, optou-se por abordagens cartográficas de cunho cognitivista, com ênfase na percepção e na vivência dos usuários do território. O processo de construção cartográfica foi iniciado com a realização de entrevistas junto à comunidade LGBTQIAPN+, envolvendo residentes e visitantes do bairro. A partir desses relatos, foram desenvolvidos mapas mentais com o objetivo de registrar, de maneira subjetiva e espontânea, os atrativos, os equipamentos e os serviços relevantes para o lazer local. Esses mapas — elaborados pelos próprios participantes — não seguiam os padrões técnicos da cartografia tradicional, como uso de coordenadas geográficas, escalas formais, direções cardinais ou títulos posicionados de forma normativa. Ainda assim, revelaram uma cartografia altamente significativa e funcional, cuja principal preocupação era orientar os deslocamentos territoriais para o lazer.

Com base nas informações coletadas por meio desses mapas mentais, o pesquisador elaborou um produto cartográfico final, voltado especificamente ao uso para lazer. De acordo com Fiori (2010) e Martins e Fiori (2020), tal mapa deveria cumprir três funções fundamentais:

Informativa: apresentar com clareza o que é cada elemento representado, onde se localiza e como se acessa.

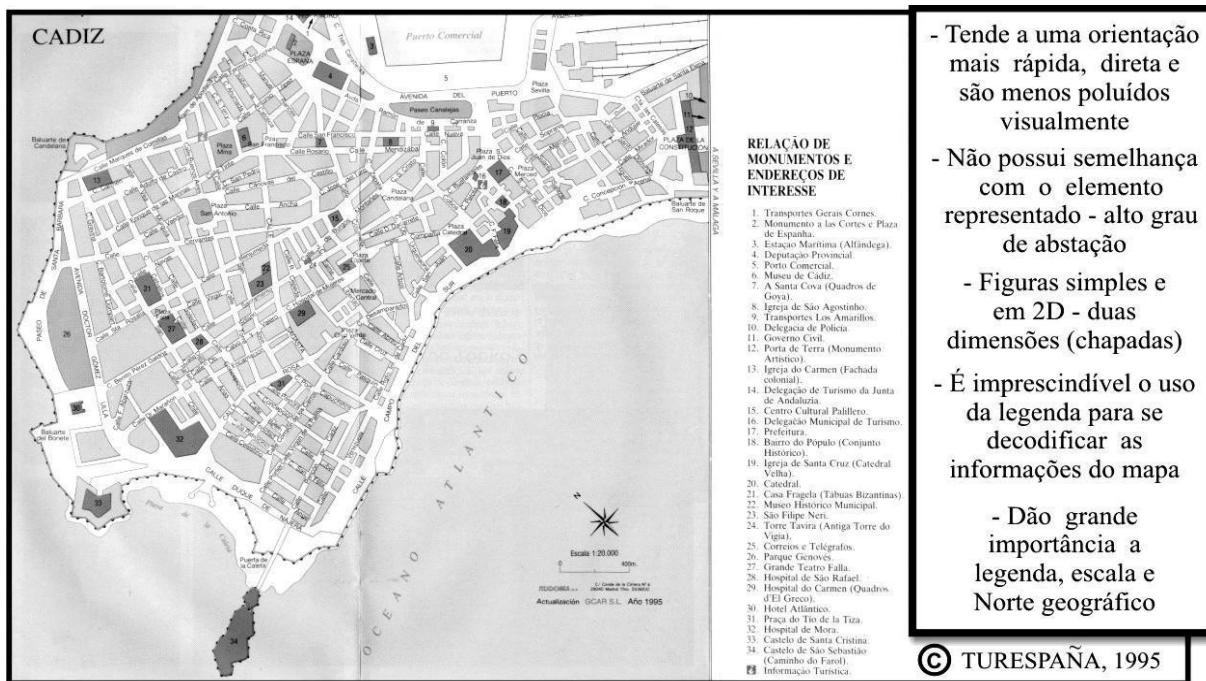
Divulgação: despertar o interesse do usuário, estimulando o desejo de visitar o local representado, mesmo sem conhecê-lo previamente.

Acessibilidade comunicativa: ser compreensível para públicos leigos em linguagem cartográfica, utilizando-se de estratégias perceptivas, signos visuais e códigos intuitivos, que favoreçam a leitura e a decodificação do conteúdo geográfico.

Conforme Fiori (2010), os mapas produzidos para fins turísticos tendem a utilizar símbolos pictóricos, priorizando o aspecto estético e comunicacional, sendo frequentemente elaborados por artistas gráficos e não por geógrafos. Essa escolha é eficaz quando o objetivo é comunicar com rapidez e simplicidade, especialmente com um público amplo e heterogêneo. No entanto, quando o mapa é voltado para fins de planejamento e gestão territorial, sua elaboração assume um perfil mais convencional, com simbologias padronizadas, maior nível de abstração e precisão técnica. Isso é essencial para analisar as atividades turísticas, planejar o uso do território e avaliar os impactos e potencialidades das áreas exploradas, conforme reforça Oliveira (2005). As Figuras 54 e 55 ilustram essa dualidade entre o mapa turístico voltado à comunicação com o visitante e aquele voltado ao planejamento e à análise técnica. A partir dessa distinção, percebe-se que a cartografia, ao ser pensada com base na finalidade e no público-alvo, transcende sua função meramente ilustrativa, tornando-se instrumento ativo

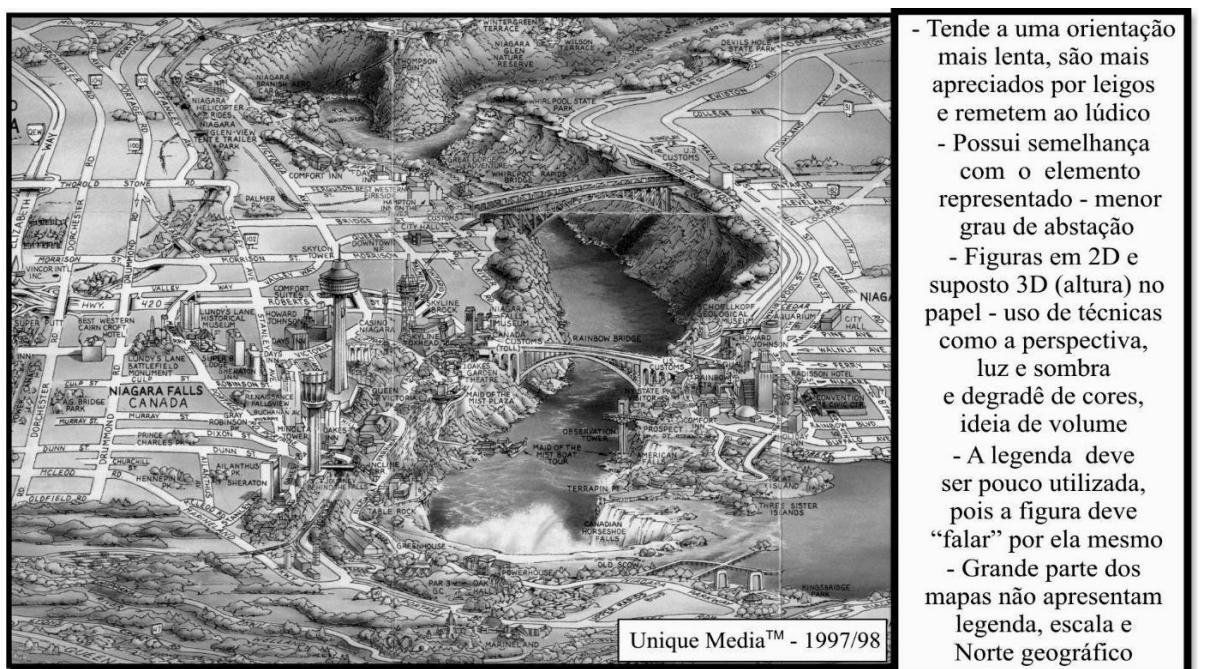
na organização do espaço, na valorização do território e na democratização da informação geográfica.

Figura 54 - Recorte do mapa turístico de Cadiz, Espanha – versão convencional



Fonte: Fiori (2010, 531 p.)

Figura 55 - Recorte do mapa turístico Niagara Falls – versão pictórica



Fonte: Fiori (2010, 532 p.)

Desde a segunda metade do século XX, o turismo consolidou-se como uma prática

social de crescente relevância econômica e cultural, impactando diretamente as dinâmicas territoriais locais e nacionais. Nesse cenário, os mapas turísticos passaram a desempenhar um papel estratégico, funcionando como instrumentos de comunicação e de promoção dos territórios. Eles atuam na publicização do lugar turístico, contribuindo para sua valorização simbólica e mercadológica, sendo, portanto, um recurso de venda do território. Entre os diferentes tipos de representações cartográficas utilizadas nesse contexto, os mapas pictóricos se destacam por sua capacidade de apresentar, de forma visualmente atrativa, uma grande quantidade de informações sobre os atrativos naturais e culturais, serviços turísticos, equipamentos de apoio ao visitante e infraestrutura básica. A riqueza iconográfica desses produtos não apenas facilita a leitura e a compreensão por parte do público leigo, como também ativa a dimensão sensorial, evocando memórias, afetos e experiências subjetivas. No entanto, como alerta Fiori (2007), é fundamental que as representações pictóricas estejam contextualizadas historicamente e socioculturalmente. Quando retiradas de seu contexto de origem, tais imagens podem perder seu poder de significação, gerando ruídos na comunicação cartográfica. Para minimizar esse risco, é recomendável a associação entre imagem e texto, o que contribui para a clareza e a eficácia da mensagem transmitida.

Em termos comunicacionais, os mapas pictóricos se mostram especialmente eficazes junto ao grande público. Fiori (2007, 2010, 2020), com base em estudos empíricos, demonstra que há uma predileção significativa por esse tipo de cartografia por parte dos usuários comuns, sobretudo em contextos de deslocamento e turismo. Os dados levantados indicam que:

- 58% dos entrevistados preferem mapas pictóricos para fins de localização e orientação em viagens;
- 70% afirmam levar esse tipo de mapa consigo ao viajar;
- 72% relatam maior facilidade para localizar informações espaciais;
- 87% acreditam que os mapas pictóricos despertam maior interesse em conhecer a localidade representada.

Esses números reforçam o papel dos mapas pictóricos como ferramentas eficazes de comunicação e motivação, ampliando o potencial do território representado e favorecendo o planejamento das atividades turísticas por parte do visitante.

É importante destacar, porém, que a produção de mapas turísticos nem sempre se dá de forma neutra ou puramente técnica. Em muitos casos, ela está condicionada às demandas e interesses dos patrocinadores, sejam eles entes públicos, associações comerciais ou

empresários locais. Esses agentes costumam influenciar diretamente as escolhas sobre o que será representado, bem como a forma e o grau de destaque de determinados equipamentos, serviços ou atrativos no produto final (Fiori, 2020). Tais interferências reforçam a dimensão ideológica e seletiva da cartografia turística, evidenciando seu uso como instrumento de poder e persuasão.

Considerando os limites de tempo e viabilidade técnica, o mapa final elaborado nesta pesquisa foi produzido com base na representação cartesiana-convencional, apresentando os seguintes elementos: título, orientação, escala gráfica, legenda geral e específica. A simbologia adotada foi mista, incluindo símbolos convencionais (abstratos) e pictogramas (representações visuais figurativas) para a identificação dos principais atrativos e serviços turísticos. Para assegurar a eficácia comunicativa do mapa, esta pesquisa fundamentou-se em dois referenciais principais da cartografia contemporânea:

- A abordagem cognitivista, presente na elaboração dos mapas mentais pelos entrevistados, que expressaram as percepções individuais e coletivas do território a partir da vivência, afetividade e memória.
- A semiologia gráfica, proposta por Jacques Bertin e apropriada por autores como Fiori (2020), que orienta a produção cartográfica com base na compreensão da eficiência dos signos gráficos enquanto elementos de comunicação visual estruturados por variáveis visuais (posição, forma, tamanho, cor, textura, orientação e brilho).

Com isso, o mapa final produzido buscou articular funcionalidade, estética, legibilidade e eficácia comunicativa, sendo simultaneamente uma ferramenta informativa, pedagógica e simbólica no contexto da prática social do lazer no bairro de Madureira.

2.2 - As diferentes abordagens metodológicas e o mapa: Teoria da Comunicação, Cognitivismo e a Semiologia Gráfica.

O que é um mapa? Essa pergunta pode ser respondida a partir de diferentes abordagens teóricas da Cartografia, pois o significado de um mapa não é fixo nem universal. Ele está historicamente situado e vinculado aos contextos sociais, culturais e epistemológicos em que é produzido. Por exemplo, um mapa chinês do século III a.C. não pode ser compreendido sob os mesmos critérios de avaliação de um mapa técnico produzido no contexto da cartografia moderna ou digital. Portanto, ao analisar uma representação cartográfica, é essencial considerar a matriz teórico-metodológica que sustenta sua elaboração, indo além do simples detalhamento técnico. Em termos gerais, um mapa é uma

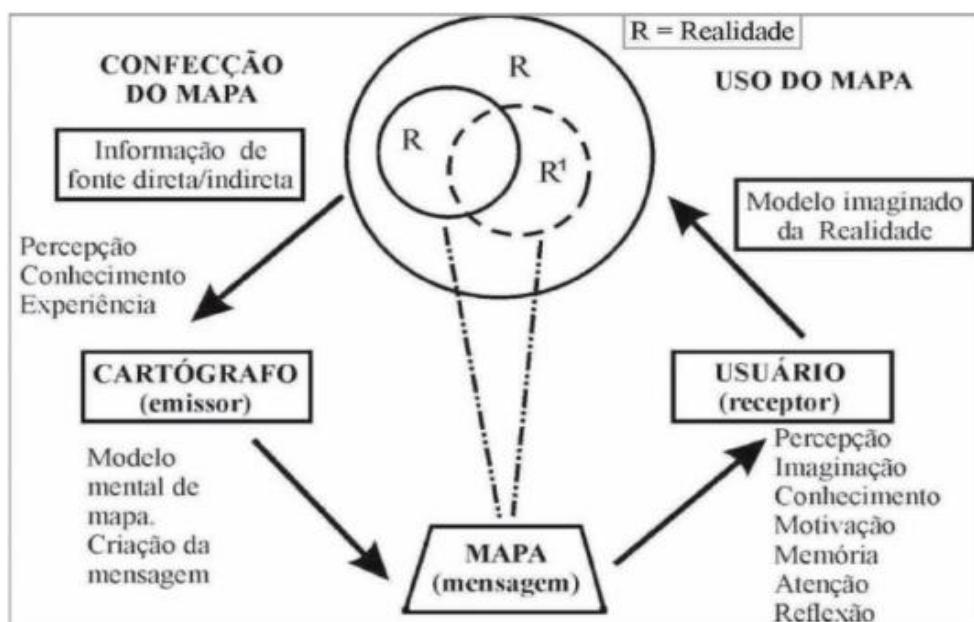
representação do espaço geográfico tridimensional em um plano bidimensional (como uma folha de papel ou uma tela digital), orientada por convenções simbólicas e normas gráficas específicas. Mas a compreensão do mapa envolve muito mais do que sua forma: envolve também seu propósito, seus códigos, seu público e a intencionalidade do produtor. Desse modo, o entendimento de um mapa requer familiaridade com o modelo teórico que o fundamenta, o que permite interpretá-lo como instrumento de comunicação, objeto cognitivo, recurso didático ou ferramenta política, conforme a abordagem adotada.

Dentre as principais abordagens teóricas que estruturam o campo da Cartografia como ciência, destacam-se:

- a Teoria da Comunicação;
- a Semiologia Gráfica;
- a Cartografia Cognitiva ou Piagetiana;
- a Cartografia Histórica;
- e a Visualização Cartográfica.

A abordagem da Teoria da Comunicação analisa o mapa como um instrumento de comunicação visual, cujo objetivo principal é transmitir uma mensagem geográfica de maneira clara, eficiente e inteligível. Segundo Archela (2007), a comunicação cartográfica pressupõe a existência de diferentes emissores e usuários, justificando a diversidade de tipos de mapas, cada qual voltado para públicos e objetivos distintos (Figura 56).

Figura 56 - Esquema da Teoria da Comunicação adaptado a Cartografia



Fonte: Fiori (2020)

Inspirada no modelo clássico da Teoria da Comunicação, essa abordagem estrutura-se nos seguintes elementos:

- o emissor, que é o cartógrafo ou equipe técnica responsável pela produção da mensagem;
- a mensagem, que é o mapa em si — representação gráfica que traduz informações espaciais;
- o canal, ou seja, o meio pelo qual a mensagem é veiculada (impresso, digital, interativo, etc.);
- o receptor, que é o usuário ou leitor do mapa, responsável por interpretar e utilizar a informação;
- e o código, que compreende o conjunto de convenções gráficas e simbólicas utilizadas para organizar a linguagem cartográfica (cores, formas, legendas, escalas, símbolos, orientação, etc.).

Conforme Gomes (2012), essa abordagem está intimamente relacionada à Teoria da Informação, particularmente no que se refere à dimensão sintática da comunicação, ou seja, ao funcionamento da linguagem cartográfica como sistema simbólico. A ideia central é reduzir os ruídos na transmissão da informação, promovendo a clareza, objetividade e eficiência na leitura e compreensão do conteúdo espacial. O mapa, portanto, deve ser concebido como um meio estruturado de comunicação, capaz de estabelecer uma ponte eficaz entre o produtor da informação e seu público-alvo.

Gomes (2012) ressalta que, para que o mapa cumpra sua função como instrumento de comunicação visual, é fundamental representar graficamente as informações espaciais de forma que o receptor consiga ler, decodificar e compreender a mensagem nele contida. Isso implica reconhecer o mapa como linguagem e, portanto, como um meio sujeito às mesmas exigências comunicacionais de clareza, coerência e inteligibilidade que regem outras formas de comunicação. Entretanto, a polissemia — ou seja, a possibilidade de múltiplas interpretações para um mesmo símbolo — pode interferir na eficácia da comunicação cartográfica, uma vez que diferentes usuários podem atribuir significados distintos a um mesmo signo gráfico. Tal complexidade demanda atenção rigorosa ao processo de codificação da informação espacial, especialmente no uso de cores, formas, texturas e ícones.

Para minimizar ruídos na representação e garantir a efetividade comunicacional, Gomes (2012) destaca quatro processos essenciais no desenvolvimento cartográfico:

- Desenvolvimento das representações: refere-se à seleção, organização e

classificação dos dados espaciais, com base na intencionalidade do mapa e no perfil do público-alvo. A escolha do que representar e como representar é uma etapa crítica, que exige critérios técnicos e epistemológicos.

- Simbolização: consiste na transformação dos dados em signos gráficos, considerando o nível de abstração desejado. Aqui, o cartógrafo decide entre o uso de símbolos convencionais (mais abstratos) ou pictóricos (mais próximos da realidade), com base no contexto e na finalidade da representação.
- Legibilidade: refere-se à clareza visual do mapa, assegurando que os elementos representados possam ser facilmente reconhecidos, diferenciados e lidos. Aspectos como contraste, hierarquia visual, harmonia gráfica e uso adequado da cor são fundamentais.
- Interpretabilidade: trata da capacidade de o mapa ser compreendido analiticamente, permitindo ao usuário extrair informações, reconhecer padrões espaciais e realizar inferências sobre o fenômeno representado.

Esses quatro eixos operacionais fundamentam a construção de uma comunicação cartográfica eficaz, especialmente em tempos de expansão digital. Com base nesses princípios, a Teoria da Comunicação aplicada à Cartografia oferece suporte não apenas à produção de mapas impressos tradicionais, mas também a formas contemporâneas e inovadoras de representação espacial, como:

- Mapas interativos e digitais, que possibilitam a navegação, o zoom e a sobreposição de camadas informacionais;
- Visualização de dados geoespaciais, que integra gráficos, mapas e bancos de dados para análises complexas;
- Cartografia participativa, que envolve comunidades na produção e validação dos mapas, democratizando o conhecimento territorial;
- e educação geográfica, que utiliza o mapa como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento do pensamento espacial.

Além disso, essa abordagem é amplamente aplicada na Cartografia Temática, campo no qual os mapas são elaborados com a finalidade de representar fenômenos específicos do espaço geográfico — como aspectos demográficos, ambientais, turísticos ou sociais — possibilitando análises que extrapolam a simples localização, incorporando interpretações e significados mais amplos. Assim, a comunicação cartográfica, ao se fundamentar na Teoria da Comunicação, reforça a natureza do mapa como uma linguagem visual estratégica e como um

dispositivo pedagógico, técnico e político na construção do conhecimento geográfico.

Neste contexto da eficácia da comunicação, a abordagem cognitivista oferece uma contribuição fundamental ao considerar o papel ativo do usuário na construção do significado dos mapas. Diferente de perspectivas meramente técnicas ou formais, essa abordagem incorpora os princípios da Psicologia Cognitiva e das teorias de Jean Piaget, priorizando o entendimento de como os indivíduos aprendem, interpretam e utilizam as representações cartográficas. Trata-se, portanto, de um olhar centrado na cognição cartográfica, ou seja, nas operações mentais envolvidas no processo de leitura, construção e uso dos mapas. A cognição cartográfica envolve uma série de operações mentais lógicas, tais como comparação, análise, síntese, abstração, generalização, mobilização espacial e visualização — ações que tornam o mapa não apenas um produto técnico, mas uma ferramenta dinâmica de aprendizagem e de leitura do mundo, cuja eficácia depende diretamente das características cognitivas do usuário. Essas características variam conforme o nível de desenvolvimento intelectual, a bagagem cultural, a experiência espacial e o contexto de uso. Conforme explicita Santos (2009), a teoria piagetiana é basilar para compreender essa relação, pois considera que o conhecimento do espaço é construído de forma ativa pelo sujeito a partir de suas interações com o ambiente físico e social. Piaget defende que o desenvolvimento da noção de espaço ocorre de maneira progressiva, em estágios cognitivos que influenciam diretamente a capacidade de leitura, interpretação e uso de mapas. Assim, crianças, jovens e adultos apresentam diferentes formas de representação mental do espaço, o que requer estratégias diferenciadas de comunicação cartográfica.

A Psicologia Cognitiva, base dessa abordagem, preocupa-se com o estudo dos processos mentais internos envolvidos no processamento da informação, como percepção, atenção, memória, linguagem, raciocínio e resolução de problemas. Em Cartografia, isso significa compreender como os sujeitos organizam e interpretam os dados espaciais, utilizando estruturas cognitivas, como esquemas mentais, para formar imagens e concepções do espaço. Segundo Archela e Archela (2002), duas contribuições centrais dessa abordagem são:

- A ênfase nas representações mentais do espaço — os chamados mapas mentais — que são construções subjetivas baseadas em vivências espaciais e experiências individuais;
- E a promoção da alfabetização cartográfica, que busca desenvolver no usuário habilidades de leitura, interpretação e produção de mapas de forma crítica e contextualizada.

Esses recursos facilitam o entendimento e a navegação espacial, ao mesmo tempo em que revelam como os sujeitos constroem, reorganizam e aplicam conhecimentos espaciais no cotidiano. Assim, a abordagem cognitivista é amplamente utilizada em contextos educacionais, ferramentas de navegação, jogos digitais e aplicativos de mapeamento, pois considera as necessidades cognitivas e limitações perceptivas dos usuários em cada faixa etária ou situação.

Richter (2011) reforça essa ideia ao afirmar que os mapas mentais são representações cognitivas do espaço que os indivíduos criam para se localizar, se orientar e compreender o ambiente ao seu redor. Essas representações são pessoais e dinâmicas, moldadas pelas experiências espaciais acumuladas, sendo capazes de integrar saberes cotidianos e sistematizados, que podem posteriormente ser transferidos para a linguagem cartográfica formal.

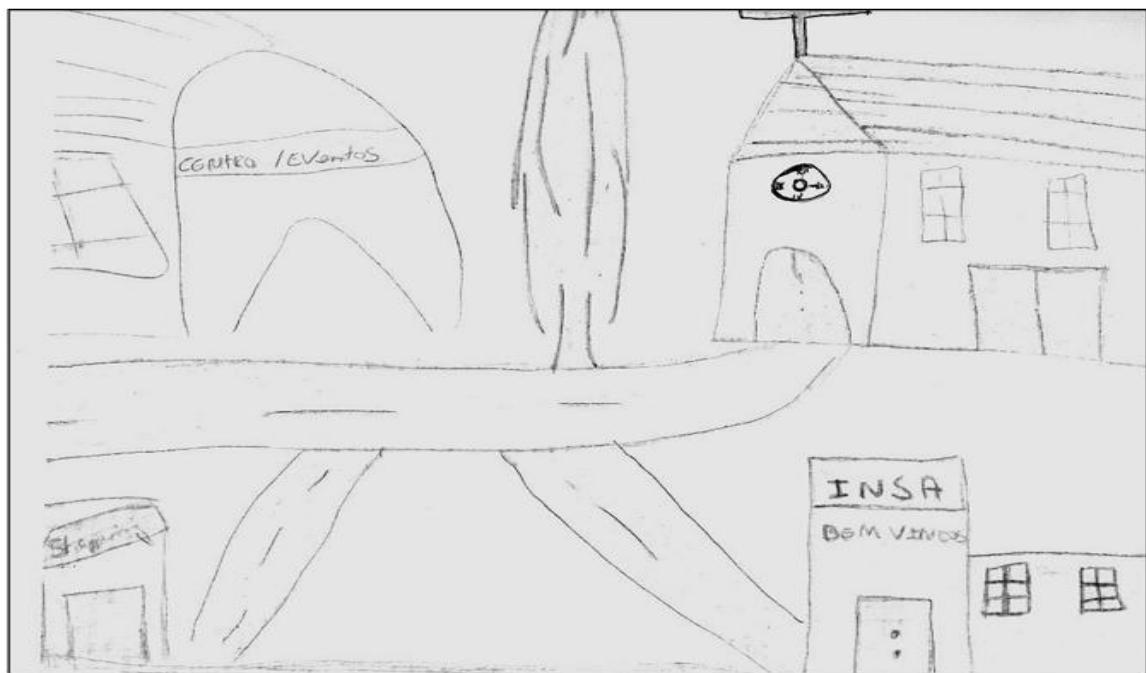
Nesse mesmo sentido, Ismael (2008, p.23) contribui ao afirmar que “o estudo da cognição é o estudo das estruturas e processos do conhecimento dos seres vivos. A cognição inclui percepção, aprendizado, memória, pensamento, razão, solução de problemas e comunicação”. Dessa forma, o desenvolvimento cognitivo relacionado ao espaço ocorre gradualmente ao longo da vida, e cada indivíduo apresenta uma forma distinta de processar e interpretar informações geográficas e cartográficas, tornando essencial o desenvolvimento de materiais e mapas adaptados a diferentes perfis de usuários. Assim, a abordagem cognitivista reforça que o mapa não é apenas um objeto técnico, mas uma construção simbólica, cuja eficácia comunicacional depende da interação entre o sujeito e a informação espacial, demandando atenção aos processos de aprendizagem e aos níveis de abstração adequados a cada público.

Consequentemente, é a partir das experiências espaciais, das percepções sensoriais e das informações adquiridas ao longo do tempo que os mapas mentais são construídos. Esses mapas representam de forma singular, subjetiva e seletiva a maneira como cada indivíduo percebe, organiza e se orienta no espaço. Tais representações são, portanto, influenciadas diretamente pelo estágio de desenvolvimento cognitivo do sujeito, o que implica diferentes níveis de abstração e complexidade nas formas de representar o território. O processo de construção do conhecimento espacial inicia-se no que se denomina espaço vivido — aquele experimentado fisicamente por meio do corpo, da locomoção e da interação sensorial direta com o ambiente. É neste nível que a criança, por exemplo, começa a desenvolver noções básicas de orientação espacial, como perto/longe, dentro/fora, frente/trás. O espaço vivido está diretamente vinculado à experiência concreta e afetiva do sujeito com o território. Com o

amadurecimento cognitivo e o acúmulo de vivências, o indivíduo passa a desenvolver o que se chama de espaço percebido, que vai além da experiência imediata e incorpora elementos visuais e relacionais. Nesta fase, o olhar já é capaz de captar regularidades, padrões e interconexões espaciais — por exemplo, reconhecer a repetição de elementos em diferentes paisagens ou antecipar deslocamentos com base em pontos de referência. O estágio mais elaborado é o do espaço concebido, que diz respeito ao espaço mentalmente elaborado, abstrato, representado simbolicamente. Este nível permite reflexões, inferências e análises espaciais mais complexas, sendo essencial, por exemplo, para a leitura e produção de mapas formais. Trata-se de um espaço que existe mais na razão do que na percepção direta, sendo fruto da capacidade de abstração e da sistematização do conhecimento (Santos, 2009; Fiori, 2020). Os mapas mentais, ao representarem graficamente essas imagens internas do espaço, expressam o comportamento espacial e a organização cognitiva de cada sujeito. São compostos por elementos simbólicos — como vias, marcos de referência, objetos e trajetos — que ganham significado a partir da percepção, atenção, memória e vivência espacial acumulada. Esses recursos cognitivos são ativados no momento da produção do mapa e refletem não apenas o que é geograficamente relevante, mas o que é significativo para o indivíduo. À medida que o sujeito adquire novas experiências, amplia sua mobilidade e acessa outras fontes de informação (como conversas, imagens, mídias, estudos, etc.), sua forma de representar mentalmente o espaço também se transforma. Ou seja, os mapas mentais não são estáticos: são dinâmicos, atualizáveis e moldados pelo tempo, pela cultura e pela prática cotidiana.

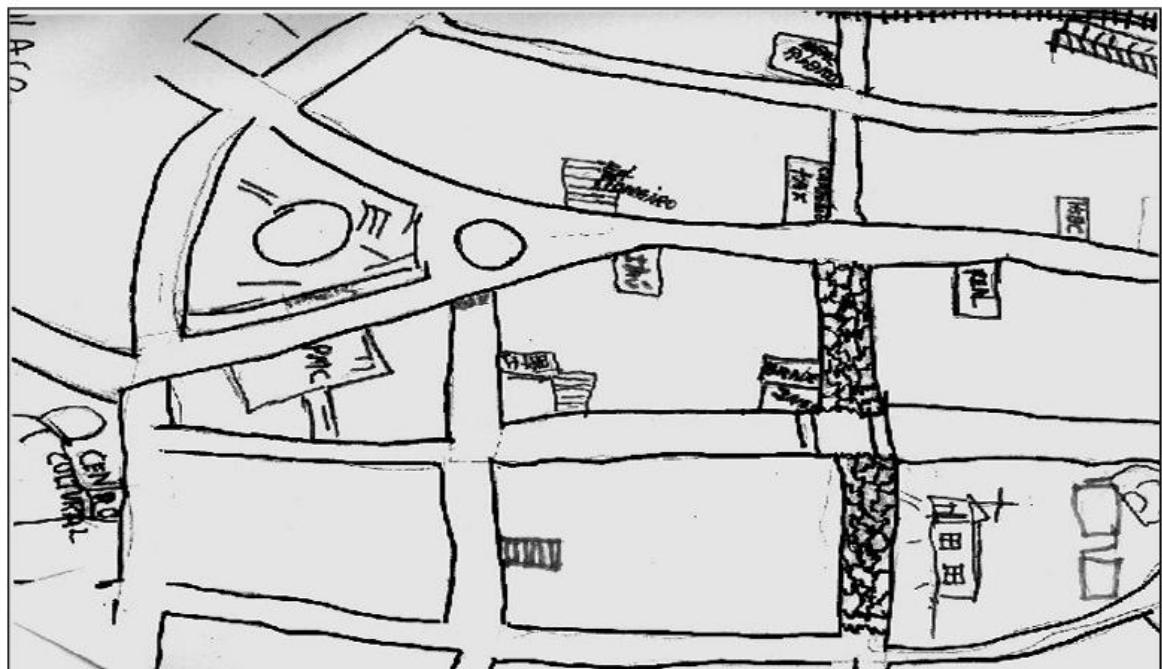
As figuras 57, 58 e 59 ilustram esses distintos níveis de construção do espaço e os desdobramentos que resultam nas representações mentais. Elas evidenciam como o mapa mental é uma síntese subjetiva do espaço — um espelho da cognição geográfica individual — e, ao mesmo tempo, um importante ponto de partida para o desenvolvimento da cartografia convencional, sobretudo em pesquisas qualitativas e participativas que buscam entender o território a partir do olhar dos sujeitos que o habitam ou frequentam.

Figura 57 - Mapa mental dos elementos urbanos do município de Cambé/PR elaborado por uma criança de nove anos que cursa a quarta série do ensino fundamental



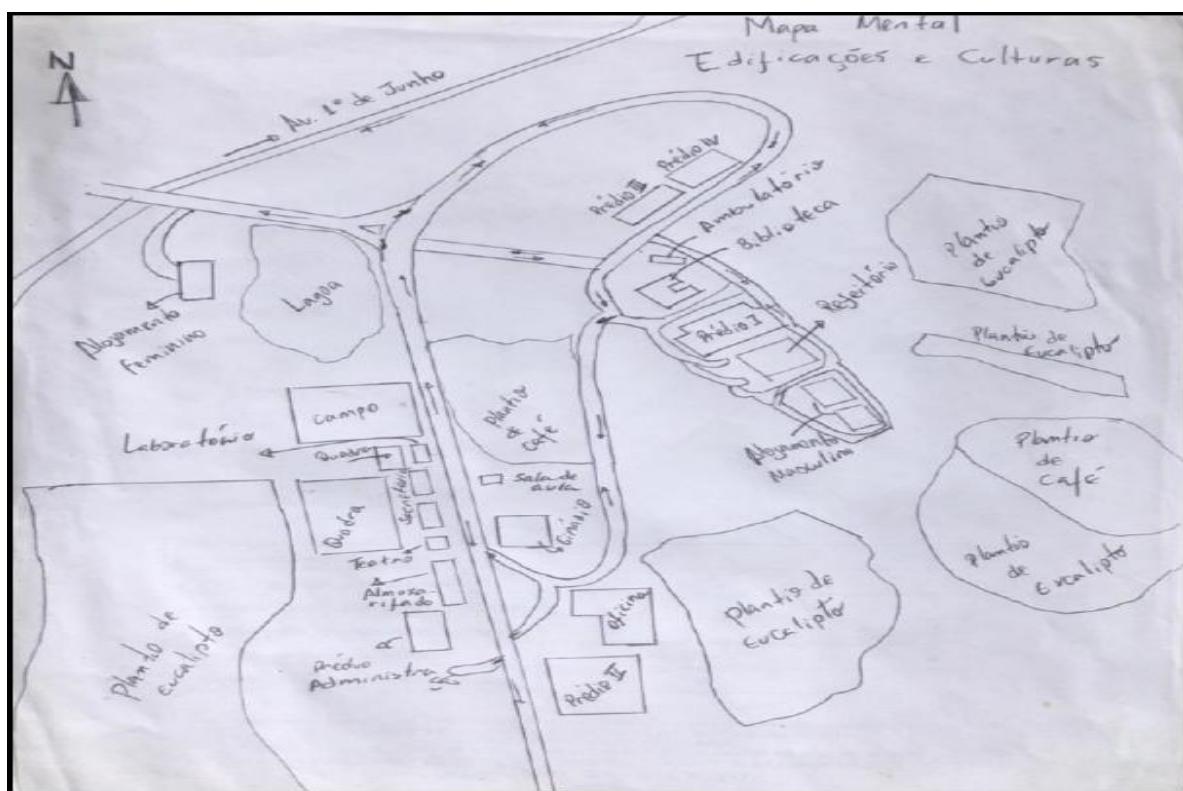
Fonte: Archela, Gratão e Trostdorf (2004)

Figura 58 - Mapa mental dos elementos urbanos do município de Cambé/PR elaborado por um adolescente de quatorze anos que cursa a oitava série do ensino fundamental



Fonte: Archela, Gratão e Trostdorf (2004)

Figura 59 - Mapa mental das edificações e culturas perenes do Campus SJE do IFMG elaborado por um aluno do terceiro módulo do curso técnico em agrimensura do IFMG

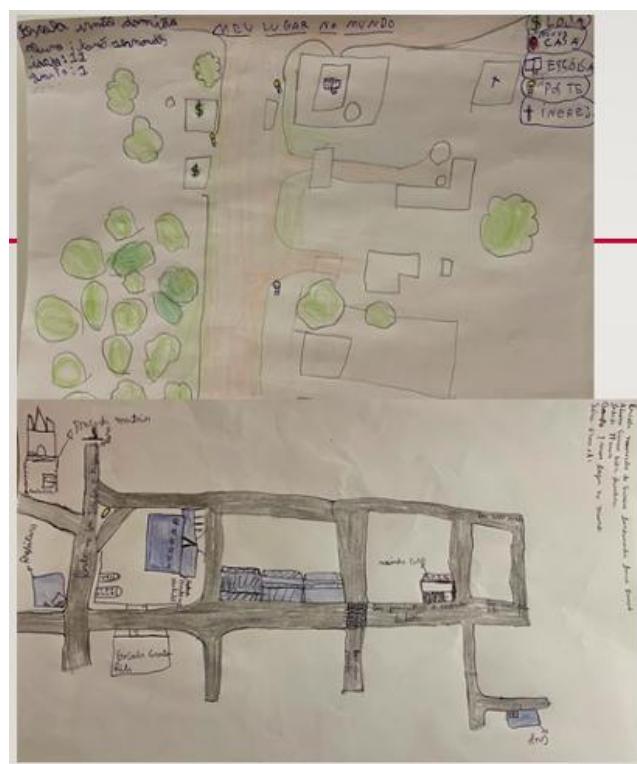


Fonte: Oliveira, Carvalho, Fernandes e Pires (2020)

O processo cognitivo na interpretação e construção de mapas tem ganhado crescente reconhecimento, especialmente no campo da Cartografia Humanista e da Cartografia Social, por considerar a maneira como os sujeitos percebem, organizam e representam o espaço a partir de suas experiências individuais e coletivas. Tal perspectiva tem conquistado adeptos e defensores justamente por possibilitar a compreensão do comportamento espacial dos indivíduos, bem como das decisões espaciais que estes tomam a partir de suas vivências cotidianas, percepções subjetivas e referências simbólicas do território. Nesse sentido, os mapas mentais destacam-se como importante instrumento metodológico, uma vez que representam as imagens cognitivas que os indivíduos constroem a partir da realidade vivida, possibilitando a materialização de percepções subjetivas sobre o espaço. Como afirma Richter (2011), os mapas mentais expressam o “percurso cognitivo da construção dos saberes científicos até a sua materialização em alguma forma de linguagem, que torna possível a visualização e o compartilhamento do conhecimento produzido”. Isto significa que o mapa mental não apenas revela o espaço físico, mas também o modo como esse espaço é experimentado, compreendido e significado por quem o representa.

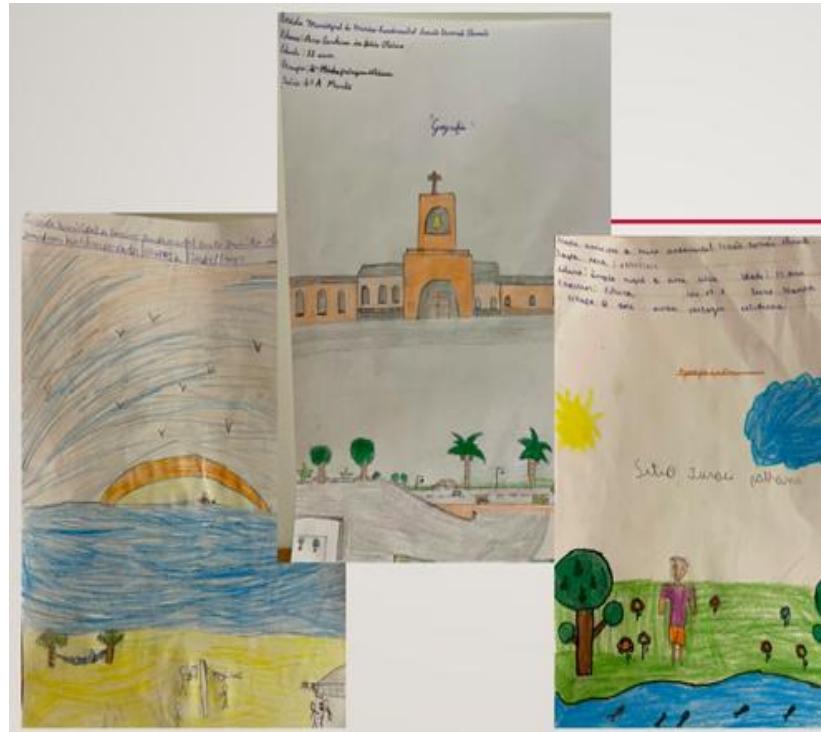
Dessa forma, pode-se afirmar que a Cartografia, especialmente em sua vertente mais contemporânea e social, é também uma ciência da cognição, ao utilizar métodos e técnicas da modelagem da informação geográfica com base na forma como os sujeitos conhecem, interpretam e interagem com o espaço. Os mapas mentais tornam-se, assim, representações dos mundos pessoais, capazes de revelar valores simbólicos, afetivos e funcionais dos lugares. Tais representações ganham destaque ao permitirem que as subjetividades — muitas vezes invisibilizadas pelas abordagens quantitativas — sejam incorporadas às análises territoriais, conferindo ao mapeamento um caráter mais humano, cultural e experiencial (Figuras 60, 61 e 62). A partir da década de 1980, o desenvolvimento desta abordagem foi fortemente influenciado pelas contribuições interdisciplinares oriundas da Antropologia, Filosofia, Psicologia, História e da Geografia Humanista e Fenomenológica, especialmente com os trabalhos de Yi-Fu Tuan (1983), que exploram as relações afetivas entre os sujeitos e os lugares, valorizando a dimensão existencial da espacialidade. Essa perspectiva ampliou o entendimento do espaço como construção simbólica, cultural e emocional — e não apenas física ou mensurável.

Figura 60 - Mapas mentais com o tema “Meu lugar no mundo de hoje” elaborados por alunos do sexto ano do ensino fundamental da Escola Irmão Damião - Lagoa Seca/PB



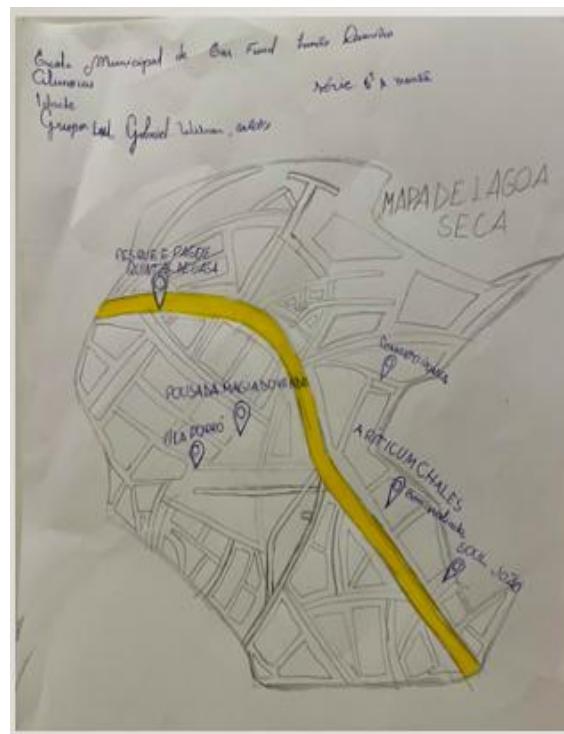
Fonte: Medeiros, Nascimento Neto, Azevedo e Bueno (2023)

Figura 61 - Mapas mentais com o tema “Minha paisagem cotidiana” elaborados por alunos do sexto ano do ensino fundamental da Escola Irmão Damião - Lagoa Seca/PB



Fonte: Medeiros, Nascimento Neto, Azevedo e Bueno (2023)

Figura 62 - Mapa mental com o tema “Lagoa Seca no Google Maps” elaborados por aluno do sexto ano do ensino fundamental da Escola Irmão Damião - Lagoa Seca/PB

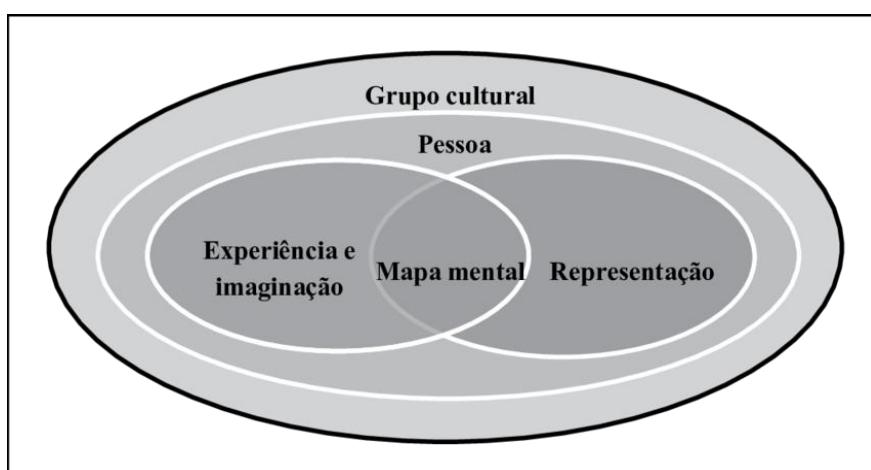


Fonte: Medeiros, Nascimento Neto, Azevedo e Bueno (2023)

Ademais, o enfoque cognitivista contribuiu significativamente para o desenvolvimento da Cartografia Social e Participativa, ao reconhecer a importância do envolvimento direto dos sujeitos mapeados no processo de produção cartográfica. Segundo Lawrence (2014), essa metodologia permite incorporar conhecimentos locais e memórias coletivas, ampliando a legitimidade das representações cartográficas e aproximando-as das realidades e vivências das comunidades, sobretudo em contextos de invisibilidade, marginalização ou disputa territorial.

Portanto, ao se elaborarem mapas cujos autores são as próprias pessoas que vivenciam e ocupam os territórios representados, o mapeamento mental assume um papel fundamental na valorização dos saberes locais e no reconhecimento da centralidade dos sujeitos nos processos de construção do conhecimento espacial. Tal prática rompe com a tradição tecnocrática e distante da Cartografia clássica, evidenciando o protagonismo de indivíduos historicamente marginalizados nos circuitos formais de produção cartográfica. Dessa forma, o mapeamento mental destaca a visão particular e situada dos sujeitos sobre os lugares, revelando como percebem, organizam e atribuem sentido ao espaço vivido. Essa compreensão está diretamente ligada a fatores afetivos, culturais, sociais e sensoriais, que moldam a maneira como cada pessoa se relaciona com o território. Assim, o entendimento espacial extrapola a percepção puramente visual e envolve também os demais sentidos — tato, audição, olfato e paladar — na construção da experiência geográfica. As representações mentais do espaço não são, portanto, meras associações dispersas de lembranças e sensações; ao contrário, constituem-se como registros cartográficos significativos e complexos, que expressam afetos, valores, memórias e práticas (Figura 63).

Figura 63 - Síntese do mapa mental



Fonte: Malanski (2013) apud Lawrence (2014, p.41)

Nesse sentido, Kozel (2004) apud Lawrence (2014) observa que a representação geográfica, por natureza, é subjetiva, dinâmica e contextualizada, sendo moldada constantemente pelas vivências dos sujeitos. Complementarmente, Lima (2007), também citado por Lawrence (2014, p. 33), afirma:

A partir da reflexão, pode-se afirmar que é através da percepção que se constrói o conhecimento do espaço adjacente e organiza outro, individualizado. Ou seja, a percepção é um dos processos necessários para a estruturação do mundo para a pessoa. Contudo, privilegiar a experiência sensível em prejuízo ao pensamento seria ratificar o empirismo, pois a realização do corpo pressupõe a indissociabilidade entre capacidades sensíveis e intelectuais a consciência humana.

Com isso, comprehende-se que os mapas mentais, fundamentados na abordagem cognitiva da Cartografia, são instrumentos que permitem representar realidades percebidas e vivenciadas pelos sujeitos em sua trajetória espacial. A cartografia cognitiva entende que a relação com o espaço se desenvolve desde o nascimento, por meio da consciência corporal e das experiências sensoriais, e que essa relação é construída ao longo da vida, variando conforme os estágios de desenvolvimento cognitivo e o repertório cultural e afetivo do indivíduo (Santos, 2009).

Partindo do princípio de que todo mapa é uma representação do espaço, sua validade e eficácia comunicacional dependerão da abordagem teórico-metodológica adotada. No caso dos mapas mentais, destaca-se o papel da subjetividade e da vivência afetiva do espaço como elementos estruturantes da representação. Como lembra Tuan (1983), essa relação pode ser marcada tanto por vínculos de afeto e pertencimento (topofilia) quanto por rejeição e desconforto (topofobia), revelando os sentimentos ambíguos que os lugares podem evocar.

Assim, por se tratar de um tipo de cartografia que registra a percepção individual e subjetiva do espaço, os mapas mentais constituem formas livres e singulares de representar fragmentos do território com base na interação sensorial, emocional e simbólica. Em outras palavras, são cartografias da experiência, que condensam olhares particulares sobre o vivido, contribuindo para um entendimento mais amplo e humanizado do espaço geográfico. Como resume Pontuschka (2007), o mapa mental é o registro de um espaço vivido, sentido e apropriado, que se expressa graficamente a partir das referências internas do sujeito — um instrumento pedagógico, científico e político de representação territorial.

Segundo Kozel (2007) apud Lawrence (2014), os mapas mentais configuram-se como representações do mundo real a partir do olhar singular e subjetivo de quem os produz, incorporando não apenas elementos espaciais, mas também dimensões cognitivas, visões de mundo, valores, afetos e intencionalidades. Diferentemente da cartografia tradicional, cuja

ênfase recai sobre a precisão técnica da localização e da forma espacial, o mapa mental busca captar as experiências vividas e a percepção individualizada do território, conferindo centralidade ao sujeito e à forma como ele se relaciona com o espaço.

Conforme destaca Almeida (2007, p. 17), “o processo de mapear não pode se desenvolver isoladamente, mas deve, sim, ser solidário com todo o desenvolvimento mental do indivíduo”. Tal afirmação ressalta que a atividade cartográfica está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento cognitivo, não podendo ser dissociada das demais dimensões do pensamento humano. O ato de mapear, nesse contexto, envolve esquemas mentais complexos, que se formam a partir de aprendizagens acumuladas, interações sociais, afetos e conhecimentos geográficos construídos ao longo do tempo.

Ainda de acordo com Almeida (2007, p. 24), “um bom mapa é aquele que apresenta corretamente o que se quer mostrar, necessitando apenas transmitir sua mensagem de forma objetiva, rápida e efetiva”. Essa definição ressalta o caráter comunicacional do mapa como instrumento essencial de representação da realidade, utilizado pela humanidade desde os tempos mais remotos para orientar, demarcar, registrar e expressar experiências espaciais, sempre por meio de uma linguagem gráfica, reduzida e abstrata. Assim, o mapa se consolida como um recurso simbólico e técnico que traduz, de maneira condensada, as complexidades do mundo vivido.

Complementando essa perspectiva, Silva (2020) afirma que a experimentação da realidade cotidiana constitui a base da processualidade do mapeamento, sendo que os traçados e desenhos dos mapas revelam acontecimentos, relações sociais, territorialidades e culturas inscritas nos lugares representados. Nesse contexto, o ato de mapear se converte em prática de significação do espaço, por meio da qual os sujeitos sociais expressam sua vivência territorial, seus pertencimentos e suas formas de ver e existir no mundo.

O mapeamento, portanto, não é apenas um fim em si mesmo, mas um meio de construção da identidade e da cidadania, permitindo ao indivíduo afirmar sua presença no território, por meio de uma leitura própria e legítima do espaço. Tal processo viabiliza o protagonismo do sujeito social, que passa de mero objeto da representação a autor e intérprete de sua própria experiência geográfica. Como destaca Silva (2020), é a partir dessa apropriação que o indivíduo se reconhece como sujeito pleno, produtor de sentidos e de narrativas espaciais que desafiam a hegemonia dos discursos técnicos e institucionais sobre o território.

A construção de mapas mentais é um processo profundamente permeado por sensibilidades, ao passo que envolve não apenas a localização de elementos espaciais, mas também o registro e a interpretação de conhecimentos, saberes, vivências e acontecimentos de

uma realidade percebida, sentida e vivida. Trata-se, portanto, de uma prática cartográfica que ultrapassa a dimensão técnica da representação e adentra os domínios da subjetividade, da memória e do afeto, sendo capaz de expressar as vinculações afetivas — positivas e negativas — entre os sujeitos e os lugares que habitam ou frequentam. Nesse sentido, os mapas mentais revelam a complexidade das relações humanas com o espaço, evidenciando tanto os laços de pertencimento, acolhimento e segurança, quanto às experiências de exclusão, vulnerabilidade e deslocamento simbólico. Constrói-se, assim, uma verdadeira cartografia das sensações e dos afetos, que permite explorar não apenas as dimensões materiais dos territórios, mas também suas camadas simbólicas, identitárias e emocionais. Como destaca Silva (2021), esse tipo de mapeamento possibilita visualizar as experiências e percepções dos sujeitos sobre os lugares, bem como compreender como os processos identitários se constituem e se territorializam no cotidiano, especialmente em contextos marcados por tensões e disputas sociais. Dessa forma, a cartografia mental torna-se também uma ferramenta metodológica potente para desvelar narrativas invisibilizadas, ampliando a escuta e valorizando os saberes de grupos sociais frequentemente marginalizados nos processos tradicionais de produção do conhecimento espacial.

Foi exatamente com base nessa abordagem que o pesquisador conduziu o processo de escuta e produção cartográfica durante o período de entrevistas. A partir da escuta ativa e do acolhimento das narrativas de frequentadores dos espaços de lazer LGBTQIAPN+ do bairro de Madureira, buscou-se construir representações sensíveis dos espaços de lazer, captando não apenas os trajetos, locais e frequências, mas também os sentimentos, tensões, potências e afetos que atravessam essas experiências. A abordagem adotada permitiu, portanto, não apenas mapear espaços físicos, mas também registrar subjetividades territoriais que compõem o tecido urbano e social do bairro estudado.

Enquanto a abordagem da Teoria da Comunicação se preocupa com os elementos que garantem a eficácia na transmissão da mensagem cartográfica — emissor, mensagem, canal, receptor e código —, a abordagem da Semiólogia Gráfica tem como foco o sistema simbólico que estrutura essa comunicação visual. Desenvolvida originalmente por Jacques Bertin e posteriormente adaptada por estudiosos da cartografia como Archela (2007), essa abordagem considera que a linguagem cartográfica se realiza por meio da representação bidimensional de fenômenos espaciais por meio de símbolos gráficos organizados segundo regras precisas de legibilidade, coerência e significação. A linguagem gráfica é, por definição, bidimensional, atemporal e monossêmica, ou seja, opera em duas dimensões espaciais (plano do papel ou da tela), não se vincula a uma linha do tempo específica (como o discurso verbal)

e busca estabelecer uma correspondência clara e inequívoca entre símbolo e conteúdo representado. Para isso, essa linguagem se estrutura a partir de dois elementos principais: o significado, que corresponde às relações conceituais ou objetivas entre os dados (tais como diversidade, ordem e proporcionalidade), e o significante, que se refere ao elemento visual empregado para expressar essas relações (símbolo gráfico).

De acordo com Archela (2007), os símbolos gráficos utilizados na cartografia se classificam em três tipos fundamentais, segundo sua dimensão de ocorrência no espaço representado:

- Pontuais: representam objetos localizados em pontos específicos do espaço, como uma torre ou uma árvore isolada.
- Lineares: representam fenômenos que se desenvolvem ao longo de uma linha, como rios, ruas ou trilhas.
- Areais (ou zonais): representam áreas delimitadas do espaço, como bairros, parques ou regiões administrativas.

Esses elementos visuais são manipulados por meio de variáveis visuais (Figura64), que são os recursos gráficos disponíveis para transmitir as diferentes relações entre os dados. São seis as principais variáveis visuais, segundo a Semiologia Gráfica:

- Tamanho – refere-se à variação de escala de um símbolo, sendo especialmente útil para expressar proporcionalidade entre os dados (ex.: população de cidades).
- Valor – corresponde à variação de tonalidade (de claro a escuro) de uma mesma cor, geralmente utilizada para indicar ordem ou intensidade (ex.: densidade populacional).
- Textura (ou granulação) – relaciona-se à distribuição de elementos gráficos (pontilhados, hachuras) que formam padrões visuais, podendo indicar diferenciações qualitativas.
- Cor – refere-se à variação cromática sem alteração de intensidade (ex.: vermelho, azul, verde) e é normalmente utilizada para expressar diversidade ou categorias distintas.
- Orientação – diz respeito à direção dos símbolos gráficos (horizontal, vertical, oblíqua), podendo expressar variações estruturais ou padrões de organização espacial.
- Forma – agrupa todas as variações de contorno e desenho dos símbolos, servindo principalmente para indicar qualidades distintas entre os elementos.

Figura 64 - Quadro de variáveis visuais de J. Bertin

As variáveis da imagem segundo J. Bertin (2001)											
XY 2 dimensões do plano	PONTOS			LINHAS			ÁREAS			OQ \neq	
	x	x	x	/	2	/	15	1	18		
Z TAMANHO	■	■	■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■	OQ \neq	
	■	■	■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■		
VALOR	■	■	■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■	O \neq	
	■	■	■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■		
VARIÁVEIS DE SEPARAÇÃO DA IMAGEM											
GRANULAÇÃO	■■■■■	■■■■■	■■■■■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■	O \neq	
	■■■■■	■■■■■	■■■■■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■		
COR	■■■■■	■■■■■	■■■■■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■	= \neq	
	■■■■■	■■■■■	■■■■■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■		
ORIENTAÇÃO	■■■■■	■■■■■	■■■■■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■	= \neq	
	■■■■■	■■■■■	■■■■■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■		
FORMA	■■■■■	■■■■■	■■■■■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■	= \neq	
	■■■■■	■■■■■	■■■■■	/	2	/	■■■■■	■■■■■	■■■■■		
\neq - seletiva $=$ - associativa O - ordenada Q - quantitativa											

Fonte: J. Bertin (2001) apud Santos (2009, p.61)

Essas variáveis visuais devem ser escolhidas com base no tipo de relação semântica que se deseja expressar, garantindo que a mensagem cartográfica seja precisa, legível e interpretável, evitando ambiguidades e ruídos na comunicação com o usuário. Segundo Archela (2007, p. 284), é fundamental que o cartógrafo compreenda a natureza dos dados e as relações entre eles para escolher as variáveis visuais mais adequadas, assegurando a eficiência da linguagem gráfica cartográfica. Em suma, a abordagem da Semiologia Gráfica fornece uma estrutura teórico-metodológica essencial para o desenvolvimento da Cartografia Temática, pois permite que o mapa seja concebido como uma linguagem visual estruturada, em que cada escolha simbólica tem implicações na forma como o espaço será representado, interpretado e, consequentemente, compreendido pelo usuário.

É importante destacar que a representação gráfica, enquanto linguagem visual estruturada possui suas próprias leis, estrutura e estética. Sua produção eficaz exige o domínio técnico e o uso criterioso das variáveis visuais, que são os elementos fundamentais para a construção do mapa. Nesse sentido, o conhecimento teórico e metodológico dessas

propriedades constitui o objeto central da Semiologia Gráfica, como afirma Santos (2009). Esse campo do saber se ocupa da sistematização da transcrição das informações espaciais por meio da linguagem gráfica, ou seja, da organização dos dados geográficos em símbolos visuais capazes de comunicar, com clareza e precisão, as relações existentes no espaço.

De forma geral, a Semiologia Gráfica estrutura-se como um método de tratamento gráfico da informação, orientado por princípios visuais e cognitivos que asseguram a inteligibilidade do conteúdo representado. Por isso, torna-se essencial observar, de modo rigoroso, as propriedades significativas das variáveis visuais, pois elas operam como o canal de codificação da informação geográfica no processo de comunicação cartográfica. Uma imagem, quando bem estruturada, pode comportar diferentes níveis de leitura, promovendo o estímulo visual e a memorização das informações representadas, desde que apresente organização estética e hierarquia visual adequada (Archela & Archela, 2002).

Neste contexto, Oliveira e Almeida (2009, p. 20) ressaltam que a representação gráfica tem por finalidade transcrever três tipos fundamentais de relações semânticas entre os dados espaciais (Figuras 65 e 66):

- Diversidade ou seletividade (\neq): expressa diferenças qualitativas entre objetos ou fenômenos, sem relação hierárquica ou quantitativa (ex.: tipos de uso do solo, categorias de turismo).
- Ordem (0): estabelece relações hierárquicas ou de graduação entre os dados, como intensidade, frequência ou importância (ex.: grau de urbanização, níveis de risco).
- Proporcionalidade (Q): refere-se à quantidade, permitindo comparar grandezas (ex.: população absoluta, renda per capita, extensão territorial).

Figura 65 - Quadro comparativo das relações fundamentais da representação gráfica

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA	
Relações Fundamentais	
\neq	Diversidade visual
O	Ordem visual
O	Proporcionalidade visual

Fonte: De Oliveira e Almeida (2009)

Figura 66 - Quadro com as relações fundamentais entre os objetos

Relações entre objetos			Conceitos	Transcrição gráfica
Caderno	Lápis	Borracha	\neq Diversidade	
Medalha de ouro	Medalha de prata	Medalha de bronze	\circ Ordem	
1 kg de arroz	4 kg de arroz	16 kg de arroz	\propto Proporcionalidade	

Fonte: De Oliveira e Almeida (2009)

Cada uma dessas relações deve ser representada por meio da variável visual mais adequada, considerando o significado dos dados e a capacidade de decodificação do usuário final. No caso específico desta pesquisa, a relação trabalhada nos mapas finais será a diversidade ou seletividade (\neq), ou seja, a representação de categorias distintas, como os diferentes tipos de atrativos e equipamentos de lazer no território. Essa opção permite aplicar a linguagem da diversidade qualitativa como estratégia de simbolização, de forma a destacar as especificidades do espaço estudado sem recorrer a hierarquizações indevidas.

O uso de símbolos pontuais, lineares e zonais em representações cartográficas é resultado de decisões conscientes do produtor do mapa, com o objetivo de comunicar de forma visual e eficiente os elementos espaciais ao leitor. De acordo com Oliveira e Almeida (2009), essas escolhas correspondem à etapa de simbolização e refletem a intencionalidade do cartógrafo ao selecionar e codificar os elementos da realidade. Na prática, os símbolos gráficos funcionam como representações simplificadas e sugestivas de objetos ou fenômenos presentes no território, tornando possível sua leitura e interpretação visual. Nesse contexto, os símbolos pontuais são utilizados para representar elementos localizados em pontos específicos do espaço, como rodoviárias, aeroportos, teatros, restaurantes, hotéis etc. Já os símbolos lineares retratam objetos que se desenvolvem ao longo de uma dimensão linear, como sistemas viários (arruamentos), ferrovias e cursos d'água. Por sua vez, os símbolos zonais (ou areais) são usados para representar áreas contínuas, como parques urbanos, lagos, centros comerciais, entre outros. Cada tipo de símbolo é empregado de modo a preservar a clareza da informação, respeitando os princípios da legibilidade e da economia gráfica, fundamentais à

eficácia comunicativa do mapa (Figura 67).

Figura 67 - Classificação dos símbolos cartográficos de acordo com sua dimensão espacial

DIMENSÃO ESPACIAL DOS SÍMBOLOS CARTOGRÁFICOS		
Símbolos Pontuais	Localização e identificação de feições geográficas, cuja superfície na escala, é demasiadamente pequena: cidade, lugarejo, mina, etc.	△ ○ ○ ◇
Símbolos Lineares	Representação de feições com características físicas lineares: rios, estradas, limites, etc.	
Símbolos Areais	Representação de feições zonais (áreas) consideravelmente extensas em relação à escala: área urbana, edificações, vegetação, etc.	
Símbolos Volumétricos	Representações tridimensionais (volumes): maquete altimétrica ou <u>hipsométrica</u> , modelo digital do terreno (MDT), etc.	

Figura 2.10 – Classificação dos símbolos cartográficos de acordo com sua dimensão espacial.
Fontes: Adaptado de Ramos (2005) e Almeida (2008).

Fonte: De Oliveira e Almeida (2009)

Os símbolos pontuais, em especial, podem ser subdivididos em cinco categorias, conforme a natureza e o nível de abstração de sua representação (Figura 68):

- Pictogramas – Representações visuais que se assemelham diretamente ao objeto real, facilitando o reconhecimento imediato (ex.: desenho de uma árvore para representar um parque).
- Ideogramas – Representações simbólicas que comunicam uma ideia ou conceito de forma mais abstrata, sem necessariamente retratar a forma do objeto (ex.: uma cruz para representar hospital).
- Símbolos geométricos regulares – Formas básicas e padronizadas como círculos, quadrados e triângulos, utilizadas com frequência em mapas convencionais.
- Símbolos não geométricos – Formas livres ou estilizadas que não seguem um padrão geométrico rígido, muitas vezes usadas em mapas artísticos ou ilustrativos.
- Símbolos alfanuméricos – Letras ou números que servem para identificar ou classificar elementos, frequentemente utilizados em legendas complementares ou mapas de referência.

Figura 68 - Classificação dos símbolos cartográficos de acordo com sua categoria

CATEGORIAS DOS SÍMBOLOS CARTOGRÁFICOS		
Pictograma	Símbolo figurativo facilmente reconhecível, sendo muito utilizados em mapas de uso público, como os turísticos, por exemplo. Atualmente, podem ser encontrados facilmente nas bibliotecas de símbolos dos aplicativos CAD (Cartografia Digital).	
Ideograma	Símbolo representativo de um conceito ou de uma idéia.	
Símbolo Regular Geométrico	Estrutura constituída por símbolos regulares como triângulo, círculo, hexágono, losango, etc. Contrariamente ao pictórico, não existe qualquer semelhança com a feição geográfica representada.	
Símbolo não geométrico	Símbolo composto por figuras não geométricas podendo até possuir alguma semelhança com o acidente geográfico representado. Exemplo: escola, farol, igreja, norte, etc.	
Símbolo Alfanumérico	Símbolo composto de letras e números. Muitos utilizados em mapas geológico, geomorfológico e pedológico.	

Fonte: De Oliveira e Almeida (2009)

A escolha entre essas categorias está diretamente relacionada ao perfil do público-alvo, ao tipo de mapa (pictórico ou convencional), e à finalidade da comunicação cartográfica. Assim, a simbolização constitui um elemento central na construção do mapa enquanto linguagem gráfica e deve ser planejada de forma estratégica para garantir eficácia comunicativa, clareza visual e coerência com os objetivos da representação geográfica.

Deste modo, na produção do mapa para o lazer no bairro de Madureira, foram empregados dois tipos principais de símbolos gráficos para realização da comunicação visual: os pictogramas (na legenda temática dos elementos turísticos) e os símbolos geométricos regulares (na legenda geral). Os pictogramas, também denominados símbolos pictóricos, são representações gráficas que utilizam imagens ou figuras para expressar conceitos, objetos ou ideias. São assim chamados porque se baseiam na semelhança visual com os elementos que representam, facilitando a identificação imediata por parte do usuário. Exemplos comuns incluem o ícone de avião (✈) para aeroporto, carro (🚗) para aluguel de veículos, casa (🏡) para pousada e garfo e faca (🍴) para restaurante. Esses símbolos são amplamente utilizados por apresentarem diversas vantagens: possuem semelhança visual com os objetos representados, são de fácil compreensão, promovem comunicação acessível e, muitas vezes,

são considerados universais, sendo compreendidos por pessoas de diferentes culturas e idiomas, independentemente da alfabetização cartográfica. Contudo, apresentam também limitações, como o risco de ambiguidade — quando o símbolo pode representar mais de um conceito — e dificuldade para representar ideias abstratas ou complexas, conforme apontado por Peres (2016).

Como mencionado anteriormente, o uso de símbolos pictóricos não exclui a utilização de símbolos convencionais na produção cartográfica proposta. Os símbolos convencionais, por sua vez, são arbitrários — ou seja, não apresentam semelhança direta com os objetos representados — e, por esse motivo, exigem a consulta da legenda para sua decodificação. Essa característica permite seu uso em diferentes contextos culturais, desde que o usuário compreenda o idioma ou convenção adotada.

A partir dessas diferentes formas de representação do espaço, encerra-se este capítulo teórico para dar início, no Capítulo 3, à metodologia adotada na elaboração do mapa qualitativo voltado à temática do lazer LGBTQI+ no bairro de Madureira, com o objetivo de apresentar informações relacionadas aos atributos e às relações entre os diversos elementos espaciais que compõem o território em estudo.

III - AVALIAÇÃO E ANÁLISE DOS MAPAS MENTAIS E PROPOSTA DE UM MAPA PARA O LAZER LGBTQIAPN+ NO BAIRRO DE MADUREIRA

3.1 – DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO EMPÍRICO

O local escolhido para a realização das entrevistas, a Travessa Almerinda Freitas, foi, até o início dos anos 2000, um ponto de intensa movimentação, frequentado por visitantes de quarta-feira a domingo. Atualmente, porém, a via apresenta um cenário bastante diferente: pouco movimentada, quase deserta e sem as antigas badalações. A principal atração da travessa era a Boate Papa G, que, com sua programação de festas, atraía um grande público e movimentava a região. Hoje, esse dinamismo só retorna ocasionalmente, quando a boate opta por realizar algum evento em suas dependências. Trata-se, portanto, de um cenário que pouco lembra o vibrante passado da Travessa.

Como no início dos anos 2000 as maiores e mais intensas movimentações de pessoas e eventos ocorriam às quartas-feiras e aos domingos, o pesquisador optou por priorizar esses dois dias da semana para a realização do trabalho de campo. No entanto, ressalta-se que o cenário encontrado atualmente nesses dias difere significativamente da efervescência vivida no passado. No auge do lazer na Travessa, as quartas-feiras exigiam o fechamento informal da via, tamanha era a quantidade de pessoas que ocupavam o espaço. Na época, tentar trafegar com veículos pela Travessa era uma tarefa demorada, já que a via era amplamente tomada por frequentadores e ambulantes. A presença de um ponto final de vans, como o que existe hoje, seria então impensável diante da dinâmica que marcava aquele período.

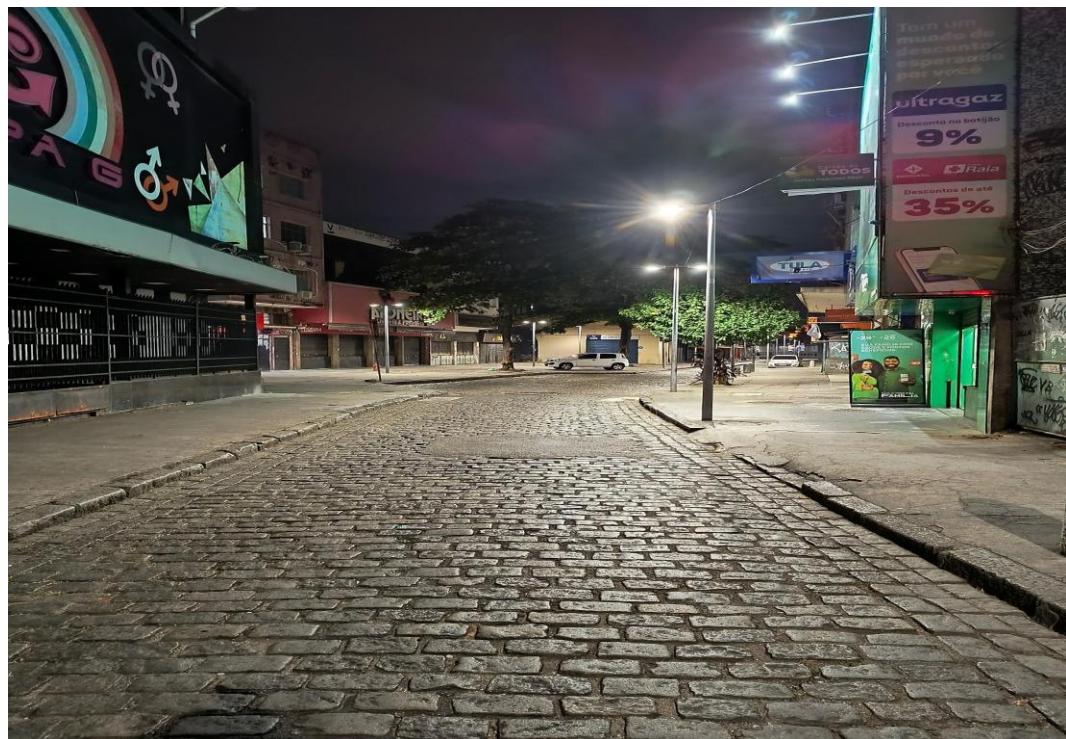
As figuras 69 (A, B, C, D) registram a Travessa Almerinda Freitas e a Boate Papa G numa quarta-feira sem festa programada em março de 2025.

Neste contexto, o trabalho de campo foi dificultado porque a boate Papa G só abre suas portas quando há uma festa programada. Nos meses de janeiro e fevereiro, a única programação da casa foi a festa “Braba®”, que foi realizada nos dias 01, 15, 18, 22, 29 de janeiro e 05 de fevereiro⁸. Desde então, a boate se encontra fechada até a última semana do mês de março de 2025. Tal peculiaridade dificultou o desenvolvimento da pesquisa, referente a abordagem dos entrevistados na Travessa.

⁸ Informação obtida no Instagram oficial da festa “Braba”.

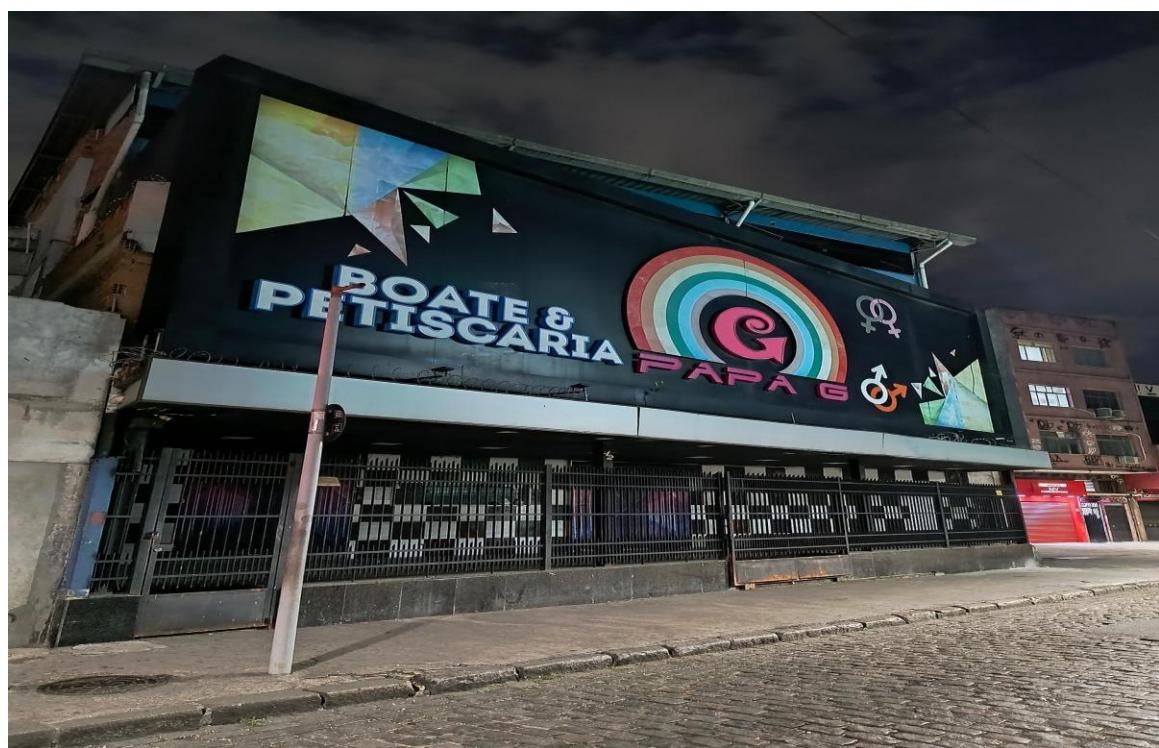
Figura 69 - Travessa Almerinda Freitas, quarta-feira, 12 de março de 2025

A - Travessa



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

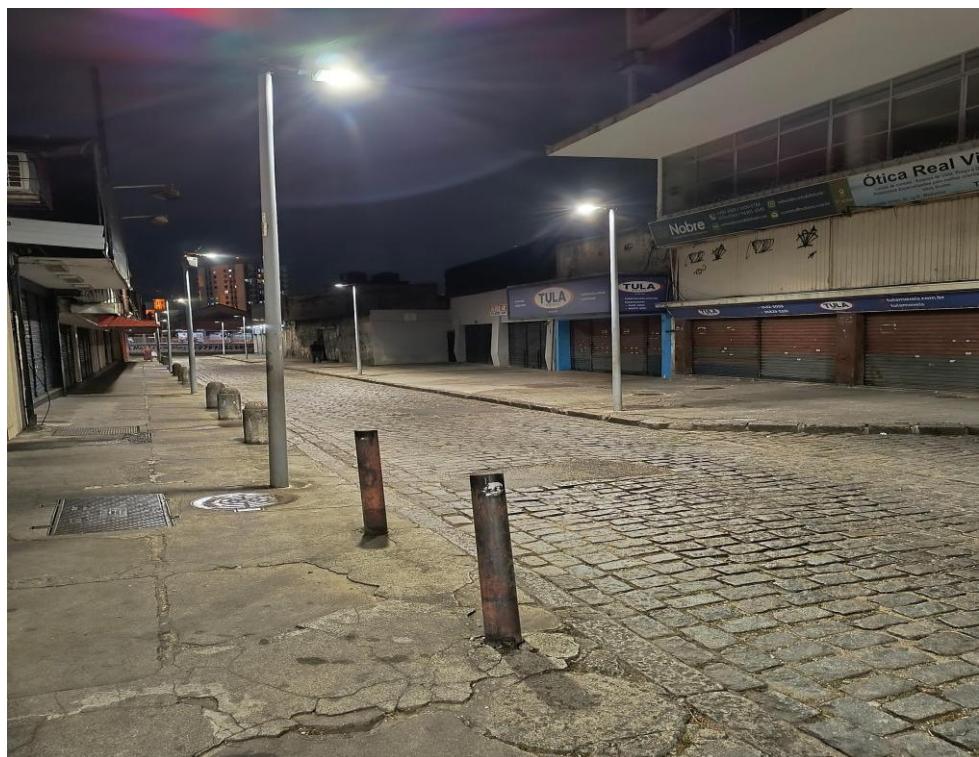
B - Vista da Boate Papa G



Fonte: Arquivo pessoal (2025)

C - Vista da Boate Papa G

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

D - Travessa

Fonte: Arquivo pessoal (2025)

3.1.1 – Procedimentos – abordagem, perfil e questões aos entrevistados

No planejamento inicial, a abordagem ao entrevistado aconteceria em um momento de descontração, deixando-o mais à vontade para desenvolver a dinâmica. No entanto, devido aos poucos eventos na boate e uma reduzida movimentação de pessoas na Travessa, as entrevistas ocorreram de forma mais formal, ocasionando algumas recusas em participar da pesquisa. Limitando e restringindo também a interlocução do pesquisador com o dono proprietário do estabelecimento, já que o espaço estava a serviço de terceiros. Diante desses percalços, adaptações foram necessárias, anotando-se então, contatos telefônicos dos frequentadores para que a pesquisa pudesse ser realizada a posteriori, por meio de um link do questionário a ser respondido através do aplicativo para smartphones Google Forms.

Isto fez com que a dinâmica inicial da produção dos mapas mentais fosse alterada. Primeiro, a proposta era a ocupação de alguma dependência da boate para que os indivíduos pudessem participar de uma oficina preparatória com o objetivo de representarem a localização dos lugares de lazer gay no bairro de Madureira. Todavia, como a dinâmica foi realizada de modo remoto, utilizou-se o aplicativo para smartphones WhatsApp, por permitir o envio de mensagens de texto e áudio, além de possibilitar a realização de chamadas de voz e de videochamadas.

Com base no desenvolvimento de um questionário composto por trinta questões, entre abertas e fechadas, buscou-se obter um panorama abrangente das percepções, experiências e relações dos participantes com o território da Travessa Almerinda Freitas. O instrumento foi elaborado com o objetivo de captar dados qualitativos sobre:

1. O perfil dos entrevistados, considerando aspectos como idade, cor da pele, gênero, orientação sexual, profissão, faixa salarial e bairro de residência..
2. Identificar e localizar os principais espaços de lazer voltados ao público gay em Madureira, analisando a frequência desses locais e as formas de acesso.
3. Compreender questões relacionadas a políticas públicas e identitárias, além de compreender como os entrevistados se relacionam com suas próprias sexualidades.
4. Avaliar se os participantes possuíam conhecimentos básicos de cartografia e se havia interesse em conectar pautas identitárias gay ao mapeamento, com o objetivo de ampliar a visibilidade da comunidade. Para isso, os entrevistados foram orientados a elaborar um mapa mental, esclarecendo o propósito desse exercício.

O questionário e o mapa mental foram respondidos em meio digital (via smartphone),

porém em alguns casos (de dificuldade do entrevistado em responder remotamente), os entrevistados responderam de forma presencial. Os participantes foram informados que o mapa a ser realizado estava livre das formalidades exigidas em uma produção cartográfica cartesiana-convencional (escala, legenda, título, orientação), e a única exigência pedida foi a identificação e localização de todos os lugares de lazer gay em Madureira que o entrevistado soubesse da existência. Informou ainda, de maneira enfática aos entrevistados, que os mapas realizados por eles não seriam julgados como certos ou errados, bonitos ou feios. Mesmo assim, o julgamento pessoal limitou bastante a elaboração dos mapas mentais. Muitos entrevistados não realizaram o envio de suas produções alegando que suas criações não estavam boas o suficiente para serem apresentadas, outros pediram o envio prévio de um modelo para poderem se espelhar para realizar suas próprias produções e alguns outros alegaram que estavam sem tempo para realizar o mapa mental.

Deste modo, os dados coletados sobre o território, seja in loco (campo) ou de forma remota (WhatsApp), permitiu uma observação qualitativa, através de análise de conteúdo e do discurso, tal qual o viés quantitativo, devido a análise estatística. Em outras palavras, a pesquisa empírica permitiu a coleta e a análise de dados concretos, a identificação de padrões e tendências, além da compreensão das dinâmicas territoriais e das relações de poder. Além disso, a pesquisa empírica pode ajudar a ampliar a visibilidade de grupos marginalizados e estruturar políticas e intervenções que visem promover a justiça social.

A seguir, apresenta-se as informações coletadas:

- **Perfil dos entrevistados**

Nesta primeira seção do questionário, pode-se levantar algumas importantes observações com base nos dados obtidos sobre os frequentadores potenciais do lazer gay no bairro de Madureira. Os entrevistados em sua maioria possuem a cor de pele preta, e mesmo com todas as adversidades impostas pelo racismo estrutural, possuem uma escolaridade (em anos estudados) consideravelmente elevada. Quase a metade dos entrevistados possuem diploma universitário, ou ao menos, iniciaram uma graduação, não concluída. No entanto, a remuneração média salarial não reflete a escolaridade. Grande parte desses entrevistados têm rendimento médio mensal inferior aos R\$ 4.527,00 (3 salários mínimos). Dentro do universo dos usuários visitantes há um professor do magistério público da educação básica, com renda de R\$ 4.867,77 (exercício 2025).

A maior parte dos entrevistados estão entre 40 a 49 anos, indicando que eram frequentadores da Travessa Almerinda Freitas em seu ápice, nas quartas-feiras do início dos anos 2000. A via era repleta de jovens em toda sua extensão, ressaltando que muitos nem

sequer adentravam a boate Papa G, pois à época, a Travessa já era o evento em si. Local de interação e a troca de carinhos entre os homens gays permitidos em público, sem julgamentos e opressões. E para encerrar a análise da primeira seção, pode-se perceber que esses homens gays, bissexuais e pansexuais desempenham profissões com maior ou menor grau de machismo na sociedade, como, por exemplo, professor, produtor de eventos, auxiliar de cenografia; e do outro lado, mecânico de refrigeração e padeiro. Evidenciando assim, que para além do preconceito estabelecido pela heteronormatividade, há a presença dos gays em profissões que exigem mais do intelecto, até aquelas que exigem maior esforço físico.

- **Lugares de lazer gay em Madureira**

Pode-se verificar que a boate Papa G continua sendo o equipamento de lazer mais conhecido e frequentado do bairro de Madureira, por ser citado por quase a totalidade dos entrevistados. Entretanto, a abordagem de campo a esses entrevistados foi na porta da boate, o que pode influenciar no resultado. Cita-se ainda, um dado curioso, o Parque Madureira, mesmo não sendo um lugar de lazer exclusivamente gay, é citado por um dos entrevistados na busca por interação com outros homens. Tal dado, pode evidenciar que algum ponto do parque possa estar sendo utilizado para promover encontros entre homens gays. Aliás, há menções de espaços exclusivamente voltados para encontros sexuais: Show Bar e K7 Cabines. Os lugares são classificados como cruising bars, lugares que a luz ambiente é bem escura com a intenção de camuflar e ocultar rostos e corpos, permitindo assim uma interação sexual sem a necessidade de apresentações formais ou até mesmo dispensando a identificação dos amantes. Tais lugares são estruturados para permitir que encontros sexuais sejam realizados da forma que o usuário se sinta à vontade, desde a satisfação do auto prazer até a relação sexual em grupo.

Por serem lugares de propriedade privada, é comum a cobrança de algum valor para ter acesso a esses espaços. Segundo o relato dos frequentadores, a cobrança pode variar de uma entrada gratuita condicionada a um consumo mínimo no estabelecimento, até a cobrança do acesso por R\$ 70,00. Essa variação nos valores vai depender do perfil do estabelecimento e da festa que esteja sendo realizada nesses espaços. Por ser um acesso condicionado ao pagamento de uma quantia em dinheiro, a maioria dos frequentadores entrevistados só vão uma vez ao mês, ou não possuem uma frequência certa. Portanto, esse tipo de lazer pode estar impactando o orçamento desses homens, limitando assim, a frequência aos locais. Outro dado relacionado ao orçamento financeiro dos entrevistados, é a partir do acesso ao bairro de Madureira. A maioria utiliza o meio de transporte público/coletivo, principalmente ônibus e trem. O carro de aplicativo é citado em menor quantidade. Ressalta-se, que um dos

entrevistados acessa o bairro caminhando, o que pode evidenciar ainda mais o impacto do custo do transporte e para entrar nos equipamentos de lazer. Mais um dado que reforça a hipótese é que para grande parte dos entrevistados, a escolha em frequentar os lugares de lazer gay de Madureira se dá pela proximidade de suas residências. Algo que pode ser relacionado à economia de custos. Isto porque, há outros espaços de lazer gay na cidade do Rio de Janeiro, como nos bairros de Copacabana, Ipanema, da Lapa e até mesmo na área central.

É importante expor, que para a maioria dos entrevistados, os lugares de lazer gay de Madureira são considerados de fácil acesso e locais seguros, apesar de haver quase um empate numérico nos dados que questiona se há policiamento na proximidade desses espaços.

Ressalta-se aqui, alguns questionamentos que poderão ser aprofundados em pesquisas futuras. Por exemplo, como ocorre a segurança dos frequentadores, por meio de uma rede de proteção própria (do grupo) ou há equipamentos com segurança privada.

Além da proximidade da residência e sensação de segurança, os frequentadores relataram que entre as maiores motivações da ida à Madureira está a busca por diversão e encontros sexuais, reiterando assim, que muitos desses estabelecimentos surgem e se organizam exclusivamente para permitir que o desejo sexual seja realizado em suas dependências de forma segura e privada, preservando a identidade anônima dos frequentadores. Os cruising bars, o Show Bar e K7 Cabines são exemplos desse tipo de lazer em Madureira.

Por fim, as respostas deixam claro que para os frequentadores a noção de lazer é múltipla. A maioria tem como ideia o lazer, algo relacionado ao social, desempenhado através de atividades que visam interagir com outras pessoas, trabalhando a sociabilidade. Viu-se essa percepção quando se tem respostas como: o lazer na conversa entre amigos (socialização) e o ato de dançar (diversão). Outra noção de lazer que aparece nas respostas é o lazer de interesse artístico, ao se realizar atividades que visam relaxar e descansar relacionadas ao ato de ouvir música. O lazer físico e turístico também foi citado quando o entrevistado cita que lazer é ir à praia, podendo ser na própria cidade (lazer físico, descanso), ou deslocamento para espaços diferentes do cotidiano, que tenham distância (estadia, deslocamento) e, portanto, custo maior.

Cita-se ainda, caminhadas e outras práticas corporais (lazer físico, social), os quais podem ser realizados em equipamentos específicos de lazer (academia; aparelhos de ginástica, quiosques e trilha no parque de Madeira) e equipamentos não específicos de lazer (Travessa Almerinda Freitas). Em outras palavras, levantou-se as possibilidades em equipamentos de lazer para os gays dentro do Parque Madureira, na boate Papa G, os cruising bars Show Bar e K7 Cabines, que permitem promover uma socialização e a construção de amizades.

● Políticas públicas e identitárias

A terceira seção busca entender se o surgimento de equipamentos de lazer gay, a promoção de festas e a realização de passeatas do orgulho LGBTQIAPN+ no bairro de Madureira foi suficiente para influenciar na construção de políticas públicas que visam promover a visibilidade das pautas identitárias nos frequentadores desses espaços.

As opiniões se dividiram em relação a esse assunto. Para 5 dos 11 entrevistados, frequentar lugares de lazer gay não influenciam em nada para o fortalecimento das causas LGBTQIAPN+. Todavia, para os demais entrevistados, ocupar tais espaços fortalece a luta do movimento gay devido a diversos fatores, inclusive como importância econômica, já que o bairro pode se beneficiar dos gastos que os homens gays realizam em Madureira, em equipamentos gays, mas também em serviços e equipamentos em geral. O significativo poder de compra da comunidade LGBTQIAPN+ pode vir a impactar diretamente o comportamento de empresas e governos.

Para alguns entrevistados é um ato de resistência, pois esses lugares contribuem para o combate às opressões que a comunidade gay sofre cotidianamente, ao permitir que homens que possuem uma orientação sexual que escapa a heteronormatividade sejam livres para explorar sua sexualidade sem julgamentos. Outros entrevistados consideram esses espaços importantíssimos devido às experiências vivenciadas, que contribui para a formação de uma identidade positiva. Portanto, que esses frequentadores dos espaços de lazer em Madureira não estejam relegados a guetos marginalizados, ao contrário, que sejam espaços onde os indivíduos possam encontrar liberdade, felicidade, respeito, segurança, acolhimento, e acima de tudo, um lugar para chamar de seu.

Um ponto comum nas respostas dos entrevistados, é que esses lugares precisam de um olhar mais cuidadoso, ou seja, precisam de um melhor policiamento, melhorias na infraestrutura do entorno dos espaços como o aprimoramento da iluminação pública e o cumprimento das normas básicas exigidas por instituições, como o corpo de bombeiros e a vigilância sanitária.

Lembrando aqui, o relato da pioneira na luta dos direitos LGBTQIAPN+ em Madureira, Loren Alexander, citado na parte inicial do trabalho. A baixa e insuficiente iluminação pública de algumas ruas no bairro de Madureira, foi o alicerce e suporte para que surgissem os territórios gays no bairro, por permitir anonimato e discrição para seus frequentadores. No entanto, os tempos são outros e a dinâmica social se transformou, e se faz necessário ações por parte do governo, e até mesmo por parte dos empresários no tocante a políticas de promoção de equidade, de visibilidade e de segurança. Atuando mais com

campanhas de promoção a saúde física e mental, inclusive promovendo ações que facilitem a entrada dessa população a melhores qualificações profissionais que proporcione remunerações salariais compatíveis com a escolaridade alcançada. Além do aumento da frequência da ronda por viaturas da polícia para inibir ações violentas que ocorrem nas proximidades dos lugares de lazer gay. Algo denunciado nas respostas ao questionário, que alguns usuários visitantes só se sentem seguros somente dentro dos espaços.

- **Noções de cartografia e os mapas mentais**

Na quarta e última seção do questionário, foram feitas perguntas para sondar qual era o grau de conhecimento cartográfico dos entrevistados, no intuito de desenvolver uma melhor condução da dinâmica da construção dos mapas mentais por parte dos frequentadores.

Pode-se afirmar que todos os entrevistados responderam positivamente ao saber se localizar no mapa, e muitos enfatizaram que se utilizam com frequência de mapas digitais, como representações cartográficas geradas por aplicativo de localização para smartphone, como, por exemplo, o “Waze”, para chegar a um determinado local. Um dos entrevistados ressaltou que além dos mapas digitais, também faz uso cotidianamente de mapas analógicos. Para a maioria, é importante a divulgação dos lugares de lazer gay nos mapas. Justificando que tal ação, ajuda a evidenciar para todos os indivíduos que esses locais também existem, fortalecendo a rede de proteção da comunidade gay ao fazer com que o número de frequentadores aumente, fortalecendo o movimento gay propriamente dito, contribuindo também com a expansão desses espaços, nem que seja através do marketing. Não houve unanimidade na conceituação do que é o mapa, nesse caso, as respostas variaram muito. Contudo, todas as respostas convergiram para um consenso: o mapa serve como um importante instrumento de localização.

3.2 - Produto cartográfico: um mapa para o lazer de Madureira LGBTQIAPN+

O desenvolvimento de mapas mentais é uma estratégia cognitiva eficaz para a organização dos pensamentos, planejamento de ações e fortalecimento da identidade pessoal e coletiva. Para pessoas gays que vivem em contextos marginalizados, essa ferramenta pode desempenhar um papel crucial na construção de resistência, na elaboração de políticas afirmativas e no fortalecimento das redes de apoio. A pesquisa discute a importância dos mapas mentais como instrumentos para que se haja visibilidade das pautas identitárias da comunidade gay de Madureira. Analisando assim implicações e auxiliando na construção de trajetórias de enfrentamento às opressões. Pessoas LGBTQIAPN+ que habitam e frequentam espaços de marginalização (guetos) frequentemente enfrentam desafios relacionados à

exclusão social, à precariedade econômica e à violência simbólica e física.

Diante desse cenário, a necessidade de desenvolver estratégias para sobreviver a esse ambiente hostil torna-se fundamental. Os mapas mentais, enquanto representações gráficas da cognição, permitem que indivíduos organizem ideias, tracem planos e compreendam suas possibilidades de ação de maneira mais objetiva. Nesse trabalho de pesquisa, os mapas mentais assumiram funções essenciais como o autoconhecimento e a formação de identidade. O mapeamento da própria identidade é uma ferramenta poderosa para o fortalecimento emocional, permitindo a visualização de aspectos de vivência gay que se interrelacionam com outras dimensões da subjetividade, como etnia, classe e território. Em ambientes hostis, a criação de mapas mentais auxilia no planejamento de trajetórias seguras com a identificação de espaços seguros ou não, auxiliando na formação de redes de apoio. A construção e organização de redes de apoio pode contribuir para a criação de estratégias de sobrevivência e resistência coletiva, ampliando o acesso a oportunidades e fortalecendo laços de solidariedade. Em suma, o uso de mapas mentais por pessoas gay em contextos marginalizados representa uma estratégia poderosa para fortalecer o pensamento crítico e a autonomia. Ao permitir uma visão clara das possibilidades e obstáculos, essa ferramenta se torna um recurso de resistência e empoderamento, contribuindo para a construção de trajetórias mais seguras e dignas (Buzan, 1996).

Pessoas LGBTQIAPN+ em contextos de vulnerabilidade frequentemente enfrentam exclusão social, dificuldades de acesso a oportunidades e violência. Para lidar com esses desafios, o desenvolvimento de estratégias cognitivas e organizacionais torna-se essencial. O uso de mapas mentais como ferramenta de planejamento e autoconhecimento pode desempenhar um papel fundamental na estruturação de trajetórias mais seguras e na promoção do bem-estar psicossocial. Este estudo teve como proposta a análise de mapas mentais desenvolvidos por frequentadores de espaços de lazer gay do bairro de Madureira, identificando padrões e reflexões sobre suas vivências. A pesquisa utilizou abordagem qualitativa para a análise das entrevistas e dos mapas mentais. Os mapas foram analisados de forma categorial, considerando elementos recorrentes, buscando identificar padrões comuns e sua significação dentro do contexto social dos participantes. Demonstrando que os mapas mentais representam um recurso valioso para a análise territorial.

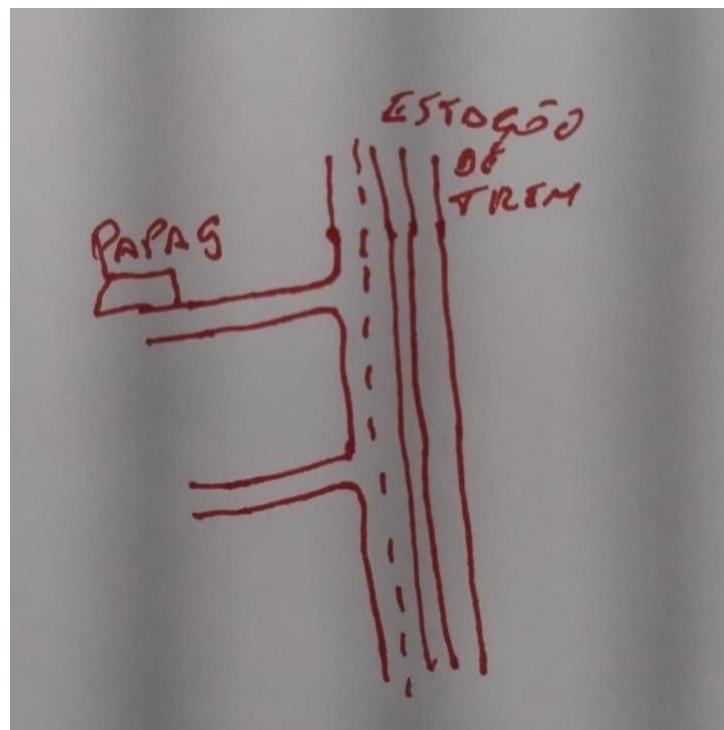
Portanto, o trabalho investiga como a produção de mapas mentais por indivíduos gays em contextos de marginalização social pode contribuir para a construção de identidade positiva. Assim, os mapas mentais servirão como ferramenta para auxiliar na organização do pensamento, e consequentemente, na construção de estratégias reivindicatórias de políticas

públcas e no fortalecimento de identidade no território.

A partir daí, por meio de entrevistas estruturadas, os entrevistados elaboraram seus próprios mapas mentais. E ao final, a partir das entrevistas e do desenvolvimento dos mapas mentais, será produzido um mapa para o lazer e turismo do bairro de Madureira, reforçando a presença da comunidade LGBTQIAPN+ no território.

Figura 70 - Mapa mental elaborado por frequentador

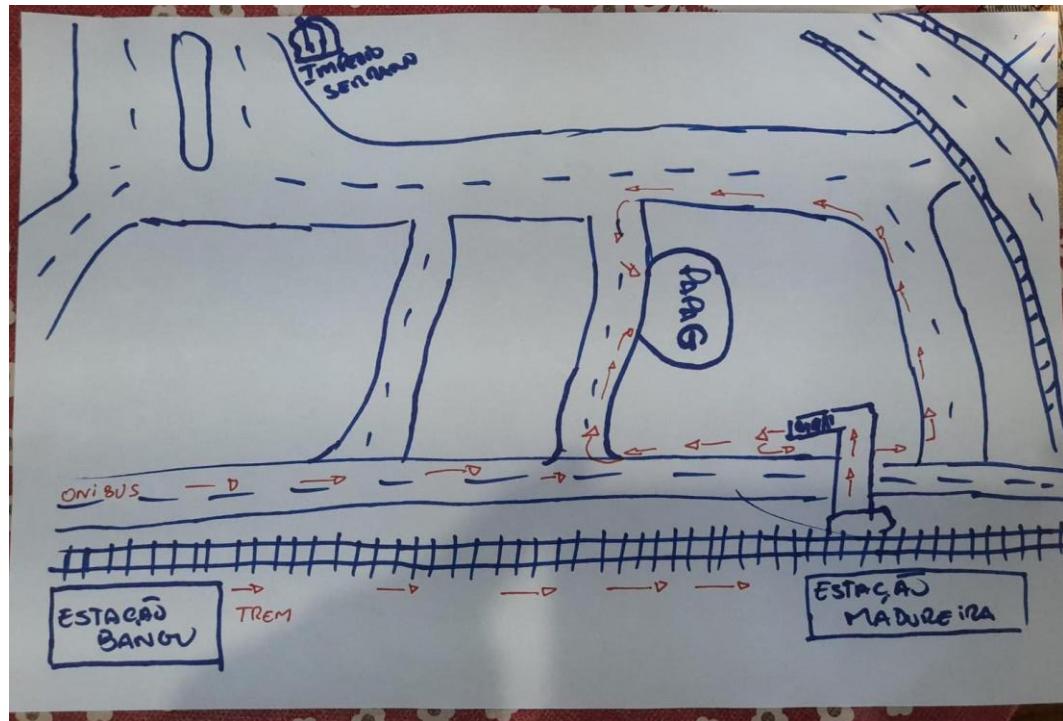
26 anos, morador de Padre Miguel e instrumentador cirúrgico



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 71 - Mapa mental elaborado por frequentador

36 anos, morador de Bangu e assistente terapêutico



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Figura 72 - Mapa mental elaborado por frequentador

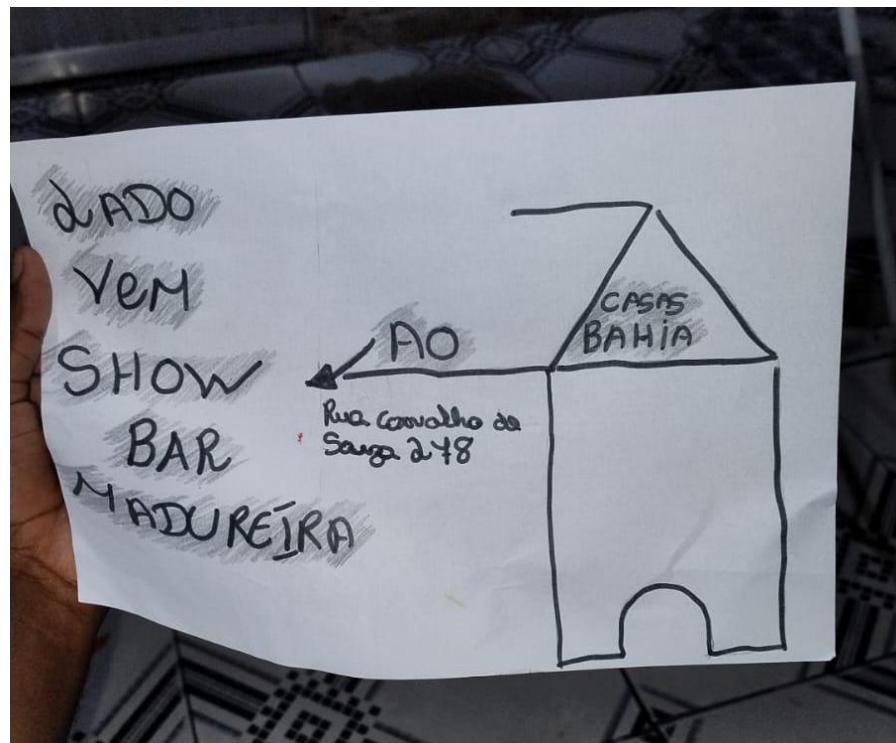
23 anos, morador de Madureira e produtor de eventos



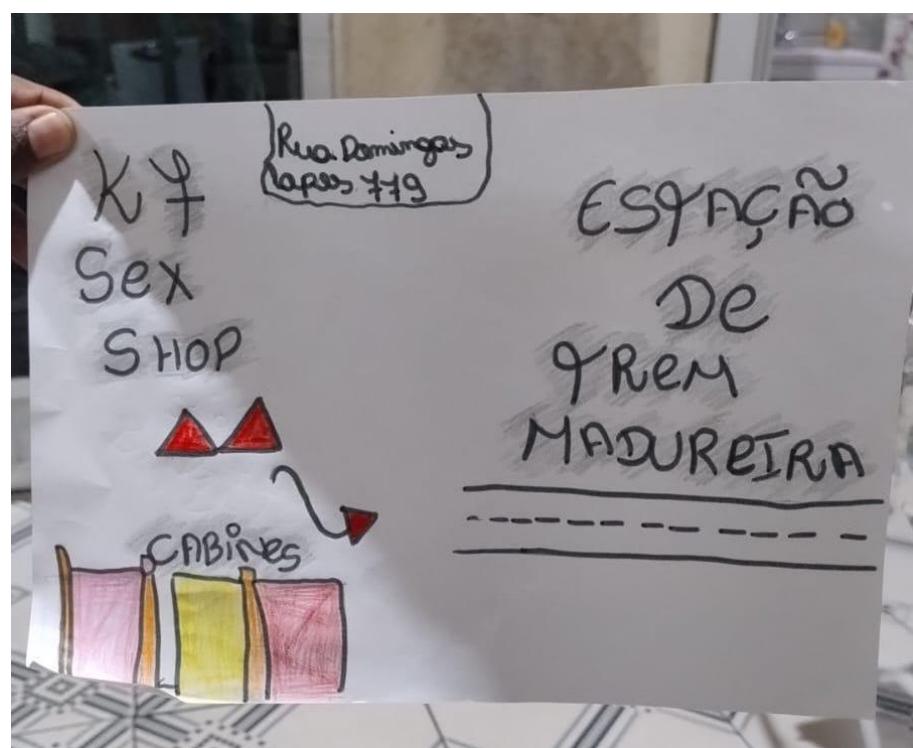
Fonte: Acervo pessoal (2025)

Figuras 73 e 74 - Mapas mentais elaborados de frequentador

47 anos, morador de Coelho Neto e professor



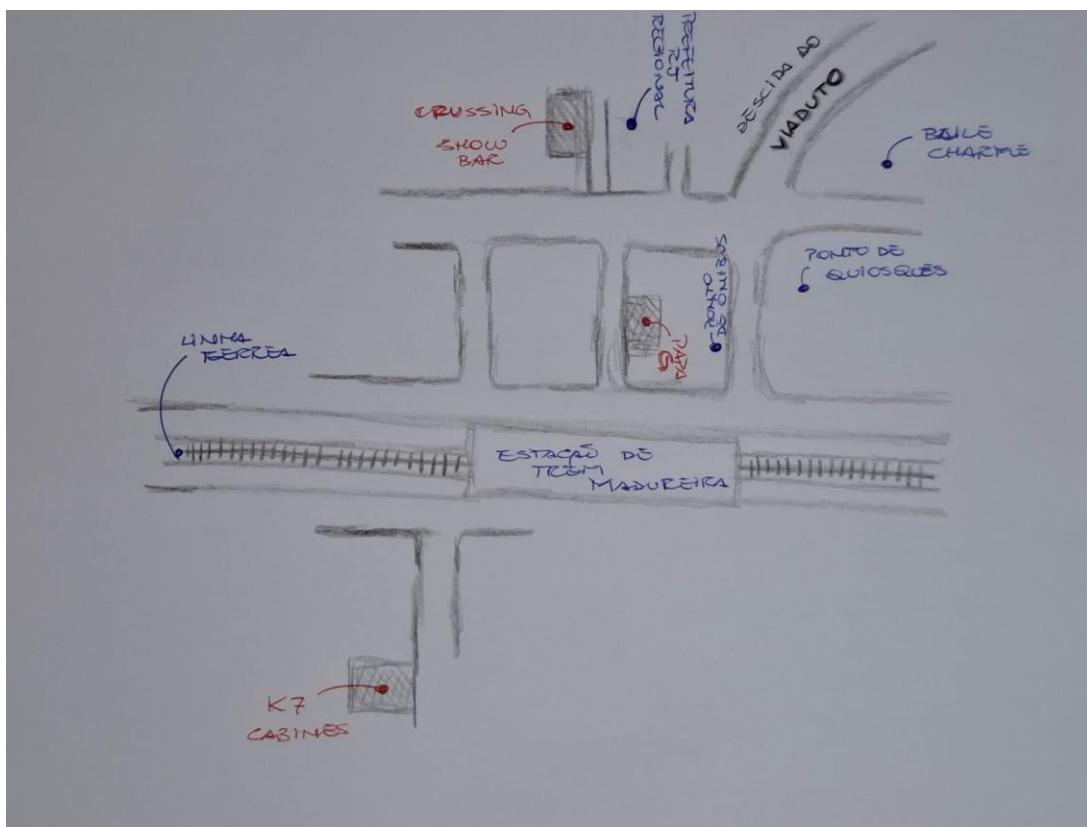
Fonte: Acervo pessoal (2025)



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Figura 75 - Mapa mental elaborado por frequentador

44 anos, morador de Coelho Neto e engenheiro



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Os mapas mentais desenvolvidos pelos entrevistados apresentaram diversos elementos, tais como: a localização dos principais pontos de lazer gay no bairro, apontaram outras localidades de lazer em Madureira, como por exemplo a quadra do G.R.E.S. Império Serrano e o baile charme debaixo do viaduto Negrão de Lima. Localizaram também os principais pontos de referências do bairro, sobretudo a linha férrea e a estação do bairro, sobressaindo em todos os mapas dando ênfase assim na mobilidade urbana que o bairro possui. Além disso, os mapas permitiram um melhor entendimento da cognição que esses indivíduos possuem sobre o território do bairro ao expressarem visualmente suas subjetividades através do uso de cores e símbolos para representar suas vivências permitindo reflexões sobre identidade e pertencimento. Evidenciando que os mapas mentais são ferramentas eficazes para a organização do pensamento e a estruturação da visibilidade de tais localidades. Fortalecendo as pautas identitárias de pessoas gays em contextos de marginalização. A representação visual da subjetividade auxiliou no entendimento das experiências, dos pensamentos e dos sentimentos individuais. À vista disso, os mapas mentais permitiram que os sujeitos expressassem suas subjetividades de maneira única e pessoal.

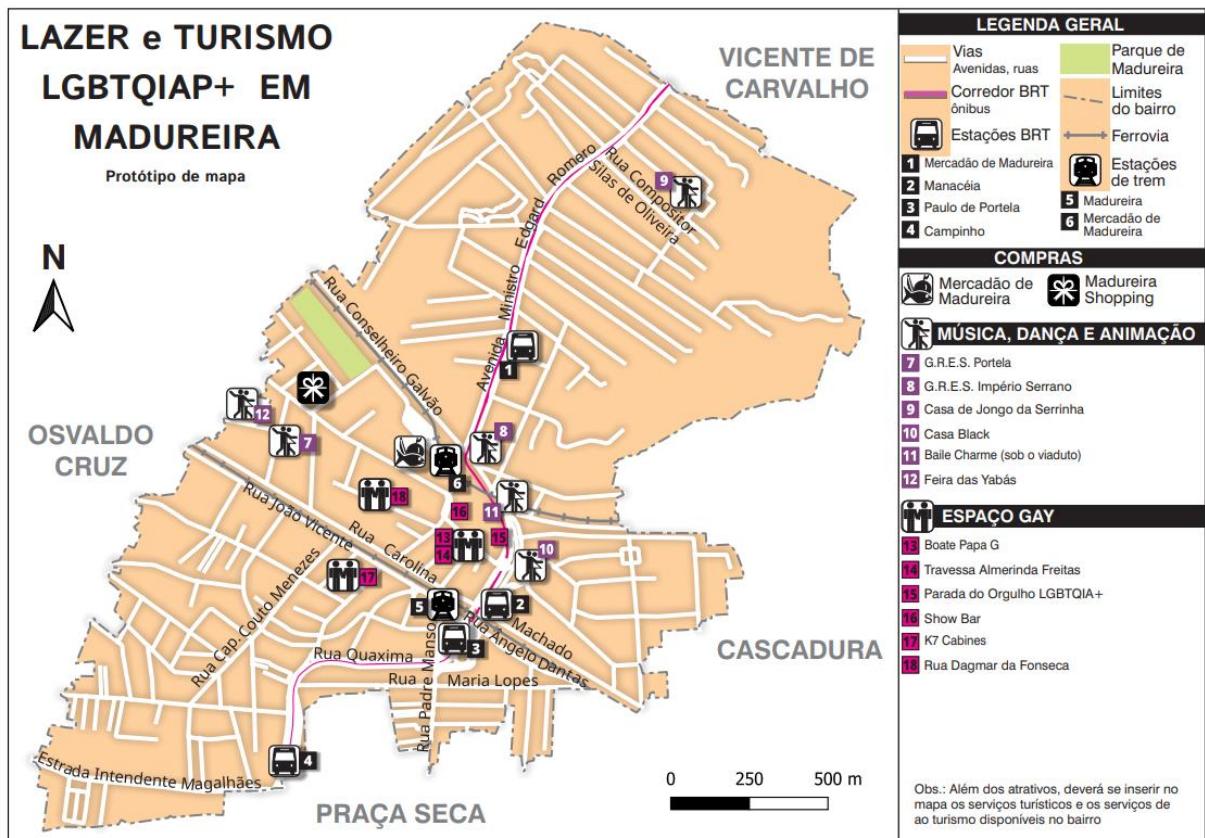
Essas produções cartográficas foram elaboradas através de um processo de reflexão e introspecção, no qual o sujeito identificou e organizou suas ideias, seus pensamentos e seus sentimentos de maneira visual. Relembrando que a subjetividade é um conceito complexo que se refere à experiência individual e pessoal do mundo. Ela é influenciada por fatores como a cultura, a história, a sociedade e a biografia individual.

A representação visual da subjetividade por intermédio de mapas mentais é uma forma de expressar essa experiência individual de maneira concreta e sensível. De tal forma, as análises dos mapas mentais produzidos pelos entrevistados permitiram identificar quais são os espaços de lazer gay em Madureira e onde eles se localizam. Espera-se que para aqueles que participaram desta pesquisa a dinâmica da construção dos mapas tenha contribuído para que tais sujeitos tenham desenvolvido uma maior compreensão de suas próprias necessidades, desejos e contribuição social.

A figura 76 apresenta uma versão inicial de um mapa para o lazer e turismo do bairro de Madureira, baseadas em todas as informações colhidas durante o trabalho.

O mapa foi realizado na versão convencional-cartesiana (título, escala, legenda, orientação), com símbolos abstratos (legenda geral) e pictóricos, mais precisamente, pictogramas, que representam atrativos, serviços turísticos e de apoio ao turismo e infraestrutura básica do bairro de Madureira.

Figura 76 - Mapa sobre o Lazer e turismo LGBTQIAP+ em Madureira



Fonte: Acervo pessoal (2025)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa se propôs a analisar o direito e as possibilidades de lazer de homens gays no bairro de Madureira, Rio de Janeiro, sob a perspectiva dos direitos humanos e da inclusão social. Investigou-se como o acesso ao lazer ocorre em um bairro historicamente marcado pela cultura popular e quais são os desafios enfrentados pela população LGBTQIAPN+ em uma sociedade tradicionalmente heteronormativa.

O direito ao lazer é um componente essencial dos direitos sociais, e está relacionado intimamente à dignidade humana e ao bem-estar previsto na Constituição Federal de 1988. No entanto, a população LGBTQIAPN+, mais especificamente os homens gays, enfrentam desafios para acessar espaços de lazer de forma segura e sem discriminação de forma geral, e também no bairro de Madureira, um bairro do subúrbio carioca conhecido por sua cultura vibrante, pelo samba e pelo comércio popular. Assim, o trabalho buscou compreender como os homens gays vivenciam o lazer em Madureira, e quais são os desafios e avanços nesse contexto. De alguma forma, para a comunidade gay em Madureira, o lazer também assume uma dimensão de resistência, pois muitos espaços de socialização ainda são marcados por preconceitos. Além do mais, compreendeu-se que a segregação espacial, indicou que a exclusão da população LGBTQIAPN+ em ambientes de lazer remete a desigualdades estruturais da sociedade.

O espaço social é estruturado por relações de poder e os corpos dissidentes frequentemente enfrentam barreiras para acessar locais de lazer. Em bairros como Madureira, essas barreiras exigem que se crie estratégias de pertencimento ou que busquem alternativas inclusivas, como as feitas pelo MGTT liderado por Loren Alexsander que culminou nos encontros semanais na Travessa Almerinda Freitas no início dos anos 2000. Porém, a presença de discursos conservadores pode ter dificultado a sobrevivência de alguns espaços de lazer abertamente LGBTQIAPN+ no bairro.

Apesar dos desafios, a população gay de Madureira tem encontrado formas de resistência e ocupação de espaços de lazer. Algumas estratégias incluem: a socialização em bares, eventos mais inclusivos, criação de eventos e festas voltadas ao público LGBTQIAPN+, a apropriação de espaços públicos como a Travessa e o Parque Madureira e o uso de aplicativos e redes sociais para fortalecer redes de apoio e promover eventos seguros.

O direito ao lazer para homens gays em Madureira ainda enfrenta desafios a barreiras sociais, culturais e financeiras. No entanto, há avanços na ocupação de espaços e na construção de alternativas de lazer mais inclusivas. A valorização da diversidade e a

promoção de políticas públicas voltadas ao lazer da população LGBTQIAPN+ são essenciais para garantir que o direito ao lazer seja efetivo para todos. Corroborando com esse entendimento deve-se frisar que o lazer é um elemento essencial para a qualidade de vida e o desenvolvimento pessoal, pois permite não apenas a diversão, mas também o fortalecimento de identidades e a construção de redes sociais.

Investigou-se como os diferentes tipos de interesses de lazer se manifestam entre a comunidade gay de Madureira, e como os equipamentos específicos e não específicos de lazer podem contribuir para o descanso, diversão e desenvolvimento pessoal dessa população. Para isso, abordou-se a distinção entre equipamentos de lazer voltados especificamente ao lazer e os não especificamente voltados para o lazer, explorando suas funções e impactos na experiência da comunidade gay. Contribuindo assim, para o fortalecimento da identidade e autoestima, na construção de redes de apoio, no desenvolvimento cultural e na promoção da saúde mental e física.

A cidade é um espaço dinâmico e em constante transformação, onde diferentes grupos sociais disputam e ressignificam territórios. Para a comunidade gay, a ocupação de espaços de lazer nem sempre é formalizada em registros cartográficos tradicionais, tornando essencial o uso de ferramentas alternativas para documentar e compreender esses locais. Por isso, a pesquisa utilizou os mapas mentais como instrumento relevante para essa tarefa. Isto porque, esse tipo de mapa tem a capacidade de refletir percepções subjetivas dos sujeitos, que se utilizam em grande parte de símbolos figurativos, pictóricos (com menor grau de abstração da realidade), permitindo o desenvolvimento de representações espaciais mais acessíveis ao público leigo em cartografia, contribuindo para a comunicação e a valorização da diversidade.

Neste contexto, ao se considerar que o surgimento de territórios de lazer gay ocorrem muitas vezes de forma não oficial e sujeita a mudanças constantes, os mapas mentais surgem como um instrumento fundamental para registrar, organizar e interpretar essas dinâmicas espaciais. A pesquisa explorou como essas ferramentas ajudaram a expressar a subjetividade dos indivíduos de maneira visual. Tais produções permitiram os sujeitos expressarem suas subjetividades de maneira única e pessoal, organizando suas ideias e seus pensamentos, desenvolvendo uma maneira de comunicação mais eficaz. Explorando sua aplicação em diferentes contextos, os mapas mentais, auxiliam na compreensão de si mesmo e do mundo ao seu redor. Como por exemplo, identificar os espaços de lazer mais acessados, além de revelar os desafios enfrentados na ocupação do território.

A construção de mapas mentais por homens gays que frequentam espaços de lazer gay em Madureira permitiu revelar quais são os principais locais de lazer frequentados pela

comunidade gay do subúrbio carioca, descrever rotas seguras e apontar estratégias de mobilidade urbana. Ao mapear esses elementos, é possível compreender como a comunidade gay interage com o bairro, identificando oportunidades para o fortalecimento dos espaços de convivência inclusivos através da visibilidade, do combate a estigmas e a preconceitos, pela divulgação de informações seguras sobre os locais de lazer. Além de dar balizamento a políticas públicas e iniciativas comunitárias. Diante deste propósito, conclui-se que essas ferramentas não apenas documentam os lugares de lazer, mas também atuam como instrumentos de comunicação social, promovendo a inclusão e a valorização da diversidade. Refletindo desta forma a pluralidade das experiências vividas pela população gay de Madureira.

Por fim, o desenvolvimento de um mapa para o lazer para o bairro de Madureira, baseado nos mapas mentais é importante pois possibilita uma representação mais subjetiva e significativa dos espaços urbanos a partir da perspectiva dos próprios moradores e frequentadores de Madureira. Essa abordagem contribui para uma valorização das práticas cotidianas, das memórias e das identidades locais, indo além dos tradicionais roteiros formatados por instituições oficiais.

A utilização de mapas mentais permite identificar os lugares que são efetivamente vividos e significativos para a população, revelando pontos de encontro, espaços de sociabilidade, referências culturais e trajetos usuais. No caso específico de Madureira, um bairro marcado por intensa atividade cultural, essa metodologia contribui para o reconhecimento e promoção de um turismo mais autêntico e inclusivo.

Além disso, ao incorporar essas percepções no planejamento urbano e nas políticas públicas para o lazer, fortalece-se o sentimento de pertencimento comunitário. Tal mapa pode funcionar como instrumento de preservação dos bens culturais existentes no bairro. Portanto, o mapeamento mental aplicado ao lazer em Madureira configura-se como uma ferramenta estratégica tanto para a valorização cultural quanto para a dinamização econômica do bairro, articulando saberes locais e políticas de desenvolvimento territorial.

Ao longo de todo o desenvolvimento da pesquisa frisou-se a importância e a urgência da preservação dos bens culturais gays existente em Madureira para que haja o reconhecimento da diversidade, a conservação da memória coletiva, o fortalecimento da identidade cultural, o incentivo a educação para a desconstrução do preconceito, a proteção dos espaços de resistência e o fomento da justiça social. Porém, na última ida à campo, realizada no dia 14 de abril de 2025, foi com surpresa, lástima e consternação que o pesquisador se deparou com placas defronte a fachada da boate Papa G anunciando o aluguel

ou a venda do imóvel. Esse fato evidencia uma tendência preocupante de apagamento dos espaços de sociabilidade e resistência construídos historicamente por grupos marginalizados, como é o caso da população LGBTQIAPN+. A boate Papa G não era apenas um estabelecimento de entretenimento noturno, mas um verdadeiro espaço de afirmação identitária, segurança afetiva, memória coletiva e expressão cultural. Seu fechamento representa uma perda significativa para o patrimônio imaterial da cidade, revelando a fragilidade das políticas de proteção e valorização de territórios de diversidade.

O fechamento de espaços como a boate Papa G impõem à comunidade LGBTQIAPN+ desafios para pensar estratégias para salvaguardar esses locais, reconhecidamente ricos em valor sociocultural. A ausência de políticas que garantam a continuidade dessas vivências urbanas resulta em uma homogeneização dos territórios, apagando narrativas que não se alinham ao modelo dominante da sociedade.

Assim, a boate Papa G deve ser compreendida como parte de uma rede de lugares de resistência cultural que sustentam a memória viva da comunidade LGBTQIAPN+. E sua preservação - ainda que simbólica ou documental - é fundamental para a construção de uma cidade mais plural, inclusiva e consciente da diversidade que a constitui - direito à cidade. A perda de um espaço como este não é apenas física, mas representa um retrocesso no reconhecimento e no respeito às múltiplas formas de existir e ocupar a cidade (Figuras 77 A, B, C).

Figura 77 - Boate Papa G, segunda-feira, 14 de abril de 2025

A - Placa de aluga defronte a fachada



Fonte: Acervo pessoal (2025)

B - Placa de vende ou aluga defronte a fachada

Fonte: Acervo pessoal (2025)

C - Fachada da boate Papa G

Fonte: Acervo pessoal (2025)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACONTECE LGBTI+. Observatório de mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil do Grupo Gay da Bahia.** [S. I.]: Grupo Gay da Bahia, 2023.
- AGUIÃO, Silvia. Sapatão não! Eu sou mulher de sapatão! Homossexualidades femininas em um espaço de lazer do subúrbio carioca. In: *Gênero*, v.9, n.1, p.293-310, Niterói, 2008.
- ALIANÇA NACIONAL LGBTI+. Página inicial.** [S. I.]: Aliança Nacional LGBTI+. Disponível em: <<https://aliancalgbti.org.br/>>. Acesso em 26 de jul. de 2023.
- ALMEIDA, Vinicius Santos. **Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência aos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo.** 2019. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- ARCHELA, R. S. Abordagens da cartografia na segunda metade do século XX. *Periódicos RC*, v.32, n. 2, p.275-294, Rio Claro, 2007.
- AUSTER TECNOLOGIA. **Sensoriamento remoto.** [S. I.]: Auster Tecnologia. Disponível em: <<https://www.austertecnologia.com/single-post/sensoriamento-remoto>>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- BACAL, Sarah. *Lazer e o universo dos possíveis*. São Paulo, Aleph, 2003.
- BARRETO, Rafael Chaves Vasconcelos. Geografia da diversidade: Breve análise das territorialidades homossexuais no Rio de Janeiro. *Revista Latino-americana de Geografia e gênero*, v. 1, n. 1, p. 14-20, Ponta Grossa, 2010.
- BONNEMaison, Joel. Viagem em torno do território. *L'Espace Géographique*, Paris, v.10, n. 4, p. 249-262. 1981.
- BRITO, João Felipe Pereira. **A Construção Estratégica do Bairro Madureira na Cidade Olímpica: novas espacialidades, temporalidades e conflitos no Rio de Janeiro dos megaeventos.** 2016. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- BRABA [Nome da Festa/Página]. **@brabafesta.** Instagram: [S. I.], 2025. Disponível em: <<https://www.instagram.com;brabafesta?igsh=MTFoeGhxcHp1YXJqOA==>>. Acesso em: 14 abr. 2025.
- BUZAN, T. *The Mind Map Book: Unlock your Creativity, Boost your Memory, Change your Life.* [S. I.]: BBC Active, 1996.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Qual a novidade dos rolezinhos?: Espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. *Revista Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n. 98, p. 13, 2014.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34, 2014.

- CÂMARA, Cristina. **Um olhar sobre a história do ativismo LGBT no Rio de Janeiro.** 2015. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. *O que é Lazer*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CAMPOS, A. C. . *Cartografia Básica*. Aracaju: CESAD-UFS, 2010.
- CARNAVALIZADOS. Quadra do Império Serrano se torna patrimônio imaterial do Rio de Janeiro.** Disponível em: <<https://carnavalizados.com.br/noticias/quadra-do-imperio-serrano-se-torna-patrimonio-imaterial-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- CASTELLAR, S. M. V. Cartografia escolar e o pensamento espacial fortalecendo o conhecimento geográfico. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, v. 7, n. 13, p. 207-232, 2017.
- CASTELLAR, S. M. V. *O letramento cartográfico e a formação docente: o ensino de Geografia nas séries iniciais*. São Paulo: EdUSP, 2005.
- COSTA, Benhur Pinós da. Interculturalidade e Geografia: Um debate espacial das relações culturais. In: *GEOgraphia*, vol.19, nº39, p.41-52, Niterói, 2017.
- COSTA, Benhur Pinós da, HEIDRICH, Álvaro Luiz. Além da sociedade - Os dramas e os conflitos do espaço social: O exemplo das micro territorializações homoeróticas. IN: **IX Colóquio Internacional de Geografia**, Porto Alegre, 2007.
- COSTA, Frederico Alves, MACHADO, Frederico Viana, PRADO, Marco Aurélio Maximo. Participação política e experiência homossexual: dilemas entre o indivíduo e o coletivo. *Interam J. Psychol.* v.42, n.2. Porto Alegre, ago. 2008.
- DE OLIVEIRA, I. J. A Cartografia aplicada ao planejamento do turismo. *Boletim Goiano de Geografia*, v. 25, n. 1-2, p. 30-46, Goiás, 2005.
- DORFMAN, Adriana. Atualizando os sentidos de território e territorialidade. *Boletim Gaúcho de Geografia*, n.38, p. 215-217, Porto Alegre, 2012.
- DUARTE, P. A. Fundamentos de Cartografia. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008, p. 15.
- DUMAZEDIER, Joffre. *A revolução cultural do tempo livre*. São Paulo: Studio Nobel, 1994.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUMAZEDIER, Joffre. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo, Perspectiva, 2008.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020.
- EXTRA. Banheiro para gays na quadra da Unidos da Tijuca cria polêmica.** *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 2011. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/carnaval/banheiro-para-gays-na-quadra-da-unidos-da-tijuca-cria-polemica-813163.html>>. Acesso em: 29 maio 2025.

FIORI, Sérgio Ricardo. Arte pictórica e Cartografia Turística: a eficácia e a ludicidade dos mapas de orientação para o visitante. *Revista Geografia, Literatura e Arte*, v. 2, n. 1, p. 51-76, 2020.

FIORI, Sérgio Ricardo. Cartografia e as dimensões do lazer e turismo: O potencial dos tipos de representação cartográfica. *Revista Brasileira de Cartografia*, n. 62/03, p. 527-541, São Paulo, 2010.

FIORI, Sérgio Ricardo. Mapa turístico para o Centro Municipal Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas: importância do produto e método para desenvolvimento e uso. In: **Territórios culturais no Rio de Janeiro: a Feira de São Cristóvão**. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. p. 282-316.

FIORI, Sérgio Ricardo. **Mapas para o turismo e a interatividade: Proposta teórica e prática**. 2007. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FIORI, S. R. O desenho ilustrativo no Ensino de Geografia: experiências anteriores e a formação docente na Baixada Fluminense. In: MENDES, Laura Delgado (Org.). **GE10 ANOS: Reflexões, contribuições e perspectivas da Geografia no Instituto Multidisciplinar da UFRRJ**. Porto Alegre: Editora Fi, 2021. p. 227-260.

FOUCAULT, Michel. O corpo utópico, Asheterotopias. Tradução. Salma Tannus Muchail. São Paulo, 2013.

FRAGA, Annelise Caetano, SANTOS, Miriam de Oliveira. Madureira, capital dos subúrbios (1940-1960): carnaval e comércio na produção de uma comunidade imaginada. *Revista Iluminuras*, v. 16, n. 37, p.11-31, Porto Alegre, 2015.

FRASER, Nancy. O velho está morrendo e o novo não pode nascer. In: _____. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer**. São Paulo: Autonomia Literária, 2020. p. 33-68.

FREITAS, Laleska Costa de, JUNIOR, Nilton Abrantes e NETO, Arthur Marques de Almeida. Territorialidades LGBT no Rio de Janeiro: Uma análise a partir das distintas paradas. IN: **XIX Encontro Nacional de Geógrafos**, João Pessoa/PB, 2018.

GGN. **A história dos rolezinhos LGBT em Madureira, há 15 anos atrás**. GGN. Disponível em: <<https://jornalgn.com.br/cidadania/a-historia-dos-rolezinhos-lgbt-em-madureira-ha-15-anos-atras/>>. Acesso em 26 jul. 2023.

GIOVANINI, Adenilson. **SIG: Sistema de Informação Geográfica**. [S. I.]: Disponível em: <<https://adenilsongiovanini.com.br/blog/sig-sistema-de-informacao-geografica/>>. Acesso em: 18 jan.2025.

G.R.E.S PORTELA. **FIM DE SEMANA SERÁ REPLETO DE ATRAÇÕES NA QUADRA DA PORTELA**. Disponível em:

<<http://gresportela.com.br/Noticias/Detalhes/fim-de-semana-sera-repleto-de-atracoes-na-quadra-da-portela>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

HISTÓRIA MUNDI. Disponível em: <<https://histormundi.blogspot.com/2018/03/tabua-peutinger-o-mapa-mundi-da-roma.html>>. Acesso em: 21 nov. 2024.

HISTÓRIA MUNDI. Tábua Peutinger: o mapa-múndi da Roma Antiga, 22 mar 2018. Disponível em: <<https://histormundi.blogspot.com/2018/03/tabua-peutinger-o-mapa-mundi-da-roma.html>>. Acesso em: 24 mar 2025.

IBGE. **As projeções cartográficas.** In: ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR IBGE. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <<https://atlasescolar.ibge.gov.br/cartografia/21733-as-projecoes-cartograficas.html>> Acesso em: 21 nov. 2024.

ISMAEL, L. S. Cartografia cognitiva: um instrumento de espacialização de informações geográficas. Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

JORNAL EXTRA. Parada Gay de Madureira é marcada por forte calor e presença de Ludmilla em trio. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/parada-gay-de-madureira-marcada-por-forte-calor-presenca-de-ludmilla-em-trio-22116200.html>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

Parada LGBT de Madureira, no Rio, interdita vias neste domingo. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/12/13/parada-lgbt-de-madureira-no-rio-interdita-vias-neste-domingo.ghtml>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

Travessa Almerinda Freitas, em Madureira, ganha placa de 'Rua da Diversidade'. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/rio/Travessa-almerinda-freitas-em-madureira-ganha-placa-de-rua-da-diversidade-22831908.html>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

JUNIOR, Amilton Quintela Soares, SANTOS, Mauro Augusto dos. A territorialidade e o território na obra de Robert David Sack. *Geografia*, v.27, n.1, p.07-25, Londrina, 2018.

LAWRENCE, M. M. Geografia humanista: Percepção e representação espacial. *Revista Geográfica de América Central*, v. 1, n. 52, p. 29-50, Herida, Costa Rica, 2014.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LES COLLECTIONS. Disponível em: <<https://www.reseau-canope.fr/musee/collections/fr/museum/mne/tableau-mural-carte-de-geographie-economique-et-agricole-de-la-france-les-boissons-vignobles-pays-a-cidre-et-abiere/62882e36c07506d9ad8e01ce>>. Acesso em: 24 nov. 2024.

LEME MAGAZINE, O. Disponível em: <<https://www.leme.pt/magazine/o-saber-nao-ocupa-lugar/calculada-a-medida-da-circunferencia-da-terra.html>>. Acesso em: 21 nov. 2024.

LIMA, A. da S. Atlas escolar de Sumaré (SP): os saberes produzidos nas práticas pedagógicas cotidianas de uma professora do 4º ano do Ensino Fundamental. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 2013. (Dissertação de Mestrado).

LIMA, R. J. de. Tem que estar no mapa porque faz parte do mundo: cartografia com crianças em Areal. Dissertação (Mestrado Acadêmico). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal Fluminense, 2014.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MADUREIRA: ONTEM e HOJE. Estação ferroviária Dona Clara. Disponível em: <https://www.facebook.com/MadureiraOntemeHoje/photos/madureira-antiga-esta%C3%A7%C3%A3o-de-dona-clara-1920a-esta%C3%A7%C3%A3o-de-dona-clara-foi-inaugurad/751714304942561/?paipv=0eeav=AfYXrVKnjkiYceJpsqruzoAZR_MyljkNFqg05bNLvUx6pqBUTOBL_9U9C0eep3_JGfEe_rdr>. Acesso em: 06 jun.2024.

MADUREIRA: ONTEM e HOJE. Mercado de Madureira. Disponível em: <https://www.facebook.com/madureiraontemehoje/photos/pb.100067163330502.-2207520000/5457169434397001/?type=3>. Acesso em: 06 jun.2024.

MADUREIRA: ONTEM e HOJE. Viaduto Negrão de Lima. Disponível em: <<https://www.facebook.com/madureiraontemehoje/photos/pb.100067163330502.-2207520000/4342558279191461/?type=3>>. Acesso em: 06 jun.2024.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Estudos do lazer - Uma introdução*. São Paulo: Autores Associados, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. *Lazer e cultura*. São Paulo: Alínea, 2007.

MARTINELLI, M. As representações gráficas da Geografia: os mapas temáticos. 2001. Tese (Livre-docência). FFLCH, USP, São Paulo.

MARTINELLI, M. *Cartografia Temática: caderno de mapas*. São Paulo: Edusp, 2003.

MARTINELLI, M. Pesquisa qualitativa: um caminho para a intervenção profissional. O social em questão, ano XI, n. 19, 31-44, 2008.

MARTINS, Jéssica Silva, FIORI, Sérgio Ricardo. Contribuições para uma cartografia turística: dos mapas feitos à mão aos digitais. *Continentes - Revista de Geografia, UFRRJ*, n.17, jul/dez, 2020.

- MEDEIROS, R. V. de, NASCIMENTO NETO, M. P. do, AZEVEDO, F. F. de, & BUENO, M. A. A Cartografia Escolar e os caminhos para a construção do pensamento geográfico. *Revista Brasileira De Educação Em Geografia*, 13(23), 05–27, 2023
- MENSURAR JUNIOR, A aplicação da cartografia no turismo. Seropédica, Engenharia de Agrimensura e Cartográfica, UFRRJ, 2012.
- MOREIRA, Ruy. *O pensamento geográfico brasileiro 2*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MOSCARDO, G. *Making visitors mindful: principles for creating sustainable visitor experiences through effective communication*. Illinois: Sagamore Publishing, 1999.
- MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcos. *Homofobia: a violência negada*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2001.
- MULTIRIO. Lazer em Madureira. Disponível em: <<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/468-lazer-em-madureira>>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- OFUXICO. Ludmilla puxará trio da Uber na Parada LGBT de Madureira. Disponível em: <<https://ofuxico.com.br/noticias/ludmilla-puxara-trio-da-uber-na-parada-lgbt-de-madureira>>. Acesso em: 29 maio 2025.
- PESSOA, Fábia. Evolução dos direitos da população LGBTQIA+ é examinada em audiência pública. Portal da Câmara dos Deputados, 21 jun. 2021. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdham/noticias/evolucao-dos-direitos-da-populacao-lgbtqia-e-examinada-em-audiencia-publica#:~:text=%E2%80%9CA%20popula%C3%A7%C3%A3o%20LGBTQIA%2B%20n%C3%A3o%20est%C3%A1,popula%C3%A7%C3%A3o%20aos%20direitos%20j%C3%A1%20conquistados%E2%80%9D>>. Acesso em: 14 maio 2025.
- PHEENO. Boate Papa G é vendida para empresária trans e passará por reforma geral. Disponível em: <<https://pheeno.com.br/2020/05/rj-boate-paga-g-e-vendida-para-empresaria-trans-e-passara-por-reforma-geral/>>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- PONTÃO DE CULTURA JONGO. Inauguração da Casa do Jongo na Serrinha. Disponível em: <<http://www.pontaojongo.uff.br/inauguracao-da-casa-do-jongo-na-serrinha>>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- PORTAL MADUREIRA. Empresária Trans, Compra Boate Papa G que passará por reforma geral.... Disponível em: <<https://portalmadureira.com/empresaria-trans-compra-boate-papa-g-que-passara-por-reforma-geral/>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

POVO NA RUA. Madureira Shopping recebe campanha de vacinação contra influenza. Disponível em: <<https://povonarua.com.br/madureira-shopping-recebe-campanha-de-vacinacao-contra-influenza/>>. Acesso em: 26 jun.2024.

PERET, Luiz Eduardo Neves. A consagração do GAYnius Loci: os encontros de Madureira, Rio de Janeiro. FCS/UERJ, p.01-15, 2005.

PINHEIRO, Fernanda. Representação política de candidatos LGBT+ no Brasil: análise das eleições de 2016 e 2020. In: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 46., 2022, Caxambu. *Anais* [...]. Caxambu: ANPOCS, 2022.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Página inicial**. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?id=8085887>>. Acesso em 26 jul. 2023.

Disponível em: <<https://www.rio.rj.gov.br/web/cedsrio/exibeconteudo?id=10510131>>. Acesso em 26 jul. 2023.

Viaduto de

Madureira: 25 anos de muito charme, dança e música black. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/portaldoservidor/exibeconteudo;jsessionid=4EDDF663CD4AF739CAAAD34FDA20DF6.liferay-inst3?p_p_id=exibirconteudoportlet_WAR_conteudoportlet_INSTANCE_Zm3jep_p_lifecycle=0ep_p_state=pop_uep_p_mode=viewep_p_col_id=_118_INSTANCE_XB7v__column-1ep_p_col_count=1e_exibirconteudoportlet_WAR_conteudoportlet_INSTANCE_Zm3j_structs_action=%2Fjournal_content%2Fviewe_exibirconteudoportlet_WAR_conteudoportlet_INSTANCE_Zm3j_groupId=2610797e_exibirconteudoportlet_WAR_conteudoportlet_INSTANCE_Zm3j_id=5752296e_exibirconteudoportlet_WAR_conteudoportlet_INSTANCE_Zm3j_viewMode=print>. Acesso em: 26 jun. 2024.

PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Prefeitura monta ação especial de apoio à 21ª Parada LGBTI de Madureira. 2024.** Disponível em: <<https://prefeitura.rio/cidade/prefeitura-monta-acao-especial-de-apoio-a-21a-parada-lgbti-de-madureira/>>. Acesso em: 29 maio 2025.

REINHOLZ, Fabiana. Espaços que historicamente nos foram negados. Brasil de Fato, 03 nov. 2024. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2024/11/03/espacos-que-historicamente-nos-foram-negados-confira-as-propostas-de-representantes-lgbtqiapn-no-rs/>>. Acesso em: 14 maio 2025.

- RIBEIRO, V. H. ; GHIZZO, M. R. Geografia e Cartografia: Breve contextualização histórica. *Revista Percurso*, v. 4, n. 1, p. 61-83, 2012.
- RICHTER, Denis. A leitura e análise espacial por meio de mapas mentais na Geografia escolar. *Revista Signos geográficos*, v.4, Goiânia, 2022.
- RIOTUR.RIO. **Feira das Yabás.** In: FLICKR. [S. l.]: RIOTUR.RIO. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/riotur/10425218854/in/photostream/>>. Acesso em: 26 jun. 2024.
- ROCHA, Décio. A Entrevista em situação de pesquisa acadêmica: Reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia*, [S. l.], v.8, n.08, p.161-180, 2004.
- SACIT ÁMETAM. Disponível em: <<http://revistasacitametam.blogspot.com/2010/02/mapa-de-eratostenes.html>>. Acesso em: 21 nov.2024.
- SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela. **Territorialidades humanas e redes sociais**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2013.
- SAIBA HISTÓRIA. Freguesia de N. S. da Apresentação de Irajá. Disponível em: <<https://saibahistoria.blogspot.com/2021/09/freguesia-de-iraja.html>>. Acesso em: 06 jun. 2024.
- SANTAELLA, L. *O que é semiótica?* 32. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- SANTOS, Clezio dos. A cartografia e seus saberes na atualidade: uma visão a partir do ensino superior de geografia no estado de São Paulo. 2009. Tese (Doutorado em Geografia) — [S.I.]: [s.n.], 2009. Orientadora: Yara Kulaif. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1610315>. Acesso em: 4 jul. 2025.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, Milton. *Território, territórios - Ensaios sobre o ordenamento territorial*. Rio de Janeiro: DP e A editora, 2006.
- SANTOS, Renan Henrique Cirilo dos. Transporte público e possibilidades turísticas: A potencialidade de Madureira, um bairro multicultural. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2016.
- SAQUET, Marcos Aurelio. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade. IN: *Geosul*, v.22, n.43, p.55-76, Florianópolis, 2007.
- SAQUET, Marcos Aurelio, BRISKIEVICZ, Michele. Territorialidade e identidade: um patrimônio no desenvolvimento territorial. *Caderno Prudentino de Geografia*, v.01, n.31, p.03-16. Presidente Prudente, 2009.

SILVA, C. B. da. Rio São Francisco: um lugar-território. *Revista Cerrados*, [S. l.], v. 18, n. 02, p. 319–343, 2020. DOI: 10.46551/rc2448269222020. Disponível em: <<https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/cerrados/article/view/3136>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

SILVA, L. R. *Lazer e diversidade: Desafios para inclusão de grupos minoritários*. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

SILVA, L. R. *Mapas da diversidade: Cartografia social e a representação LGBTQIA+ no espaço urbano*. São Paulo: Boitempo, 2021.

SILVA, Vitória Régia da. Frente nacional transpolítica busca garantir a permanência de pessoas trans na política. *Gênero Número*, 28 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.generonumero.media/reportagens/frente-transpolitica/>>. Acesso em: 14 maio 2025.

SIMOR, Caroline. **Por um mercado de trabalho que não julgue cor, credo e orientação sexual.** Disponível em: <<https://www.upf.br/noticia/por-um-mercado-de-trabalho-que-nao-julgue-cor-credo-e-orientacao-sexual#:~:text=De%20acordo%20com%20o%20levantamento,medo%20de%20perderem%20o%20emprego./>>. Acesso em: 14 mai. 2025.

SOMBRA, Daniel, RODRIGUES, Gilberto Pereira, PINHO, Danilo do Rosário. Cartografia participativa como diálogo entre saberes: ontologia, epistemologia, metodologia e aplicações na construção social do conhecimento. *Ensaios de Geografia*, v.8, n.16, p.45-74, Niterói, 2022.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Geografia: conceitos e temas**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 77-113.

TARGINO, T. M. F.. Aquisição de conceitos cartográficos a partir do trabalho com o atlas escolar da cidade do Rio de Janeiro. FFLCH, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005. (Dissertação de Mestrado).

TE VEJO AQUI. **20* Parada Gay de Madureira.** Disponível em: <<https://tevejoaqui.com/2023/12/13/20-parada-gay-de-madureira/>>. Acesso em: 26 jun. 2024.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso - A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2019.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. **Marcelo Crivella é eleito prefeito do Rio de Janeiro (RJ) com 59,37% dos votos válidos.** Brasília, DF. Disponível em:

<<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2016/Outubro/marcelo-crivella-e-eleito-prefeito-do-rio-de-janeiro-rj-com-59-37-dos-votos-validos?SearchableText=Marcelo%20Crivella%20e%20Marcelo%20Freixo>>. Acesso em: 28 maio 2024.

UOL. Banheiro gay em escola de samba gera polêmica no Rio. *UOL Notícias*, 07 jan. 2011. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/01/07/banheiro-gay-em-escola-de-samba-gera-polemica-no-rio.htm>>. Acesso em: 29 maio 2025.

WALDMAN, M. Todos os caminhos levam a Roma: a Cartografia dos césares, Tábua Peutinger e os limites do espaço. *Geografia*: Londrina, 22(1), 59–77, 2014.

**APÊNDICE 1 : QUESTIONÁRIO APLICADO A HOMENS GAYS
FREQUENTADORES DO LUGARES DE LAZER DO BAIRRO**

1- Qual é a sua idade? _____

2- Você se identifica com qual gênero? Homem Cis gênero Homem Trans gênero

3- Qual é a sua orientação sexual?

Gay Bissexual Transgênero Intersexual Pansexual

4 - Qual é a sua escolaridade?

Ensino Fundamental Incompleto Ensino Fundamental Completo

Ensino Médio Incompleto Ensino Médio Completo

Ensino Superior Incompleto Ensino Superior Completo Pós-Graduação

5- Qual é a cor de sua pele?

Preta Parda Branca Indígena Amarela / Asiática

6- Qual a sua ocupação profissional? _____

7- Qual é a sua faixa salarial?

Até 1 salário mínimo de 1 a 3 salários mínimos de 3 a 5 salários mínimos

de 5 a 15 salários mínimos Acima de 15 salários mínimos

8- Qual é o bairro e a cidade que você reside? _____

9- A sua orientação sexual é abertamente assumida? _____

10- Quais os lugares de lazer gay você frequenta no bairro de Madureira? _____

11- Quantas vezes ao mês você frequenta esses lugares de lazer gay em Madureira? _____

12- Qual é o meio de transporte utilizado por você para chegar até esses lugares em Madureira? _____

13- Esses espaços de lazer são gratuitos ou é cobrado algum valor para utilizá-los? Se for cobrado alguma quantia, diga qual é o valor em média pago para acessar esses lugares? _____

14- Você busca esses espaços de lazer a procura de qual objetivo? _____

15- A quanto tempo você frequenta os espaços de lazer gay em Madureira? _____

16- Você considera que os espaços de lazer gay no bairro de Madureira são de difícil acesso? Por quê? _____

17- Esses espaços possuem infra-estruturas? Explique um pouco a sua resposta: _____

18- Por que você escolheu o bairro de Madureira para usufruir do lazer gay? _____

19- Lazer para você é o que? _____

20- Para você, esses espaços de lazer gay contribuem de alguma forma para dar visibilidade às pautas dos direitos dos gays? Justifique a sua resposta: _____

21- Você já sofreu preconceito, discriminação ou assédio por ser gay em um ambiente de lazer que não fosse exclusivamente gay? _____

22- Nos espaços de lazer gay em Madureira possui policiamento ou não? Você se sente seguro? _____

23- Há políticas públicas por parte do governo que visam a melhora desses espaços e a segurança dos frequentadores? _____

24- Na sua opinião, ao frequentar os lugares de lazer gay em Madureira te faz ser protagonista de sua própria história? Ou você não considera que ao frequentar esses lugares como sendo um ato político? Justifique a sua resposta: _____

25- Geralmente você usa mapas no seu dia-a-dia? Se a resposta for afirmativa, descreva as

situações do seu cotidiano que você faz uso dos mapas: _____

26- Você sabe se localizar nos mapas? _____

27- O que o mapa significa para você? _____

28- Você concorda com a produção de um mapa turístico de Madureira onde estejam localizados todos os espaços de lazer gay do bairro? Por quê? _____

29- Desenhe em uma folha em branco um mapa rascunhado do bairro de Madureira localizando todos os lugares gays que você frequenta, já frequentou ou que gostaria de frequentar e as principais ruas do bairro. Esse rascunho de mapa pode ser feito a lápis ou a caneta e não é necessário ser colorido.